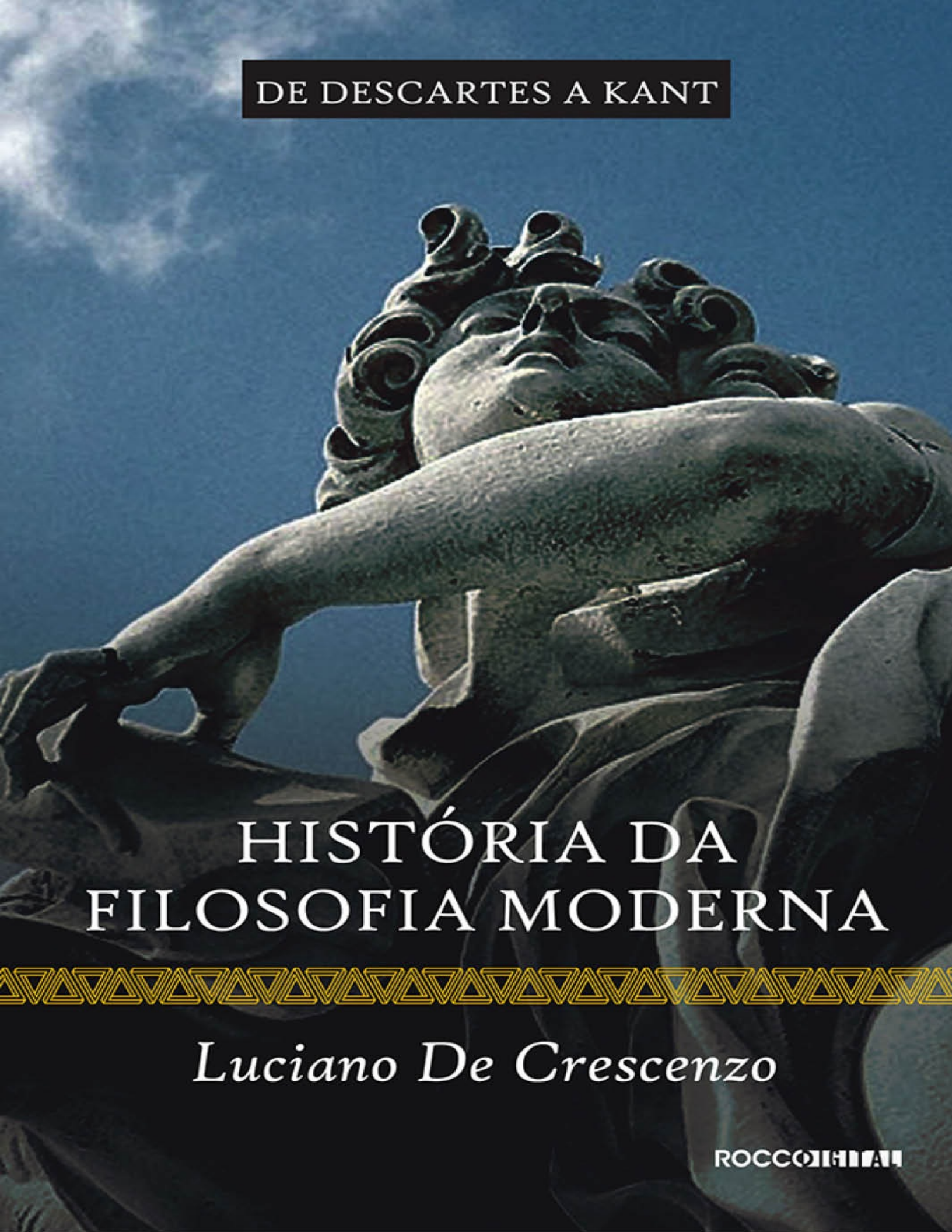

DE DESCARTES A KANT
HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA
Luciano De Crescenzo
ROCCO DIGITAL

Luciano De Crescenzo

HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA

de Descartes a Kant

Tradução de
Mario Fondelli

ROCCO JOVENS LEITORES

Título original
STORIA DELLA FILOSOFIA MODERNA
DA CARTESIO A KANT

Copyright © 2004 *by* Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Revisão técnica
FELIPE ANTUNES DE OLIVEIRA

Preparação de originais
MARIA ANGELA VILLELA

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa: MARIO GUILHERME

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

D35h
De Crescenzo, Luciano, 1928-
História da filosofia moderna [recurso eletrônico]: de Descartes a Kant / Luciano De Crescenzo; tradução de Mario Fondelli. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital

Tradução de: Storia della filosofia moderna: da Cartesio a Kant
Formato: e-Pub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8122-084-0 (recurso eletrônico)

1. Filosofia moderna – História. 2. Filósofos modernos. 3. Filosofia – História. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

12-4419 CDD–190 CDU–1(4/9)

PREMISSA

A filosofia moderna deste livro é sem dúvida alguma mais moderna do que a do volume anterior, que vai de Nicolau de Cusa a Galileu. Esta, por sua vez, vai de Descartes a Kant. Mas vamos, primeiro, tentar definir o que significa "filosofia moderna". Trata-se de uma expressão que junta o advérbio *modo* e o adjetivo *hodiernus*, onde *modo* significa "agora" e *hodiernus* quer dizer "atual". Depois, para complicar a nossa vida, aparecerá então a "filosofia contemporânea", que é ainda mais recente.

Em termos de datas, podemos dizer que a filosofia pode ser dividida em quatro partes básicas: a grega, que vai de 700 a.C. a 400 d.C., a medieval, que começa em 400 e termina em 1400, a moderna, que vai de 1400 a 1800, e finalmente a contemporânea, que começa em 1800 e dura até hoje. Tudo isto, é claro, com uma certa aproximação.

Quem marca a virada entre as duas filosofias modernas é Descartes. A primeira ainda sofria a influência dos séculos obscuros. Trocando em miúdos, quem mandava continuava sendo a Igreja, e não era por acaso que as escolas eram dirigidas pelos padres. Com a segunda, por sua vez, a mundo dividiu-se em dois hemisférios distintos e separados: de um lado ficavam aqueles que gostavam mais de raciocinar, do outro aqueles que preferiam crer.

O leitor, *dependendo de que lado da cerca se sinta mais confortável*, pode ler ou não este livro.

L.D.C.



René Descartes (1596-1650)

I
RENÉ DESCARTES

Se duvido, penso, se penso, existo, e se existo, Deus também existe. Todo o pensamento de Descartes resume-se afinal nestas poucas palavras. Todo o resto é praticamente dispensável.

A vida

René Des Cartes, ou Descartes, ou Cartesius, ou Das Cartas, nasceu em La Haye, em Turenne, em 1596, de uma família da pequena nobreza francesa. Foi chamado René, isto é, "renascido", porque logo que estreou no mundo correu o risco de morrer e só conseguiu sobreviver graças à parteira.

Ao ficar órfão da mãe, antes de completar um ano de idade, ficou aos cuidados de uma avó e da parteira que o ajudara a nascer. Com nove anos, foi enviado a uma escola jesuítica, a de La Flèche, onde enfrentou os estudos obrigatórios da época, isto é, a gramática por quatro anos, a retórica por dois e a filosofia por três.

Para o jovem Descartes, no entanto, os jesuítas não passavam de um bando de chatos, pois durante as aulas pretendiam o mais absoluto silêncio, e ele, irrequieto daquele jeito, era um verdadeiro criador de caso. Havia sempre alguma coisa com que não concordava e sobre a qual tinha vontade de discutir, ou, melhor dizendo, brigar. Acabou sendo unanimemente odiado por todo o corpo docente.

De manhã gostava de levantar bem tarde, nunca antes do meio-dia, e não era o que poderia ser chamado de um grande leitor. Pelo que nos conta Voltaire, nunca lera algo que lhe parecesse realmente valer a pena. Nem mesmo os Evangelhos. Uma lida rápida era-lhe suficiente para avaliar um livro. Costumava afirmar: "Umas poucas páginas e uma simples olhada nas ilustrações já bastam. Tudo mais é inútil: foi escrito só para encher as páginas."

Misantropo e vegetariano, vestia-se quase sempre de preto. Tinha uma cabeleira desgrenhada e o seu olhar, um tanto bovino, expressava mais nojo

do que apreço pelos seus similares (que provavelmente ele nem considerava tão *similares*). Em resumo, era o que costumamos chamar de um temperamento difícil.

Mais tarde mudou-se para Poitiers, onde se formou em direito. Concluídos os estudos, decidiu ir para a Holanda, onde, ao que parece, as autoridades eclesiásticas eram menos rígidas. Foi nesta época que escreveu:

Depois que levei a cabo os meus estudos vi-me perdido entre infinitos erros e dúvidas. Tinha a impressão de ter estudado somente para descobrir a minha imensa ignorância.

Durante a Guerra dos Trinta Anos, alistou-se como "cavalheiro voluntário", primeiro no exército protestante do príncipe Maurício de Nassau-Orange e depois no católico, do duque da Baviera, como salientasse que para ele qualquer religião dava no mesmo. E foi justamente nessa época que criou as bases para duas importantes amizades: a primeira com um teólogo de ampla visão, Marin Mersenne, e a segunda com o médico e cientista holandês Isaac Beeckman. Estes dois relacionamentos contribuíram para aumentar o seu interesse pelas ciências exatas.

Aconteceu, no entanto, uma coisa bastante estranha: certa manhã, quase ao alvorecer, teve três sonhos, um mais aflitivo do que o outro. No primeiro, viu-se cercado por um grupo de fantasmas que o faziam rodar sobre si mesmo como um pião; no segundo, ficou mergulhado num mar de faíscas de fogo; e no terceiro, foi agredido por um homem que quis recitar a qualquer custo uma poesia intitulada *Est et non*. Qual fosse, afinal, o sentido destes sonhos, nunca se soube. Ele, de qualquer maneira, interpretou-os como uma mensagem divina que o impingia a procurar o verdadeiro significado da vida. Decidiu então visitar o santuário de Nossa Senhora do Loreto, com o firme propósito de não sair daquele sagrado lugar até descobrir alguma coisa em que acreditar. Obviamente não conseguiu e a partir daí perdeu todo e qualquer interesse pelas coisas, por assim dizer, abstratas, ou seja, a religião, a magia e a astrologia, e elegeu a matemática como seu principal interesse.

Sem nunca deixar esta postura, ou, melhor dizendo, sempre raciocinando desta forma, morreu em fevereiro de 1650. Em setembro de 1649, havia sido convidado pela rainha Cristina da Suécia para dar uma série de aulas de filosofia no palácio real. Infelizmente, no entanto, a rainha pretendia que as aulas fossem dadas às cinco horas da manhã e estas saídas ao

alvorecer foram funestas. Uma vez que não estava acostumado com os rigores do clima nórdico, pegou uma pneumonia que lhe foi fatal.

As obras

Descartes teve uma produção muito abundante. Entre as numerosas obras que nos legou, podemos lembrar o *Discurso do método*, *As paixões da alma* (1649), as *Meditações* (1641) e os *Princípios da filosofia* (1644). O ensaio que, no entanto, criou para ele os maiores problemas foi *O mundo* (a primeira parte de um tratado de física e antropologia[1]), no qual aceitava com entusiasmo as teses de Copérnico que colocavam o Sol no centro do Universo. Pois é, naquela época bastava uma alusão ao nascimento de Jesus sugerindo que podia ter acontecido num lugar não propriamente no centro do cosmo para se ser imediatamente processado. A Santa Inquisição não perdoava e, depois daquilo que acontecera com Galileu, não havia mais qualquer margem para arriscar. Descartes achou então por bem não publicar *O mundo* na íntegra, entregando ao prelo somente aquelas partes que nada tinham a ver com o heliocentrismo. Nasceram dali três ensaios, a *Diótrica*, os *Meteoros* e a *Geometria*, mais uma introdução intitulada *Discurso do método*. O resto, com o título de *O mundo* ou *Tratado da luz*, saiu muitos anos mais tarde, quando ele já tinha morrido (em 1664) e descansava no túmulo.

O Discurso do método

O *Discurso* está dividido em seis partes: a primeira trata da Ciência; a segunda, das regras indispensáveis para raciocinar; a terceira, da Moral; a quarta, de Deus; a quinta, da Física, e a sexta, da Natureza.

Tudo começa com um elogio do bom senso. Cada um de nós, ele afirma, está provido de uma quantidade suficiente dele. Mas o que vem a ser, afinal, o bom senso? "É a faculdade de distinguir o verdadeiro do falso, ou, pelo menos, o provavelmente verdadeiro do provavelmente falso. O importante é não se deixar levar pelo entusiasmo." Em outras palavras, ele nos aconselha a praticar a dúvida toda vez que somos forçados a expressar uma opinião. Então, falando de si mesmo, afirma:

Fui instruído nas letras desde menino, mas logo que concluí os meus estudos, descobri a minha ignorância. Em compensação, com o passar do

tempo compreendi quão importantes eram a leitura e a pesquisa. A leitura de um livro é uma conversa com o autor. Ler, portanto, é como viajar. E podemos dizer o mesmo da matemática, da música, da filosofia e da poesia. Diante do grande número de matérias, no entanto, decidi começar a estudar a mim mesmo.

E depois explica: conhecer os costumes dos outros povos é muito útil, principalmente para compará-los com os nossos. O importante, de qualquer maneira, é não se deixar levar pelas coisas já ditas no passado: dessa forma, com efeito, corremos o risco de subestimar o presente. Descartes também nos conta que, quando jovem, considerava a eloquência e a poesia qualidades inatas, enquanto mais tarde, com a maturidade, chegara à conclusão de ambas serem fruto da aplicação e do estudo.

E aqui estão, na segunda parte do *Discurso do método*, as principais regras que precisamos respeitar. A primeira é a de nunca aceitar coisa alguma como verdade provada só porque a tradição assim disse; a segunda é dividir todo problema grande em vários pequenos problemas; a terceira a de remontar dos problemas pequenos ao problema grande; e a quarta a de verificar que não esqueçamos nada. Dito em outras palavras, as regras acabam sendo: a Evidência, a Análise, a Síntese e a Verificação.

Na terceira parte, ele nos dá três conselhos práticos que têm a ver com a moral e a sobrevivência. O primeiro é obedecer às leis e aos costumes do país em que vivemos e, em caso de dúvida, manter-se fiel às opiniões mais moderadas. Escolhendo o caminho mediano, afirma, mesmo quando erramos acabamos errando menos. O segundo é não mudar de direção no caso de ficarmos meio perdidos. Vamos supor, ele diz, que ficamos perdidos no meio de um bosque. Nunca vá ora para um lado, ora para outro. É muito melhor escolher uma direção qualquer e mantê-la até sair da floresta. Terceira e última norma, a de contar mais com as nossas próprias forças do que com a sorte. O nosso bom senso, ele salienta, leva-nos a desejar somente coisas possíveis e a desconfiar das extremamente improváveis, tais como a Megassena acumulada, só para dar um exemplo. Obviamente, Descartes nunca menciona a Megassena, mas dá para entender que este era o sentido.

De qualquer forma, a parte mais interessante do *Discurso* é a quarta, a que se resume na famosa afirmação *"Cogito ergo sum"*. O pensamento é tão linear que pode até parecer elementar. Basicamente, Descartes diz o

seguinte:

Em lugar de acreditar que tudo é verdade, prefiro supor que tudo é falso, para então averiguar se ainda sobrou de pé alguma coisa na qual acreditar. A única coisa certa que sei é que estou pensando. Se penso, no entanto, também significa que existo, e se existo significa que existe alguém que me botou no mundo. Depois disso, então, decido chamar de "Deus" este alguém que me criou, e de "alma" a coisa que está dentro de mim e que não para de pensar.

Na sexta parte do livro, Descartes faz alguma alusão a Galileu, embora nunca mencione o seu nome:

Sobre a Física e a Natureza já foram ditas muitas coisas importantes e, na verdade, eu também gostaria de dizer o que penso. Acabei então sabendo que certas pessoas, diante das quais me curvo, haviam desaprovado as opiniões de outro estudioso nas quais, francamente, eu não encontrara coisa alguma que pudesse ser considerada prejudicial à Religião, e isso foi suficiente para que, a partir daquele dia, eu decidisse nunca mais publicar coisa alguma sobre o assunto.

As Meditações

Nas *Meditações* Descartes volta a falar de Deus e da alma:

Estes dois conceitos são sem dúvida alguma os mais importantes que se possam ter. E isso não quer dizer que se possa alcançá-los somente pela Fé. Às vezes a Razão por si só já poderia bastar. Por isso mesmo peço que aqueles que desejarem ler estas Meditações não se contentem com um juízo preconcebido, mas sim que leiam todas as objeções possíveis, assim como todas as respostas possíveis.

Depois disso, fecharei os olhos e tamparei os ouvidos. Apagarei todos os meus sentidos, tirarei da memória todas as imagens que armazenei e tentarei tornar-me mais conhecido a mim mesmo.

Eu sou um ser que pensa, que duvida, que nega, que só conhece umas poucas coisas e ignora muitas, que odeia, que quer e não quer, que imagina, que ama e que sente. E que apesar de saber que estas coisas todas poderiam não existir, sabe mesmo assim que existem, todas, dentro do seu cérebro.

Conclusões

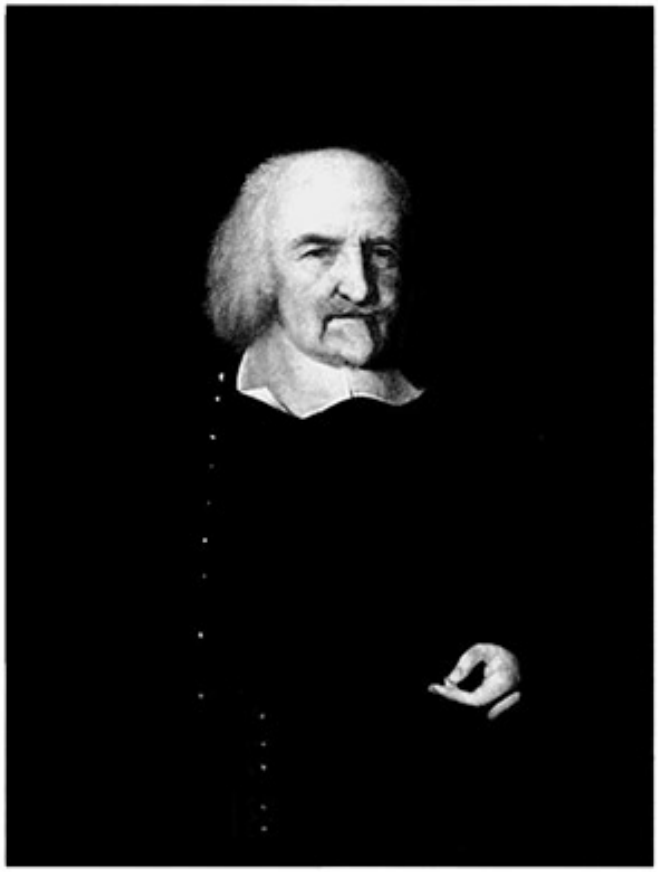
Vamos então procurar entender o que Descartes foi para a história do pensamento. Ele deslocou de alguns centímetros Deus e a Fé, a fim de abrir um pouco de espaço para o Homem e a Razão, sem contudo tirar da Religião todos os méritos que lhe deviam ser reconhecidos.

A propósito de Descartes,

muitos acreditam que as coordenadas cartesianas foram uma invenção dele. Nada de mais errado: as coordenadas foram inventadas muitos anos antes e usadas pelos egípcios, pelos árabes, pelos gregos e pelos romanos. Também há quem atribua a sua invenção a Hiparco, a Arquimedes ou a Apolônio de Perga. Ele, o nosso Descartes, limitou-se a desenhá-las num seu ensaio intitulado, justamente, Geometria.

Eu, pessoalmente, recorri com fartura a elas no meu livro Così parlò Bellavista. *Usei-as para dividir os seres humanos em duas categorias: os amantes da Liberdade, que coloquei no eixo vertical, e os amantes do Amor, que coloquei no eixo horizontal. Bem no meio, no setor limitado pelos dois eixos, todos os demais.*

1 A segunda parte era intitulada *O homem*.



Thomas Hobbes (1588-1679)

II
THOMAS HOBBES

Se Descartes já era racionalista, Hobbes então era muito mais, embora de um jeito totalmente dele. As frases que o tornaram famoso foram: *homo homini lupus* ("o homem é o lobo do homem") e *bellum omnium contra omnes* ("guerra de todos contra todos").

A vida

Thomas Hobbes nasceu prematuro, em 1588, em Malmesbury. A mãe estava no sétimo mês de gravidez quando soube que Felipe II havia deixado Lisboa com uma frota formada por 130 navios, trinta mil homens e 2.400 canhões. Disseram-lhe que os espanhóis iriam invadir a Inglaterra, violentando todas as mulheres inglesas, sem se importarem se elas estavam ou não grávidas, e isso bastou para fazer com que ela parisse dois meses antes da hora. Alguns anos mais tarde, o filósofo escreveu que "ele e o medo haviam nascido juntos". À parte o nascimento prematuro, Hobbes não teve uma infância fácil. O pai, um pastor anglicano, era um homem bastante grosseiro e nervoso. Depois de algum tempo, abandonou a mulher e os filhos e sumiu de vez. As crianças ficaram aos cuidados de um tio paterno.

Seja como for, mesmo esquecendo a *Armada Invencível*, aqueles eram tempos realmente difíceis. Ao longo da sua vida, Hobbes teve a oportunidade de "assistir pessoalmente" à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), às lutas entre anglicanos e presbiterianos, a umas duas guerras civis, à decapitação de Carlos I em 1649 e à ascensão ao poder dos Cabeças Redondas de Cromwell. Nenhum desses acontecimentos, no entanto, chegou realmente a transtorná-lo. Ele, como bom filósofo, limitou-se sempre a cuidar da sua própria vida e, toda vez que a situação se tornava perigosa demais, aprontava as malas e partia.

Estudou em Oxford, onde conseguiu o título de bacharel em artes. Arrumou então um emprego como preceptor na família Cavendish, para ali

ficar com casa, comida e roupa lavada por mais de trinta anos. Foi tão bem-sucedido como mestre particular que com o seu único pupilo (o jovem barão Cavendish, quase da mesma idade que ele) visitou a França, a Alemanha e a Itália. Na França conheceu Pierre Gassendi e o padre Marin Mersenne, que por sua vez lhe apresentou Descartes. Na Itália, finalmente, instalou-se em Pisa, onde instaurou os laços de uma sincera e quase afetuosa amizade com Galileu.

Conhecia o grego e o latim praticamente tão bem quanto o inglês. Traduziu os *Elementos de geometria*, de Euclides, a *Guerra do Peloponeso,* de Tucídides, e todas as obras de Homero, mas recusou-se terminantemente a publicar as traduções, provavelmente devido ao desprezo que sentia pelos seus contemporâneos. Como caráter, era o que de pior se poderia imaginar. Costumava dizer: "A vida é um nojo. Fico pensando o tempo todo no suicídio." Acabou morrendo de morte natural, na sua própria cama, com 91 anos de idade.

As obras

Hobbes ficou mais de meio século sem publicar coisa alguma. Então, certo dia, talvez solicitado pelo patrão, o barão Cavendish, escreveu um ensaio intitulado *Os elementos da lei natural e política*. As melhores obras, no entanto, aquelas que o tornaram famoso, só tomaram forma quando ele já estava com bastante idade. Entregou ao prelo, um depois do outro, o *De corpore*, o *Do cidadão*, o *De homine* e o *Leviatã*. Já estava com oitenta anos quando publicou o *Diálogo entre um filósofo e um jurista*, ao qual se seguiu, dois anos mais tarde, o *Behemoth*, que era o relato de uma guerra civil.

No *Do cidadão*, faz uma comparação entre os direitos do soberano e os deveres do cidadão. No *De corpore*, analisa a Matéria e o Movimento, afirmando que à física cabe o estudo da Matéria, e à geometria o do Movimento, para em seguida acrescentar que os homens estão sujeitos a ambos os fenômenos, e pior para eles se não estudarem. No *De homine*, finalmente, sustenta que, além dos problemas físicos, também é preciso levar em conta as atividades psíquicas, incluindo nelas o sentimento religioso, a amizade e o amor.

A mais importante das suas obras, no entanto, foi sem dúvida alguma o *Leviatã*. Quanto ao título, ele pegou emprestado da Bíblia, mais

precisamente do XVI Livro de Jó (41.25). Nesse livro, Hobbes compara o Estado com uma cobra enroscada de aspecto horroroso. É um monstro, ele diz, que mais do que qualquer outra coisa almeja o Poder, isto é, o domínio absoluto sobre todos os povos. E depois disso ele nos apresenta o Estado como um fantoche que segura uma espada na mão direita e um cetro na esquerda, com uma coroa na cabeça e milhares de caveiras amontoadas sobre o corpo.

O pensamento

Para se entender Hobbes basta ter em mente Jesus: um é exatamente o contrário do outro. Todo homem, diz o filósofo, deseja apropriar-se dos bens dos seus similares e considera todos os outros homens seus concorrentes diretos, que só pensam em passar-lhe a perna (*homo homini lupus*). E isso acontece porque na própria essência fundamental do homem há uma *cupiditas naturalis*, que o opõe aos demais seres vivos e homens. Sendo assim, o medo o força a abdicar em favor do Estado, cuja tarefa consiste em conciliar os interesses individuais com os interesse comuns. Este é, em resumo, o âmago do seu pensamento, também conhecido como "egoísmo hobbesiano".

Hobbes está convencido de que uma boa ditadura é melhor do que uma má democracia. O problema está na medida: até um certo ponto a ditadura convém; a partir daí, no entanto, é preferível a anarquia. Para indicar o limite, o ponto que não deve ser superado, ele usa a palavra *Behemoth*, isto é, o nome de um monstro que se alimenta dos seus próprios concidadãos. *Behemoth* é o Não Estado, ou, melhor dizendo, a ausência da Lei.

Vale a pena notar um pequeno trecho incluído no ensaio intitulado *Os elementos da lei natural e política*. Hobbes afirma que quando um corredor vê um adversário cair, é natural que fique com vontade de rir. Os animais, no entanto, não riem, a não ser as hienas, que soltam sons vagamente parecidos com risadas. E então fico pensando por qual motivo, em vez de *homo homini lupus*, ele não disse *homo homini hyena*?

Outra ideia fixa dele é a importância do corpo. Tudo aquilo que existe, ele afirma, tem um corpo. Assim sendo, até Deus deveria ter um. Imaginá-Lo sem corpo seria o mesmo que duvidar da sua existência, e sobre este assunto (assim como sobre o livre-arbítrio) ficou brigando o tempo todo com o bispo Bramhall.

Não tinha a menor simpatia por Sócrates, Platão, Aristóteles e, principalmente, Diógenes. Em compensação apreciava Bacon, Descartes e Galileu. Certo dia deixou escapar que no futuro gostaria de ser lembrado como o Galileu da política.

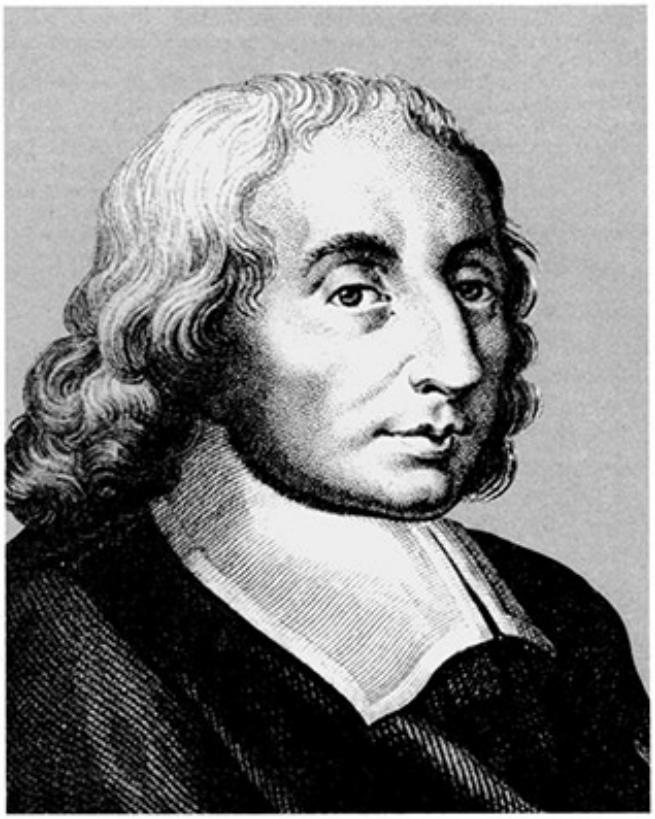
Já no fim da vida, numa carta enviada ao conde de Devonshire, expressa como seu maior desejo a morte de todos os filósofos desmiolados e a sobrevivência apenas dos políticos, os únicos, no seu entender, que mereciam viver. Raciocinar, para ele, não era só examinar o mundo e, digamos assim, ficar refletindo a respeito, mas sim fazer contas, isto é, somar e subtrair dados. Tudo o mais, inclusive os sentimentos, a poesia, a música e as artes, não passava de mera perda de tempo.

A propósito de Hobbes,

não posso deixar de lembrar carinhosamente o meu adorado Sócrates.

Sócrates também estava convencido de que os homens consideravam inimigos todos os demais homens. Ao contrário de Hobbes, no entanto, compreendera que não era conveniente prejudicar os próprios adversários. Ele defendia o princípio pelo qual se vive melhor praticando o bem antes que o mal. Se quase ninguém se dá conta disso é porque a maioria dos homens é ignorante e confunde o ter com o ser. Os homens maus, com efeito, antes mesmo de serem maus são simplesmente idiotas.

Se tivesse nascido quatro séculos mais tarde, Sócrates, apenas por ter expressado este pensamento, em vez de ser condenado a tomar cicuta teria sido crucificado.



Blaise Pascal (1623-1662)

III
BLAISE PASCAL

Toda vez que abria a boca, o garotinho Pascal não fazia outra coisa a não ser perguntar "por quê?". Quem nos conta isso é a sua irmã, Gilberte: "Desde a mais tenra idade, o meu irmão sempre deu provas de uma inteligência extraordinária, nem tanto pelas respostas quanto pelas perguntas."

Em outras palavras, era uma criança curiosa. Às vezes o pai, Étienne Pascal, presidente da Comissão de Impostos, apesar de amá-lo de todo o coração, ficava farto de toda aquela conversa. "Já chega, Blaise!", dizia. "Pense em tomar sua sopa, pois do contrário a comida esfria."

A vida

Blaise Pascal nasceu em Clermont-Ferrand, em 1623. Com três anos de idade ficou órfão da mãe. Quem cuidou da sua educação foi basicamente o pai. O menino se apaixonava por qualquer coisa nova que aparecesse diante dele e, particularmente, pela geometria. O matemático La Pailleur, amigo da família, certo dia ficou espantado com a sua precocidade e decidiu levá-lo à academia do padre Mersenne, a mesma que já havia sido frequentada por Descartes. Os membros desta academia reuniam-se uma vez por semana e conversavam sobre assuntos de interesse comum.

"O meu irmão", conta Gilberte, "nunca frequentou uma escola, e, a não ser por meu pai, nunca teve um preceptor. A sua curiosidade, entretanto, era irreprimível. Lembro que certa vez, à mesa, alguém bateu no próprio prato com a faca. Isto provocou um ruído e ele quis logo descobrir o motivo. No dia seguinte escreveu um tratado sobre o assunto. Estava com apenas doze anos."

Nesta mesma época, reconstituiu as proposições de Euclides e elaborou um *Saggio sulle coniche*. Aos dezenove anos de idade construiu o primeiro computador da história, isto é, uma máquina calculadora toda cheia de

cilindros e alavancas internas que, sem a ajuda de uma caneta, conseguia fazer adições e subtrações.

"Esta invenção", escreve Gilberte, "transforma em mecanismo aquilo que para os outros é apenas raciocínio."

Pascal inventou-a para ajudar o pai no seu trabalho como coletor de impostos. Conseguiu até patenteá-la. Hoje em dia a máquina é conhecida como *Pascaline* e pode ser vista em Paris, no Conservatório das Artes e Ofícios. Se a tivesse inventado três séculos e meio mais tarde, teria se tornado um bilionário como Bill Gates.

Em 1646, Pascal descobriu que o ar era mais pesado que o vazio. Estudando as teorias de Evangelista Torricelli, percebeu que, nas montanhas, à medida que se subia, a pressão tornava-se cada vez mais baixa. Até então, quase todos estavam convencidos de que o vácuo não podia ser observado, como se "a natureza tivesse horror a ele". Então, graças a Deus e graças também a alguns gênios, como justamente Torricelli, chegou-se à conclusão de que se tratava meramente de um problema de peso. Blaise escreveu a respeito um ensaio chamado *Tratado sobre o vácuo*, do qual infelizmente sobraram somente alguns fragmentos.

Por mais improvável que isso possa parecer, até Pascal teve o seu momento mundano. Por volta de 1650 começou a frequentar uma turma de boas-vidas que só pensavam em comida, festas e bons vinhos, até que certo dia teve uma crise mística e nunca mais quis saber do assunto. O responsável pela repentina mudança foi o bispo de Ypres, um certo Jansênio. O homem estava convencido de que o Pecado Original era a causa de todos os males e, portanto, também daqueles que afligiam Pascal. Bom, seja como for, acontece que a partir daquele dia Blaise se tornou um misantropo, afastado de todos e alheio a qualquer amizade com os seus similares, ou, como se costumava dizer naquele tempo, "um solitário do mosteiro de Port-Royal". A única pessoa com quem conseguia falar era Jacqueline, a irmã caçula, uma santa mulher que se tornara freira naquela mesma abadia.

Nos últimos anos de vida, Pascal escreveu um *Memorial*, algumas frases do qual foram encontradas por um criado no dia em que morreu, costuradas na roupa que vestia:

Certeza certeza,
sentimento, alegria e paz,

esquecimento do mundo e de tudo,
a não ser de Deus.
Doce e total renúncia.

Morreu em 1662, antes mesmo de completar quarenta anos.

As obras

Quanto a escrever, escreveu muito, mas quase sempre na mais total falta de ordem. Deixava pensamentos e reflexões por toda parte, em folhas soltas, em tabuletas de madeira e até mesmo nos muros de casa. Depois da sua morte, os amigos se encarregaram de juntar as frases mais bonitas num livro intitulado *Pensamentos.*

Os Pensamentos

Os assuntos são os mais variados. Em todos eles, no entanto, existe a admiração pelo homem. Num deles, o 377, diz: "O homem é um caniço: é a criatura mais frágil que existe na natureza, mas é um caniço que pensa. O Universo, para esmagá-lo, quase não precisaria fazer esforço algum. Bastaria uma gota de água. Mesmo assim, até sendo morto, continuaria sendo o melhor, pois é um caniço que sabe que terá de morrer, enquanto os outros caniços não sabem disso."

Há 948 *pensamentos*. Aqui estão 35 deles, em sua maioria escolhidos um tanto ao acaso, para dizer a verdade, mas de qualquer maneira bastante representativos. Escolhi alguns outros, finalmente, porque já eram muito conhecidos, como o da aposta ou o do nariz de Cleópatra. Foram tirados, sintetizados e reformulados a partir da edição da Einaudi.

3. Aqueles que julgam com o sentimento não têm o hábito de raciocinar. Aqueles que raciocinam, por sua vez, costumam desconhecer o sentimento.

6. Quando queremos corrigir alguém, precisamos antes de mais nada entender de que lado ele está olhando a coisa, pois, afinal, pode ser que ela só funcione conforme o lado dele. Mas também precisamos mostrar-lhe de que lado ela é falsa.

17. Há pessoas que escrevem bem, mas não sabem falar, e pessoas que sabem falar, mas não sabem escrever. É raro encontrar alguém que saiba fazer ambas as coisas.

28. Não se sabe por que a simetria sempre tem a ver com a largura, e nunca com a profundidade ou a altura.

31. Há casos em que Paris é chamada Paris e outros em que é chamada de "a capital do reino".

39. É muito melhor saber alguma coisa sobre tudo do que tudo sobre alguma coisa.

51. Descartes fez o possível para passar sem Deus, mas não pôde negar que no começo Ele foi necessário para dar um empurrão no mundo.

67. Quando somos jovens demais não sabemos julgar direito. Quando somos velhos demais, também não. Acontece o mesmo com as pinturas, conforme olhamos para elas de perto ou muito de longe.

76. Dois rostos parecidos, nenhum dos quais, sozinho, nos faz rir; juntos, um ao lado do outro, no entanto, podem suscitar o nosso sorriso.

118. Os homens odeiam a religião e receiam que seja verdadeira. Seria preciso convencê-los de que ela não é contrária à razão e que merece ser amada, para fazer com que os bons desejem que seja verdadeira e demonstrar-lhes, em seguida, que é de fato verdadeira.

127. São três os alicerces da fé: o hábito, a razão e a inspiração.

128. Dois erros que devem ser evitados: excluir por completo a razão e confiar somente nela.

134. Muitos acreditam por superstição, muitos não acreditam por libertinagem, e uns poucos, finalmente, ficam entre estes dois extremos e aguardam.

142. A fé é uma dádiva de Deus.

147. Qual é a diferença entre conhecer Deus e amá-Lo?

161. É incompreensível que Deus exista, mas também é incompreensível que não exista. E podemos dizer a mesma coisa da alma e da criação do mundo.

163. Basta uma unidade para tornar ímpar o que antes era par e vice-versa. Só o infinito não muda de nome ao ser aumentado de uma unidade.

164. Convém apostar na existência de Deus: se Ele existir, ganhamos, e se não existir, nada perdemos.

177. Os homens nasceram para pensar, mas em geral pensam em dançar, brincar, lutar, tornar-se chefes de Estado e nunca no verdadeiro sentido de ser homem.

178. Há três tipos de pessoas: as que servem a Deus porque O encontraram, as que procuram por Ele porque não O encontraram, e as que

vivem sem procurá-Lo. As primeiras são felizes e inteligentes, as segundas infelizes e inteligentes, e as últimas infelizes e obtusas.

188. Para que a paixão não nos prejudique, vamos fazer de conta que só nos sobram oito dias de vida.

195. O último ato é realmente horrível: joga-se um punhado de terra em cima e tudo está acabado.

211. Antigamente muitas estrelas não existiam somente porque ainda não haviam inventado a luneta. As escrituras afirmavam que os astros eram 1.022.

220. Como a vida é breve, quando comparada com a eternidade.

224. Quando lemos depressa demais, corremos o risco de não entender coisa alguma. O mesmo acontece quando lemos devagar demais.

226. Sem vinho ou com vinho demais a verdade escorrega entre os nossos dedos.

229. O intelecto está predisposto para acreditar, e o coração para amar. Na falta de amores verdadeiros, às vezes procuramos amores falsos.

261. Somos tão vaidosos que gostaríamos de ser conhecidos por todos e ficamos ofendidos quando alguém não nos reconhece.

275. O tempo acalma as dores e aplaca os contrastes, ainda que fosse apenas por nós não sermos mais os mesmos.

287. Se Cleópatra tivesse um nariz mais curto, toda a história seria diferente.

291. Não é vergonhoso que um homem sucumba à dor. É vergonhoso, no entanto, sucumbir ao prazer.

303. Vocês me matam porque eu moro na outra margem, e são por isso considerados heróis. Mas se eu morasse na sua mesma margem, seriam considerados assassinos.

315. A rainha do mundo é a força e não a opinião. No fim, no entanto, a opinião acaba sempre fazendo a força.

348. Não podendo evitar a morte, a miséria e a ignorância, os homens acharam por bem não pensar no assunto.

350. O movimento é vida, o repouso é morte.

352. Nada é tão enfadonho quanto viver sem ter coisa alguma para fazer.

375. Posso imaginar um homem sem pés ou sem mãos. Não posso imaginar um homem sem cérebro. Pareceria uma pedra ou um ser irracional.

386. A duplicidade do homem é tão evidente que, para alguns, ele até tem duas almas.

387. Desejamos a verdade e encontramos a incerteza. Procuramos a felicidade e encontramos a morte.

445. Os estoicos dizem: voltem para si mesmos e encontrarão a serenidade. Os outros dizem: saiam de vocês mesmos e serão felizes. A felicidade não está nem dentro nem fora de nós: está em Deus, isto é, fora e dentro de nós.

451. Falsas são as religiões que não têm um só Deus.

Poderíamos escrever centenas de outras considerações acerca destes pensamentos. Este livro, no entanto, ficaria longo demais e perderia a sua finalidade principal, a de pintar um retrato dos filósofos mais significativos que viveram entre a época de Descartes e a de Kant.

Mesmo assim há outros pensamentos que talvez não sejam tão profundos quanto os anteriores, mas que guardam em si algum toque de poesia. Vamos ver alguns:

9. Os rios são estradas que caminham.

13. A eloquência é uma pintura do pensamento.

22. A demonstração é a finalidade da geometria, assim como a cura é a finalidade da medicina. Ainda não se sabe, entretanto, o que venha a ser o deleite que é a finalidade da poesia.

60. Vistos de longe, uma cidade e os campos são uma cidade ou campos. Vistos de perto, são casas, árvores, telhas, folhas, ervas, formigas e patas de formiga.

139. A suprema afirmação da razão consiste em acreditar que ela pode ser superada por uma infinidade de coisas.

152. Deus dobra o coração dos que Ele ama e daqueles que O amam.

269. Um nada nos consola e um nada nos destrói.

299. Os homens são normalmente tão loucos que não ser louco significaria sofrer de algum outro tipo de loucura.

A propósito de Pascal,

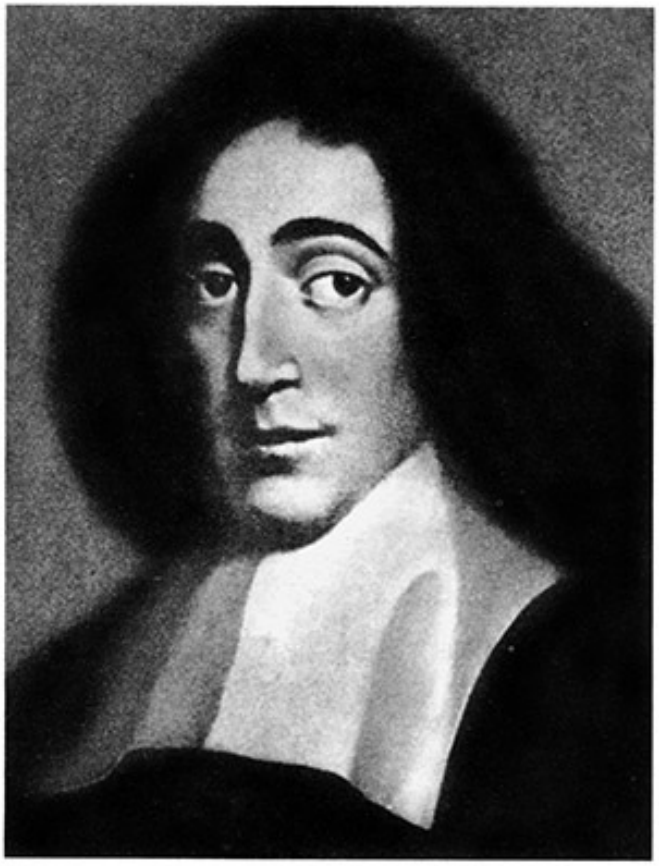
há um pensamento do qual me apossei: é o pensamento número 354, o sobre viagens:

Toda a infelicidade do mundo depende
do fato de ninguém querer ficar em casa.

Para compreendê-lo basta pensar nas guerras, nas cruzadas, no Titanic *e nas filas quilométricas que se formam nas rodovias durante o verão. Cada vez que entro num carro, eu comparo os motivos que me levaram a viajar com todas as chateações que me aguardam. Se dependesse de mim, mandaria instalar enormes placas nos pedágios das rodovias com os dizeres:*

VOCÊS TÊM CERTEZA DE QUE
QUEREM FAZER ESTA VIAGEM?
PENSARAM BEM NO ASSUNTO?
QUE TAL VOLTAREM ATRÁS?
AINDA TÊM TEMPO!

Afinal, o momento mais fantástico de uma viagem é quando voltamos finalmente para casa.



Baruch de Espinosa (1632-1677)

IV
BARUCH DE ESPINOSA

Se estivéssemos a fim de preparar uma torta ao estilo de Espinosa, esses seriam os ingredientes de que precisaríamos: uma base metafísica recheada de princípios morais, um creme panteísta apinhado de raciocínios e umas dez velinhas cartesianas colocadas em volta de uma rosa central chamada Substância. Quer dizer, uma sobremesa com, ao mesmo tempo, sabor racional e aparência religiosa.

A vida

Para entender Espinosa é preciso dar-se conta do que era viver na Espanha e em Portugal no começo do século XVII. A intolerância religiosa estava no ápice e impedia a qualquer um a profissão de uma fé que não fosse a católica. Os pais de Espinosa, ambos judeus, para fugir da Santa Inquisição foram forçados primeiro a se converter e depois a expatriar-se. Agora, naquela época, todos os que se convertiam ao cristianismo eram injuriosamente chamados de "marranos" e nunca deixavam de ser vistos com desconfiança. O que significava que se arriscavam, dia sim, dia não, a ser enforcados em praça pública no meio de uma multidão de fiéis exultantes. Depois de chegar à Holanda, no entanto, a família de Espinosa voltou a professar a fé hebraica e a frequentar a sinagoga. E é nessa altura que nasce o pequeno Baruch de Espinosa, um dos maiores gênios da época. Estamos no ano de 1632.

Espinosa colecionou a mais notável coletânea de espinafrações que qualquer filósofo jamais recebeu na história. Em Leipzig, o célebre professor Thomasius (1655-1728) chamou-o de "horrendo monstro blasfemo". O professor Sturm, de Nurembergue, preferiu defini-lo como "imundo animal de execráveis ideias", e tudo isso somente porque ele era judeu. A intolerância religiosa, naquela época, devia estar em seu nível máximo.

Ele, coitadinho, muito mais que teólogo judeu, era na verdade um livre-

pensador. Além de Descartes, com efeito, do qual se julgava o herdeiro natural, admirava Cícero, Horácio e Sêneca. Estudou todos os textos religiosos e arcanos que conseguiu encontrar, desde a Bíblia até a Cabala e o Talmude. Acontece, porém, que também era um religioso *sui generis*: acreditava e duvidava ao mesmo tempo. E os judeus mais ortodoxos, naquela época, tampouco eram pessoas com quem era fácil tratar. Em 1656, quando Espinosa ainda não havia completado 25 anos, escorraçaram-no da sinagoga com o seguinte motivo:

Com o juízo dos anjos e a sentença dos santos nós declaramos Baruch de Espinosa excomungado, amaldiçoado, execrado e expulso, pronunciando contra ele todas as maldições possíveis escritas no Livro das Leis. Que seja amaldiçoado de dia e de noite. Que seja amaldiçoado quando se levanta e quando se deita. Que possa o Senhor nunca mais perdoá-lo. Que o seu nome seja apagado de todas as tribos de Israel e que jamais possa subir ao céu.

O seu grande crime era a dúvida. Certo dia ofereceram-lhe até uma remuneração de mil florins por ano para que deixasse de duvidar da fé hebraica, e ele desdenhosamente recusou. Contrataram então um "matador" para apunhalá-lo. Graças a Deus, no entanto, ele só teve o prejuízo de uma capa rasgada. Alguns anos mais tarde, decidiu sair de Amsterdã e mudou-se para Haia, onde ficou até o fim dos seus dias. Aprendeu a cortar e a polir lentes. Tornou-se um habilidoso ótico e passou a tirar o seu sustento do trabalho artesão. Por outro lado, como já vimos, não era ávido e, aliás, mostrava até desinteresse pelos bens materiais. Certa vez um dos seus alunos, um certo Simon de Vries, deixou-lhe como herança uma grande quantidade de dinheiro, e ele, em sinal de agradecimento, só ficou com uma mínima parte. De saúde delicada, nunca quis casar. Morreu de tuberculose em 1677, com apenas 45 anos.

As obras

A primeira coisa que Espinosa escreveu foi um *Pequeno tratado sobre Deus, o homem e a felicidade.* Obra, aliás, que nunca foi publicada para evitar a ira das autoridades eclesiásticas, encontrada dois séculos mais tarde. Seguiram-se o *Tratado sobre a reforma da inteligência* e a sua obra-prima em absoluto: a *Ética* (1661-1665).

Em todos estes trabalhos, de forma mais ou menos explícita, podemos

notar a constante presença de Descartes. Queremos lembrar, finalmente, o *Tratado da correção do intelecto*, os *Princípios da filosofia cartesiana*, os *Pensamentos metafísicos*, as *Correspondências* e o *Tratado teológico-político* (1670).

O pensamento

Se eu quisesse resumir, como sempre, todo o pensamento de um filósofo numa única frase, no caso de Espinosa eu escolheria, entre as tantas que escreveu, a que diz "*Deus sive natura*", isto é, "Deus e a natureza são a mesma coisa". Às vezes, afirma Espinosa, uma folha de alface pode deixar transparecer a grandeza de Deus muito mais do que uma noite estrelada, e isso porque o segredo da criação pode ser encontrado seja acima das nossas cabeças, seja embaixo dos nossos pés.

À parte a admiração pela natureza, no entanto, podemos talvez ficar um tanto atônitos diante da insistência com que ele nos fala das qualidades da geometria. Ele devia achar um imenso tédio tanto as prolixas e enfadonhas aulas dos rabinos quanto as retóricas disquisições dos escolásticos. A geometria, por sua vez, em sua essencialidade, tende para a síntese e sempre se conclui com a frase "conforme queria-se demonstrar". Se ela pode ou não ser compreendida já é outra conversa. Diante de um triângulo não há muita margem para os sofismas. O que realmente importa, afirma Espinosa, é *nec ridere, nec lugere, neque detestari, sed intelligere*, isto é: não brincar, não chorar, não odiar, mas sim entender o que há para entender.

O tema central da filosofia de Espinosa é o conceito de Substância (sem nunca esquecer, recomendo, o S maiúsculo). Para ele, Substância é ao mesmo tempo pensamento e realidade física. No primeiro caso, é chamada de *res cogitans* e tem a função do Criador; no segundo caso, é chamada de *res extensa* e se identifica com a criação. E nós também, pobres coitados, na medida em que somos ao mesmo tempo alma e corpo, ora somos *cogitans*, ora *extensa*. Isso me leva a perguntar a mim mesmo se, quando fazemos amor, somos mais *res cogitans* ou *res extensa*... Talvez tudo dependa da pessoa com a qual compartilhamos o nosso tempo.

Na sua *Ética*, Espinosa trata de cinco assuntos: Deus, a Natureza, os Afetos, a Escravidão e a Liberdade.

Ele nos dá definições sobre cada um desses temas, algumas das quais são

brilhantemente esclarecedoras e outras nem tanto. De qualquer maneira, esclarecedoras ou não, aqui estão aquelas que mais me impressionaram:

– Por causa precisamos entender aquela essência que pressupõe a existência.

– Toda coisa pode ser limitada por outra coisa da mesma natureza. Um corpo pode ser limitado por um corpo. Um pensamento por um pensamento. Um corpo, por sua vez, não pode ser limitado por um pensamento, nem vice-versa.

– Por Deus precisamos entender o Ente absolutamente infinito, isto é, a Substância dos atributos infinitos.

– De uma causa pode nascer um efeito. Sem uma causa, nada pode nascer.

– Quando duas coisas não têm nada em comum, é impossível que uma possa ter nascido da outra.

– Além de Deus, é impossível conceber qualquer Substância.

– Por corpo, precisamos entender uma extensão de Deus.

– Por Ideia, um conceito da mente.

– A duração é a continuação do existir.

– O homem pensa.

– O pensamento é um atributo de Deus.

– Um corpo é formado por uma multidão de indivíduos.

– Dos indivíduos que formam o corpo, alguns são fluidos, outros moles e outros duros.

– Chama-se escravidão a incapacidade humana de dominar os afetos.

– O bem é tudo aquilo que é útil.

– O mal é tudo aquilo que nos impede de alcançar o bem.

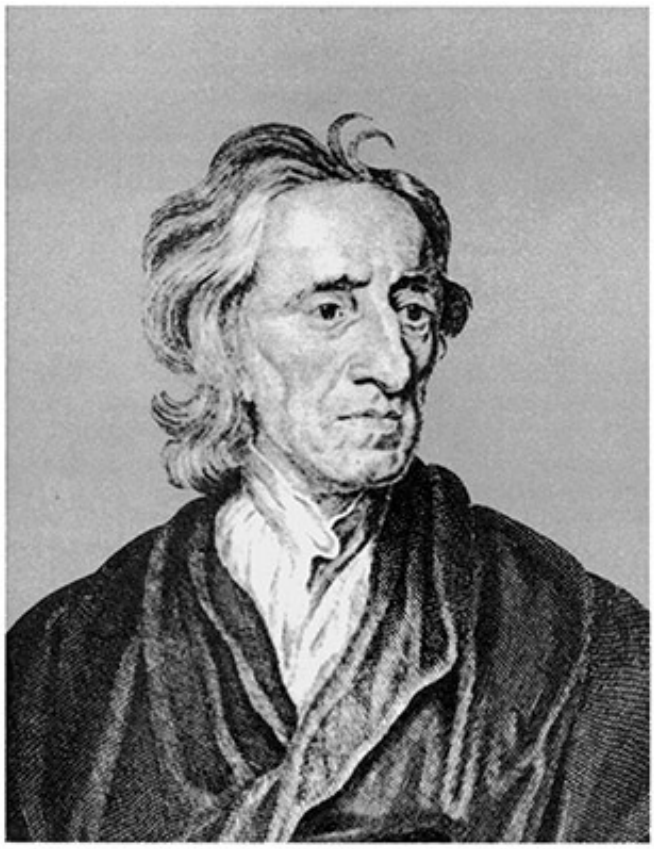
E assim por diante em centenas de páginas. Às vezes esses pensamentos são de fato iluminadores, mas muitos, ao contrário, são apenas retóricos.

A propósito de Espinosa,

acho difícil entender o conceito de Substância.

Nem pensar em identificá-lo com o Ser. Estamos acostumados desde sempre, ou, melhor dizendo, a partir de Parmênides, a distinguir entre

Ser e Não Ser, entre Ser e Devir, entre Ser e Parecer e, finalmente, em épocas mais recentes, entre Ser e Ter. Desta vez, no entanto, por culpa de Espinosa, nada temos para contrapor à palavra Substância, falta-nos um inimigo a ser odiado. Os entendidos contam-nos que a Substância é ambas as coisas: tanto o Ser quanto o Não Ser. Será mesmo? Eu posso até aceitar, ora essa, mas continuo não muito convencido. Enquanto isso, dou um jeito com aquela frase que ouço por toda parte: "Substancialmente, eu afirmo..." *que na prática quer dizer* "*deixando de lado todas as outras coisas, a verdade é que...*" *E se esta explicação um tanto pobre não lhes for suficiente, procurem então o livro de Cassirer intitulado* Storia della filosofia moderna*, edição Newton Compton, e leiam a página 221 e as seguintes.*



John Locke (1632-1704)

V
JOHN LOCKE

Estou com dois filósofos ingleses sentados na salinha de espera: o de cabelos grisalhos se chama Locke e o de cabelos negros se chama Newton. Estão ambos um tanto preocupados com o fato de eu estar a ponto de incluí-los na minha *História da filosofia moderna*. Receiam ser mal interpretados ou então não ter seus méritos reconhecidos. O mais idoso chegou a dizer: "Por favor, procure pelo menos não contar aquela história do falso médico!"

A vida

John Locke nasceu em Wrington, nos arredores de Bristol, em 1632, o mesmo ano em que Espinosa. Além de filósofo, Locke também era um dos mais representativos políticos da sua época. Havia frequentado as melhores escolas do Reino Unido (Oxford, Westminster e Cambridge) e tinha estudado medicina, sem contudo chegar a formar-se. Isto não o impediu de exercer por algum tempo a profissão de médico e cirurgião. Coitados daqueles que se entregaram aos seus cuidados.

Seu pai havia sido um ferrenho adversário da monarquia e ele também se declarava um decidido inimigo do Absolutismo. Aos vinte anos tornou-se o secretário particular de Lorde Ashley, fundador do *Wigh*, o Partido Liberal inglês. Só que, em 1675, após uma malograda conspiração, foi forçado a expatriar-se. Asilou-se primeiro na França, depois na Holanda e, finalmente, voltou à Inglaterra, ao séquito de Guilherme de Orange e da gentil esposa deste, a formosa princesa Maria. De qualquer maneira, apesar destes pequenos desvios, nunca deixou de ser liberal e até hoje é possível encontrar algumas das suas ideias na Constituição inglesa e, vejam só, até na dos Estados Unidos.

Morreu em 28 de outubro de 1704, no castelo de Oates, no condado de Essex, bem perto de Londres, hóspede, como sempre, de algum lorde do qual não lembro o nome.

As obras

A sua obra-prima é sem dúvida alguma o *Ensaio sobre o entendimento humano* (1690). Quanto ao resto, citarei pela ordem: a *Carta sobre a tolerância* (1689), os *Dois tratados sobre o governo civil*, os *Pensamentos sobre a educação* e *A racionalidade do cristianismo* (1695).

O Ensaio sobre o entendimento humano

Locke estuda a mente humana enquanto tal, sem recorrer à ajuda da metafísica. O seu *Ensaio sobre o entendimento humano* pode ser considerado a primeira tentativa séria para estudar a alma humana com um método elementar, quase digno de um engenheiro. Como já fizera o seu compatriota Francis Bacon, Locke considera a experiência como sendo a condição primeira e indispensável para se chegar ao conhecimento. Ao mesmo tempo, no entanto, afasta-se de Bacon (e portanto de Descartes) no que tange ao alcance dos desejos. Em outras palavras, contenta-se com aquilo que sabe e não pretende alcançar o Saber Universal.

Conhecer com exatidão o comprimento de uma corda faz com que um marujo possa escolher as enseadas onde lançar a âncora e portanto, definitivamente, também lhe permite escolher o melhor caminho para chegar à meta final.

No nosso caso, a corda seria o intelecto e as enseadas as cinco perguntas às quais temos de responder antes de empreender a viagem:

– O que é o intelecto?
– Qual é a sua origem?
– Qual é o seu alcance?
– Como as ideias chegam a ele?
– As ideias são inatas ou surgem da experiência?

E aqui estão as respostas:

Todo conhecimento decorre das sensações, que por sua vez se dividem em *primárias* e *secundárias*. As primeiras nos proporcionam as ideias simples, as que pertencem aos objetos, tais como a forma e o tamanho. As segundas, como o sabor e o cheiro, pertencem por sua vez a nós, os seres humanos, e são diferentes de uma pessoa para outra.

Resumindo: as ideias nascem a partir das sensações e se aperfeiçoam com o tempo e a reflexão. Mais ou menos como dizer que primeiro "sentimos" e depois "raciocinamos". E é justamente este último tipo de ideias que nos distingue dos animais.

Nesse ponto, o nosso filósofo receia ter se estendido demais e quase tenciona desistir, mas depois pensa melhor e conclui:

Querer duvidar de tudo, só porque não é possível conhecer todas as coisas do mundo, seria como desistir das pernas só porque não temos asas para voar.

No primeiro tomo, logo após a introdução, pergunta a si mesmo se a ideia de Deus é inata ou chega a nós do exterior. É certo que nem todos a possuem. Só para mencionar alguns casos, por exemplo, as crianças, os selvagens e os idiotas são desprovidos dela. Tendo isto em mente, ele chega à conclusão de que a razão já basta para nos levar a alguma coisa parecida com a ideia de Deus. Acontece, de fato, que todos desejamos a felicidade e receamos o sofrimento. Essas duas condições da nossa alma deveriam nos levar a procurar o caminho do bem, mas devido a algumas circunstâncias externas (tais como pertencermos a povos diferentes, lutarmos pelo poder ou pela nossa sobrevivência) acabam às vezes tornando-nos maus.

A Carta sobre a tolerância

Escrita primeiramente em latim com o título de *Epistula de tolerantia*, depois em holandês e finalmente em francês, é mais um documento político do que uma mensagem moral. O que Locke diz é basicamente o seguinte:

A tolerância recíproca é a verdadeira essência da religião cristã. Percebo, no entanto, que muitos cristãos, inclusive sacerdotes, cultivam a própria religião exclusivamente em função do poder. Agora, a bem da verdade, é bom salientar que a caridade, a benevolência e a indulgência para com os outros seres humanos, seja qual for a religião à qual pertencem, testemunham a verdadeira fé, a única que merece existir. A religião não tem como finalidade a pompa exterior nem o domínio sobre os povos. Assim sendo, quem quiser compartilhar das nossas ideias precisará antes de mais nada livrar-se dos próprios vícios, da própria arrogância e do próprio prazer.

Conclusões

Para Locke, resumindo, no dia em que nasce, a mente humana (ou o intelecto, se assim o desejarem) é um quadro-negro no qual nada está escrito: aquilo que em latim se costumava chamar de *tabula rasa*. Depois, graças aos sentidos e à experiência, vai pouco a pouco se enchendo de sinais. "*Nihil est in intellectu*", diz Locke, "*quod prius non fuerit in sensu.*" Quer dizer: "Nada existe no nosso cérebro que antes não tenha sido percebido pelos nossos sentidos." E assim sendo, Locke encontrou o seu lugar na história como o fundador do empirismo.

Mas o que vem então a ser o empirismo? Em grego, a palavra *empeiría* quer dizer experiência, isto é, conhecimento baseado nos sentidos. Fica extremamente importante, então, a relação que cada um de nós mantém com o ambiente à sua volta. Locke acredita firmemente que tudo aquilo que nos acontece nos primeiros dez anos de vida seja determinante no que concerne ao nosso caráter e ao nosso futuro. Tiram portanto a sorte grande aqueles que têm desde o começo pais certos, amigos carinhosos e mestres inteligentes (principalmente estes últimos, os mestres). Se agora somos o que somos, devemos a eles: aos pais, aos amigos, aos mestres, aos estudos, aos prazeres, aos desgostos e aos livros que lemos.

O signo do Zodíaco de nada vale. Esta frase não é de Locke, é minha, mas tenho certeza de que ele concordaria comigo.

A propósito de Locke,

a única crítica que me sinto autorizado a fazer é o fato de ele ter imaginado o intelecto como sendo uma espécie de mecanismo igual para todos os homens, que iria eventualmente assumir contornos diferentes à medida que cada um fosse vivendo. Não é verdade que todos desejam a felicidade e receiam o sofrimento, conforme ele claramente afirma no sétimo parágrafo do Ensaio sobre o entendimento humano. *Na verdade existem indivíduos que chegam até a desejar o contrário. Aquilo que está agora acontecendo na Palestina e no Iraque é uma prova disso: muitos árabes têm dentro de si um ódio pelos estrangeiros que supera qualquer outro sentimento. O sofrimento*

chega a ser desejado, desde que possa provocar um sofrimento ainda maior no inimigo. Prometer a este tipo de gente a democracia é totalmente inútil, é um imenso esforço fadado ao fracasso.

Se eu morasse no Iraque, mesmo que fosse apenas para encher os bolsos, já teria escrito uma outra Carta sobre a intolerância.



Isaac Newton (1642-1727)

VI
ISAAC NEWTON

Lá estava ele, tranquilo e pacífico, aproveitando a tarde, deitado à sombra de uma árvore, talvez pensando em alguma jovem formosa que tinha visto de manhã na igreja, quando uma maçã caiu na sua cabeça. Não perdeu nem mais um segundo: saiu correndo para casa, onde escreveu o livro *Philosophiae naturalis principia mathematica* (1687). Agora não me perguntem se foi exatamente assim que as coisas se passaram: só sei que foi isso que uma sobrinha de Newton contou a Voltaire, e que foi deste jeito que Voltaire repassou a história ao resto do mundo.

A vida

Isaac Newton nasceu em Woolsthorpe, em 1642, no mesmo ano em que morreu Galileu. Foi quase uma troca da guarda entre astrônomos: um subia ao palco e o outro descia. Entrou no Trinity College de Cambridge e teve como mestre o grande Isaac Barrow (1630-1677). Este logo percebeu o pendor do pupilo pela matemática e passou a usar os deveres de casa do rapaz como exemplo e incentivo para os demais alunos. Acontece, porém, que uma epidemia forçou o jovem Newton a voltar para a sua casa de campo, e foi lá que se deu o famoso episódio da maçã. Ele mesmo nos conta:

A ideia da atração dos corpos veio à minha cabeça dois anos depois do surto de peste, entre 1665 e 1666. Eu estava na flor da idade e amava a matemática e a física mais do que já amara qualquer outra coisa no mundo.

De qualquer maneira, acabou não ficando muito tempo no campo: esperou que a epidemia passasse para então (em 1669) voltar a Cambridge, onde lhe foi entregue a cadeira de matemática, a mesma que Isaac Barrow deixara vaga ao ocupar a de teologia.

O seu campo de pesquisa não tinha limites: interessou-se pela ótica, desenhou lunetas, estudou a decomposição da luz através dos prismas,

tratou de cálculo infinitesimal, do movimento dos corpos, da atração dos astros e de muitas outras coisas, até que a Royal Society de Londres decidiu nomeá-lo seu membro honorário. Nem é preciso dizer que esta nomeação provocou a inveja de muitos dos seus colegas, entre os quais o astrônomo e físico Robert Hooke (1635-1703). Este afirmou que as órbitas dos planetas eram circulares e Newton desmentiu-o diante de uma plateia de estudantes dizendo que eram elípticas. No mês seguinte brigou, quase recorrendo a palavras de baixo calão, com o físico holandês Christiaan Huygens (1629-1695) por causa da decomposição da luz. Para Huygens, os raios do sol eram ondulatórios, enquanto para Newton eram corpusculares.

Finalmente, só Deus sabe por quê, em 1692 Newton dedicou-se à política e foi nomeado primeiro para o cargo de diretor da Casa da Moeda e, em seguida, por duas legislaturas seguidas, para o Parlamento do Reino Unido. Estas atividades, entretanto, nunca conseguiram afastá-lo da sua primeira e verdadeira paixão: a astronomia.

Durante os seus últimos anos de vida, foi vítima de um grave esgotamento nervoso. Ele e Leibniz, sempre devido ao cálculo infinitesimal, acusaram-se reciprocamente de plágio, até que certo dia, numa reunião de cientistas na Royal Society, ele foi acometido por um ataque histérico. Voltou para casa, em Kensington, o mais depressa que pôde, deitou-se na cama e morreu de infarto. Era o ano de 1727. Foi sepultado na Abadia de Westminster. Contam que um dos carregadores do ataúde foi o próprio Voltaire.

As obras

Como já vimos, a sua atividade de ensaísta teve início em 1687, com os *Philosophiae naturalis principia mathematica*, para então continuar muitos anos mais tarde, com a *Ótica* (1704) e com a *Arithmetica universalis* (1707).

As descobertas

À parte a maçã, Newton percebeu que se a Lua não se desgarra e sai por aí andando a esmo pelo Universo é porque alguma coisa a força a rodar em volta da Terra. Pois bem, a esta coisa ele deu o nome de *"gravitação universal"*. Mas não se limitou a isso: também descobriu que a atração é

inversamente proporcional ao quadrado da distância que separa os dois corpos. Como conseguiu calcular isso da varanda da sua casa, francamente eu nunca consegui entender.

As leis fundamentais da física, aquelas que ficamos devendo a Newton, são três:

1) Todo corpo permanece em seu estado de movimento retilíneo, ou de repouso, a não ser que a influência de uma força externa o obrigue a modificar o seu percurso (lei da inércia).

2) A mudança do movimento é sempre proporcional à força que o modifica (proporcionalidade entre aceleração e força contrária). É a famosa lei que em seguida foi resumida na fórmula força = massa x aceleração.

3) A toda ação corresponde uma reação igual e contrária (princípio de igualdade entre ação e reação).

A gravitação universal, no entanto, não foi uma descoberta exclusiva de Newton. Dois mil anos antes do seu nascimento, Anaxágoras, Empédocles, Demócrito, Platão e Aristóteles já haviam tratado do assunto. Haviam-se dado conta da queda dos corpos pesados e da ascensão dos leves, começando, portanto, a criar hipóteses. Disseram que uma maçã cai ao chão porque é mais pesada que o ar, e que o fogo sobe porque deseja alcançar o céu, que é ainda mais leve. Mais ou menos como dizer que cada um procura o semelhante e se afasta do dissemelhante. Em certa altura houve até alguém, talvez Empédocles, mas não lembro direito, que chegou a dar um nome a estas duas tendências: amor e ódio.

Do ponto de vista filosófico, Newton tem um papel de considerável importância devido à sua metodologia científica (baseada numa metafísica racionalista), que influenciou o empirismo inglês, o Iluminismo francês e a *Crítica da razão pura*, de Kant.

A propósito de Newton,

eu bem que gostaria de saber por que a maçã cai, enquanto a Lua não cai. O meu mestre no clássico, o professor Signore, explicou-me que a Lua não cai porque tem uma velocidade tangencial que a impede de

cair, e eu objetei que com o passar do tempo esta velocidade iria baixar, razão pela qual mais cedo ou mais tarde a Lua iria cair na nossa cabeça. "Isso mesmo", ele admitiu, "mas eu não diria que a coisa é propriamente para já, ou pelo menos durante a nossa vida." Fiquei mais tranquilo, mas só até um certo ponto. A partir daquele dia nunca mais olhei para a Lua com os olhos de um poeta.



Nicolas Malebranche (1638-1715)

VII
NICOLAS MALEBRANCHE

No século XVII, tentar harmonizar a razão e a fé era mais ou menos como colocar na mesma panela um litro de água fervendo (Santo Agostinho) e um pedaço de gelo (Descartes). Mesmo assim, Malebranche conseguiu. Vamos ver como.

A vida

Nicolas Malebranche nasceu em Paris, em 1638, caçula de uma ninhada de doze filhos. Por não ser propriamente muito saudável, fez todo o primário em casa e só mais tarde, ao chegar à maioridade, matriculou-se nos cursos de filosofia da Sorbonne. Naquela altura um tio dele, um padre de Notre-Dame, para afastá-lo das tentações da vida parisiense, inseriu-o numa confraria religiosa, a dos padres oratorianos. Tratava-se de um grupo de nobres carolas que só pensavam em meditar e rezar. Aos 22 anos saiu de lá como sacerdote e tudo poderia ter ficado na mesma se ele não ficasse repentina e inteiramente fascinado por Descartes.

Certo dia estava passeando no Quai des Augustins quando um livreiro amigo deteve-o na porta da livraria.

– Olá, Nicolas, como vai você?

– Muito bem, e você? – ele respondeu.

– Já leu o último livro de Descartes?

– Não, qual?

– O que fala do homem. O da razão. Descartes escreveu-o vinte anos antes de morrer, mas amoleceu e não teve a coragem de entregar ao prelo. Depois daquilo que aconteceu com Galileu, corria o risco de vê-lo queimado em praça pública. Agora, no entanto, os discípulos decidiram publicar.

E foi assim que Malebranche, em 1664, leu o *Tratado do homem*, de Descartes. Foi para ele uma leitura tão esclarecedora que acabou se convencendo de que era, logo ele tão cheio de dúvidas e de defeitos, o

protagonista do livro. Compreendeu, por exemplo, que na vida a razão podia ser mais útil que a fé, e ficou tão convencido disso que às vezes sentia-se forçado a fechar o livro "para não se deixar levar pela excitação".

Morreu em 1715.

As obras

Entre as suas obras, a que mais merece ser lembrada é a primeira: a *Busca da verdade*, publicada em 1675, à qual se seguiram, um depois do outro, o *Trattato della natura e della grazia* (1680), o *Trattato sulla morale* e principalmente as *Conversazione sulla metafisica*, no qual faz um resumo, para os que porventura ainda não tivessem compreendido o seu pensamento, de todas as suas ideias.

O pensamento

Como era de esperar, Malebranche também teve seus inimigos. Primeiro um certo Foucher o acusou de heresia, depois o jesuíta Le Valois o atacou quanto ao conceito de "eucaristia" e, finalmente, um homem insidioso, chamado Arnauld, conseguiu botar no Índex todos os livros que ele tinha escrito. Quer dizer, como muitas vezes acontece com os autores bem-sucedidos, quanto mais as suas obras eram do agrado do público, mais ele era atacado pelos críticos.

Mas qual era, afinal, o seu assunto preferido? Pois bem, era a contraposição entre a Alma e o Corpo, ou, para usarmos as palavras de Descartes, entre a *res cogitans* e a *res extensa*. Ele, Malebranche, estava convencido de que tanto a Alma quanto o Corpo cuidavam cada um da sua própria vida e a respeito disto escreveu:

Não há qualquer relação de causalidade entre um Corpo e um Espírito, e tampouco entre um Corpo e outro Corpo. Nenhuma criatura, em resumo, pode agir sobre outra. E o fato de Deus poder desejar esta união, sempre foi e continua sendo para mim um mistério.

A Alma, Malebranche precisa, pensa em Deus, enquanto o Corpo cuida das coisas práticas do dia a dia. O problema é que, enquanto do Corpo sabemos tudo, da Alma não sabemos quase nada. Só sabemos que existe. E como sabemos disto? Sabemos porque "sentimos". E como conseguimos

"sentir"? Pois é, lá vamos nós novamente nas águas de Descartes: "... se penso que existe... quer dizer que existe."

A propósito de Malebranche,

e da distinção entre Alma e Corpo, proponho ao leitor um breve conto de ficção científica para que possa entender em que parte do corpo se esconde a alma:

O xeque Imm Hortal, de cinquenta anos, certo dia decide que quer ser clonado. Um amigo dissera para ele: "Meu caro Imm, tu és muito rico. Convém te fazeres clonar para que possas sempre dispor de um corpo para eventuais transplantes. Para ti, seria uma espécie de almoxarifado. Vamos dizer que daqui a uns tempos precises, sei lá, de um fígado, ou de um coração, de um rim... pois é, no problem, *só precisarias tirá-lo do clone e colocá-lo em ti."*

Imm aceita o conselho: contrata por milhares de dólares uma equipe de cirurgiões famosos e cria um clone à sua imagem e semelhança. Em seguida esconde-o numa ilha perdida para que ninguém acabe sabendo da coisa. Depois, já com setenta anos, percebe que graças a Alá nunca precisou de um transplante, e o que decide fazer, então? Manda transplantar o cérebro, o dele, no corpo do clone, e recomeça a viver como se estivesse outra vez com vinte anos. E não é só: também espera poder fazer o mesmo de novo dali a cinquenta anos. A clonagem, para ele, tornou-se um meio de imortalidade. Afinal, o seu nome, Imm Hortal, lido de uma só vez soa justamente como "imortal".

Nessa altura pode-se perguntar: e onde estaria a alma de Imm? No velho corpo, o que ele mandou sucatear, ou no novo, ou então no cérebro que continua sendo o mesmo?



Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716)

VIII
GOTTFRIED WILHELM LEIBNIZ

Antigamente prosperava na Alemanha uma seita de iluminados chamada Rosa-Cruz que seguia o princípio "Eu te ajudo, tu me ajudas e juntos enganamos os demais". Os membros se gabavam de gerenciar o poder político, de fabricar metais preciosos, de curar doentes incuráveis e até de ressuscitar os mortos. Eram, na prática, os maçons do século XVII. Logo que soube da sua existência, Leibniz não perdeu tempo e foi filiar-se.

A vida

Gottfried Wilhelm Leibniz nasceu em Leipzig, em 1646, e morreu em Hannover, em 1716. Aprendeu o latim estudando sozinho: tinha em casa um livro de Tito Lívio e, de tanto olhar para ele e folheá-lo, acabou entendendo o que estava escrito. Provavelmente as muitas gravuras devem ter ajudado. Tendo ao seu dispor a imensa biblioteca do pai, não precisou sair de casa para estudar matemática, álgebra e os clássicos gregos e latinos. Era extremamente inteligente: com quinze anos já frequentava a universidade e só tinha dezoito quando se formou em direito. Depois, sempre graças à Rosa-Cruz, tornou-se amigo do barão Christian von Boineburg e foi nomeado primeiro conselheiro do príncipe de Magonza (a relação entre a Rosa-Cruz e a filosofia continua sendo um grande mistério para mim). Seja como for, aqui está a lista de todas as cortes nas quais ele teve a ocasião de brilhar: em Paris encontrou Luís XIV e tentou convencê-lo a invadir o Egito; em Londres conheceu Newton e tornou-se membro da Royal Society; em Hannover foi contratado como curador da biblioteca por Johan Frederik de Brunswick-Lüneburg; em Haia conheceu Espinosa; em Berlim ficou amigo de Frederico I e foi nomeado presidente da Academia das Ciências; em Moscou frequentou Pedro, o Grande, que o escolheu como conselheiro pessoal; em Viena manteve uma afetuosa amizade com Sofia Carlota, rainha da Prússia e também esposa do seu benfeitor, Frederico I, e, finalmente, chegou a considerar a China, permanecendo, no

entanto, na Alemanha devido à absoluta falta de meios de transporte convenientes. Bom, seja como for, uma coisa fica bem clara: se a pessoa que lhe oferecia um emprego não fosse pelo menos um barão, o nosso herói nem mesmo olhava para ela.

Fisicamente não devia ser lá grande coisa. Numa autobiografia escrita na terceira pessoa ele diz textualmente: "Leibniz é um indivíduo macilento, de altura mediana, de rosto pálido e mãos e pés constantemente gelados. Tem uma voz fraca, ficou precocemente careca e anda tão curvo que quase parece corcunda."

Apesar de ter frequentado a nobreza por toda a sua vida, morreu sozinho e abandonado, sem nem mesmo um amigo que lhe segurasse a mão. Contam que no enterro só apareceu o seu criado.

As obras

Quanto a escrever, escreveu sobre tudo. Só tinha vinte anos quando publicou *De arte combinatoria*, à qual se seguiram o *Ars inveniendi*, a *Hypothesis physica nova* e, em 1684, a *Nova methodus pro maximis et minimis itemque tangentibus*. Todas obras que tratam de álgebra e que, pela primeira vez, introduzem o conceito de *integral*, operação, aliás, que muito me fez sofrer no primeiro ano do liceu. À parte a matemática, contudo, Leibniz também se dedicou bastante à política. Escreveu o *Mars christianissimus*, depois o *Systema theologicum* e o *Metodi di riunione*. No que concerne à filosofia, finalmente, já estava idoso quando publicou as *Meditações sobre o conhecimento*, o *Novo sistema da natureza* (1695), o *Discurso de metafísica* (1696), os *Novos ensaios sobre o entendimento humano, Teodiceia* (1710), a *Monadologia* (póstuma) e os *Princípios da natureza e da graça* (1714).

O pensamento

Leibniz foi um dos maiores gênios da história da humanidade. Descobridor, juntamente com Newton (os dois chegaram separadamente às mesmas conclusões), do cálculo infinitesimal, criador do cálculo diferencial, autor de palavras que pressagiaram a teoria evolucionista de Darwin e a do inconsciente de Freud. Ao longo de uns trinta anos, conseguiu tirar da cartola inúmeras ideias, talvez até demais para que nos lembremos de todas.

Sem dúvida alguma, com elas acabou mudando a metafísica, a lógica, a química, a matemática, a física, a biologia, a história, a teologia, o direito e sabe-se lá mais o quê.

A sua filosofia baseava-se principalmente na "espiritualidade do ser". O homem, afirmava, se distingue dos animais porque, além de se esforçar ao máximo para sobreviver, também pergunta continuamente a si mesmo qual é o verdadeiro sentido da vida. Leibniz, no entanto, não se contenta apenas com a razão, como qualquer outro racionalista "certinho", e também reconhece a importância da "verdade de fato", isto é, daquela verdade que existe por conta própria, sem precisar necessariamente do aval de uma razão que a garanta e imponha.

De Descartes (que por outro lado admirava muito) censurava a tendência para um racionalismo teórico demais. E da mesma forma censurou o empirismo excessivo de Locke, o fato de Espinosa ter ignorado a importância das Mônadas, agregados de substâncias simples, mas indivisíveis, isoladas e não comunicantes (as Mônadas não têm portas nem janelas, disse), que mesmo assim, em suas transformações internas, seguem o que foi estabelecido no Universo pela vontade divina.

A Mônada

Certa noite cheguei a sonhar com isso. Estava chovendo a cântaros e nós dois, Leibniz e eu, encontramos abrigo embaixo do mesmo pórtico.

– A chuva – afirmou – molha os corpos, mas não consegue molhar as almas.

– Pois é – eu respondi –, mas no momento é justamente com o corpo que eu me preocupo.

– Não deverias, porque na verdade o motivo central das tuas preocupações deveria ser a Mônada.

– A Mônada? – perguntei pasmo.

– Isso mesmo, a Mônada.

– E o que vem a ser a Mônada?

– É uma coisa que está dentro de nós e condiciona a nossa maneira de viver.

– Já entendi. Quer dizer a alma?

– Se preferires, podes chamá-la de "alma". Eu prefiro chamá-la de Mônada. O importante, no entanto, é entender que se trata de uma força

invisível, capaz de suscitar efeitos inimagináveis. Não sendo uma entidade física, mas sim energia pura, a Mônada nos leva a entender quais são as verdadeiras funções da mente, isto é, a *percepção*, a *apercepção* e a *apetição*.

– Já entendi – eu disse, sem ter entendido patavina, e ele continuou, imperturbável:

– Meu caro engenheiro, o senhor é ao mesmo tempo um microcosmo e um macrocosmo. A tua Mônada representa a si mesma, mas também todas as outras Mônadas do mundo. E não é só: as Mônadas se conciliam umas com as outras numa "harmonia preestabelecida" por Deus, e Deus, entre todos os mundos possíveis, escolheu justamente o da Mônada, que é o melhor de todos, para vir ao nosso encontro.

Quando acordei, saí logo correndo para a livraria, a fim de comprar a *Monadologia* de Leibniz, e me lembro de ter lido as seguintes definições:

Mônada: *princípio ativo de um organismo, ou substância simples que entra nos compostos* (môn. 1).

Alma: *todos os seres capazes de perceber, entre os quais as plantas* (môn. 19).

Percepção: *estado interior de uma Mônada quando entra em contato com o exterior* (môn. 14).

Apercepção: *consciência ou conhecimento da própria percepção* (môn. 4).

Apetição: *tendência de uma Mônada a passar de uma percepção para outra* (môn. 19).

Harmonia preestabelecida: *convivência, estabelecida por Deus, da alma com o corpo e das Mônadas entre si* (môn. 2).

Deus: *unidade original da qual decorrem todas as outras substâncias graças a uma série de "fulgurações instantâneas e contínuas"* (môn. 47).

Natureza e Graça: *os dois reinos da mecânica e da moral. Entre os dois reinos existe uma harmonia determinada por Deus* (môn. 86-90).

A Teodiceia

Umas poucas palavras acerca da *Teodiceia*. O ensaio trata de três assuntos, cada um mais difícil que o outro, a saber: a Bondade de Deus, a Liberdade do Homem e a Origem do Mal.

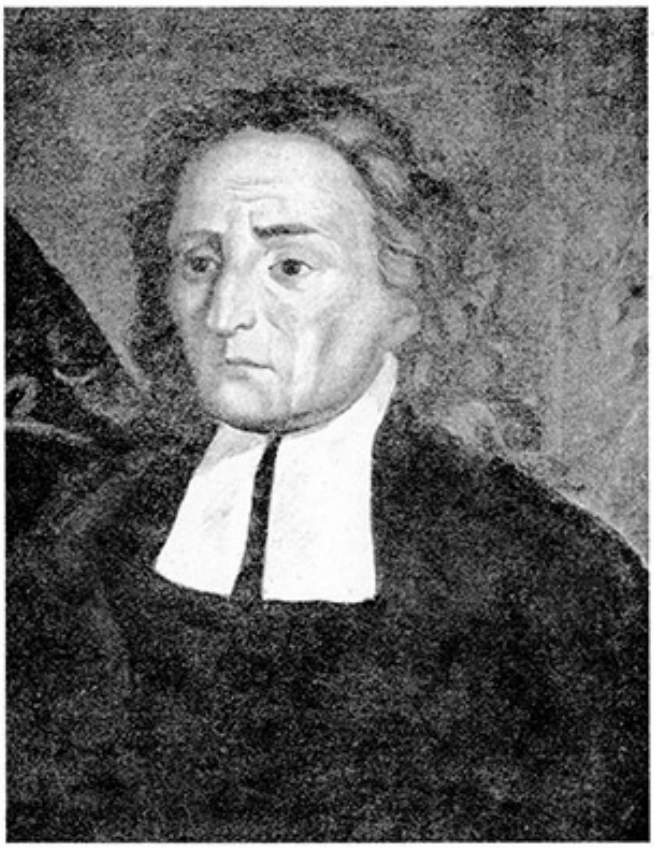
Leibniz diz:

No que diz respeito ao Mal, duas perguntas vêm à minha mente: a que tange à Liberdade do Homem e a relativa ao comportamento de Deus. Se Deus, além de bom, também é onipotente, como se explica então a existência do Mal? Tudo indica, portanto, que o Mal depende do Homem, e não de Deus.

Falando em termos ainda mais simplórios: "Quando tudo vai bem, o mérito é todo de Deus. Quando tudo vai mal, a culpa é do leitor que neste momento está me lendo."

A propósito de Leibniz,

se na sua época já existisse a televisão, ele teria sem dúvida alguma trabalhado como mediador de debates. De fato, não fez outra coisa na vida a não ser tentar harmonizar o cristianismo com o cartesianismo, a filosofia grega com a moderna. Até posso vê-lo num programa de entrevistas, com Platão e Aristóteles sentados à direita, e Descartes e Espinosa sentados à esquerda. E ele no meio, concordando ora com uns, ora com os outros. Os assuntos em pauta seriam a "causa final" de Aristóteles e a "Substância" de Espinosa. E então, quando só faltassem cinco minutos para o fim do programa e Descartes tomasse a palavra para mencionar o "Movimento como causa primeira da existência", Platão iria tirar do bolso o Fédon, *a fim de mostrá-lo diante das câmeras. Estrondosos aplausos do público, todo formado por filósofos.*



Giambattista Vico (1668-1744)

IX
GIAMBATTISTA VICO

Nemo propheta in patria, diziam os antigos, e ninguém mereceu esse ditado mais do que Giambattista Vico. No século XVIII, todos torciam o nariz para ele, no século XIX também, e só no século XX, graças a Benedetto Croce e Giovanni Gentile, conseguiu arrumar um lugar nos livros de história da filosofia. Hoje em dia há escolas e praças com o nome dele, o que nos faz entender claramente que na vida basta esperar uns três séculos para que todos decidam aclamar e reverenciar você.

A vida

Se quisermos contar a sua biografia, a melhor coisa a fazer é recorrer à obra intitulada *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*. O livro começa com estas palavras:

O senhor Giambattista Vico nasceu em Nápoles, de pais honestos que deixaram uma boa lembrança de si. O pai era um homem jocoso, a mãe era dada à melancolia, de forma que cada um contribuiu do seu jeito para a formação do caráter do filho.

Resumindo, Vico era ao mesmo tempo jocoso e melancólico: jocoso enquanto napolitano, melancólico enquanto filósofo.

Filho do dono de uma modesta livraria, nasceu em Nápoles, em 1668, no largo dos Gerolamini, bem perto da rua San Gregorio Armeno, onde até hoje se fabricam pastores de presépio. Estudou direito e filosofia nos fundos da loja paterna. Depois, ao chegar à maioridade, arrumou um emprego de professor na família do marquês Rocca e foi morar em Vatolla, num castelo do Cilento. À parte este período passado longe de casa (estava quase a ponto de dizer no exterior), levou todo o resto da sua existência numa rua napolitana chamada Spaccanapoli (literalmente: *Corta-Nápoles*). Trata-se de uma rua que começa na viela Scura dei Sette Dolori, atravessa toda a cidade e acaba nos mal-afamados becos de Forcella.

Vico era magro, muito magro mesmo, tanto que os napolitanos o chamavam de *´o tisicuzzo*[2] porque só tinha pele e ossos. Também era pobre, isto é claro. Tentara inutilmente conseguir uma cadeira de direito na faculdade local, de forma que tinha de se arrumar dando aulas particulares aos filhos do príncipe de Filomarino. Devia ser um esforço desumano, ainda mais porque o príncipe tinha catorze pimpolhos. Ia para lá logo depois do almoço e só saía à noite, quando já não havia filhos a instruir. Alguns também chamaram-no de débil mental. Benedetto Croce conta que um nobre napolitano, questionado a respeito do assunto, sentenciou: "Ainda jovem era normal; em seguida, no entanto, depois de publicar aquele livro, o tal de *Ciência nova*, ficou inteiramente doido." E Croce também nos diz: "No máximo, podia ser considerado um erudito entre os eruditos e um literato entre os literatos." E tampouco teve a sorte de ser feliz com os filhos.

À parte a filha mais velha, que vivia adoentada, também teve um menino, que só lhe criava problemas. Por causa dele, certa vez foi até forçado a chamar a polícia, para depois mudar de ideia bem em cima da hora e correr para ele dizendo: "Fuja, meu filho, fuja logo que os guardas estão chegando."

No fim da vida desistiu de escrever. Ele mesmo confessa isto na *Vita* (1728):

Não havia mais nada no mundo que lhe desse esperança, razão pela qual, devido à idade avançada, gasto pelas muitas aflições, castigado pelas preocupações domésticas e atormentado pelas espasmódicas dores nas coxas e nas pernas (...) desistiu completamente dos estudos.

Morreu em 1744.

As obras

Lembro da *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo* e da *Ciência nova* (1725-1730). Todos os demais ensaios, desde as *Orazioni inaugurali* (1699-1706) até o *De antiquissima Italorum sapientia* (1710), só podem interessar a um círculo limitado de especialistas. A obra mais estimulante, de qualquer forma, continua sendo a sua autobiografia. Aqui estão alguns trechos:

(...) ainda criança, era muito espirituoso e irrequieto, mas uma vez que aos sete anos de idade caiu de cabeça, rolando de um patamar a outro da escada, ficando imóvel por cinco horas seguidas e sem sentidos (...) ao constatar o cirurgião uma fratura no crânio, (...) concluiu disto o seguinte prognóstico: que ele iria morrer ou que sobreviveria incapaz.

Teve a sorte de ter como mestre o padre Antonio del Balzo, jesuíta, filósofo (...); mas o intelecto, ainda fraco e inseguro, nos estudos quase correu o risco de perder-se, de forma que com muito desgosto teve de abandoná-los. (...), assim como um grande corcel muito bem treinado para a guerra, deixado então por muito tempo à mercê de si mesmo pastando nos campos, ao ouvir porventura um clarim guerreiro (...), procura logo um cavaleiro que o monte e o leve à batalha, da mesma forma Vico, ao assistir a uma reunião da célebre academia dos Infuriati *(...), na qual valentes homens de letras se juntavam aos principais advogados, senadores e nobres da cidade, sentiu-se impelido a voltar à abandonada trilha e retomou o caminho.*

Perto do fim da sua solidão, que nada menos de nove anos durou, ouviu dizer que a física de René Descartes obscurecera a fama de todas as anteriores e logo quis ficar dela a par; (...) da livraria do pai, entre outros livros, levou consigo a Filosofia natural *de Henrique Régio, sob cuja máscara Descartes começara a publicá-la em Utrecht.*

No que finalmente concerne à *Ciência nova*, Croce escreve em seu diário:

Às vezes encontro consolo ao pensar num adágio do maior dos meus protetores, o filósofo Giambattista Vico. Ele, tendo sido rechaçado pela Universidade de Nápoles num concurso pela cadeira de direito, disse que a Providência, com aquela recusa, quisera sugerir-lhe que desistisse das Leis e se dedicasse somente à Ciência nova.

O pensamento

Vico também tinha lá os seus atritos com Descartes. No seu entender, dizer "penso, logo existo" (o *cogito, ergo sum*, em latim) era uma coisa errada. Muito melhor dizer "penso, logo estou", uma vez que Estar é algo que tem a ver com o homem, enquanto Existir é uma faculdade que só pertence a Deus. De qualquer maneira, à parte estas sutilezas ontológicas, o seu

assunto preferido sempre foram os *"fluxos e refluxos históricos"*, isto é, os ciclos sucessivos, as fases da história.

Vejamos do que se trata: os homens só conhecem dois caminhos, um para cima e outro para baixo. Quando tudo corre às mil maravilhas, eles evoluem segundo três níveis sucessivos: no começo são condicionados pelos sentidos, logo a seguir pela imaginação e finalmente, no terceiro estágio, pela razão.

Primeiro sentem sem perceber, depois percebem com ânimo perturbado e comovido, e finalmente meditam com mente pura.

Ou então, falando de um modo ainda mais simples, no começo são uns animais, feitos apenas de "espanto e ferocidade"; então, depois de constatarem as próprias potencialidades, conseguem formar sociedades civilizadas e finalmente inventam até a democracia.

Quando tudo dá errado, por sua vez, embrenham-se pelo caminho oposto. Os Estados se corrompem e surgem as guerras civis. Quando isso ocorre, três coisas podem acontecer:

1) Um déspota assume o poder e impõe a ditadura.

2) Uma nação inimiga se aproveita da situação e invade o território em questão.

3) Os homens regridem ao estado primitivo e passam a matar uns aos outros.

Mas nada de pânico, avisa Vico: é só deixar passar o tempo para que tudo volte a ser como antes. Trata-se apenas de ciclos históricos.

A propósito de Vico,

acabei me lembrando do meu primeiro amor. Chamava-se Giuliana. Era de uma beleza arrebatadora. Revelei-lhe de pronto a minha paixão. Nem conseguia dormir de tanto que a amava. Esperava por ela todos os dias na saída da escola, com o coração que parecia explodir no meu peito. Certa manhã, no entanto, um rapaz foi buscá-la e ela passou diante de mim ignorando-me por completo. Só disse "oi". Só oi, sem mais nem menos, sem qualquer explicação. Mais tarde, no entanto,

namoramos firme e trocamos uma infinidade de beijos. Quantos beijos? Não sei, não me lembro com precisão! Só sei que eram os beijos de antigamente, os que se costumava dar nos anos 1940. Seis meses mais tarde deixou-me e eu voltei a sofrer... como um louco.

Esta história voltou a repetir-se várias vezes, e sempre com a mesma sequência: a primeira saída, o primeiro beijo, a primeira briga e a primeira cena de ciúmes. A única coisa que mudava era o nome da moça. Já não se chamava Giuliana, chamava-se Rosy, e depois Annamaria, ou então Lorella e assim por diante. Em resumo, os tais ciclos históricos. Agora, isso me leva a pensar: será que nunca aprendemos? Por que não ficamos espertos e acabamos nós mesmos com essas repetições cíclicas quando ainda temos tempo? Resposta: porque é mais gostoso amar do que ser amado. E quem diz isso não sou eu, mas sim Fedro*, de Platão.*

---

2 O magricela, o enfermiço, lembrando um doente de tísica. (N. do T.)



Christian Wolff (1679-1754)

X
CHRISTIAN WOLFF

O que é a felicidade? Há um só tipo de felicidade ou existem muitos? Qual é a felicidade desejada por um camicase que explode a si mesmo? Wolff acreditava que somente a "liberdade filosófica" era capaz de tornar feliz o homem.

A vida

Christian Wolff, personagem emblemático do Iluminismo alemão, nasceu em Breslau (a atual Wroclaw), em 1679. Não teve uma vida fácil: nomeado professor de matemática por Frederico Guilherme I, só levou uns poucos meses para ser destituído pelos pietistas. E quem eram os tais pietistas? Pelo que nos conta o professor Giovanni Reale, eram "almas piedosas, desejosas de experimentar todos os sofrimentos possíveis". Em geral, os pietistas reuniam-se em suas "igrejas do coração" e diziam cobras e lagartos dos pecadores que conheciam, dando o nome e sobrenome. O público tornava-se cada vez mais numeroso e aplaudia na hora dos pecados mais significativos, principalmente aqueles que tinham a ver com o sexo.

Mas qual era a escandalosa infâmia de que o nosso Wolff se manchara para suscitar a ira dos pietistas? Nada de mais: atrevera-se apenas a comparar Confúcio com Jesus, definindo-os, ambos, como profetas. Então, graças a Deus, ou, melhor dizendo, graças a Confúcio, o novo rei da Prússia, Frederico II, o Grande, devolveu-lhe alguns anos mais tarde a cadeira na Universidade de Halle, onde ele continuou a ensinar até o fim dos seus dias, isto é, em 1754.

As obras

As principais obras de Wolff foram: a *De philosophia practica* (1702), a *Dissertatio algebrica* (1704), os *Principi delle scienze matematiche* e uma série de volumes reunidos sob o título de *Pensieri razionali* (1713). Alguns

falavam do intelecto, outros da alma, outros da natureza e ainda outros da vida em geral.

O pensamento

Quanto ao pensamento, Wolff tinha exatamente as mesmas ideias de Leibniz, sem mudar absolutamente nada. Se naquela época existisse a clonagem, seria possível pensar em alguma operação no gênero da ovelha Dolly. Para Wolff, as relações entre o corpo e a alma eram regidas pela harmonia divina, aquela mesma harmonia que Leibniz mencionara uns trinta anos antes.

A finalidade da filosofia, segundo Wolff, era a felicidade de duas pessoas, quer dizer, a nossa e a daquele outro cavalheiro que está dentro de nós e que nos condiciona em nossas escolhas. Para consegui-la, no entanto, é indispensável distinguir entre teoria e prática, e portanto entre ciências racionais e ciências empíricas. Entre as primeiras ele coloca a ontologia, a cosmologia e a teologia. Entre as segundas a ética, o direito, a política e a economia.

Teve muitos seguidores, entre os quais Alexander Baumgarten, Martin Knutzen e Franz Albert Schieltz, diretor do colégio onde Kant estudou. Também teve muitos inimigos, coisa, aliás, bastante óbvia e costumeira, como sempre acontece com qualquer filósofo merecedor deste nome.

A propósito de Wolff,

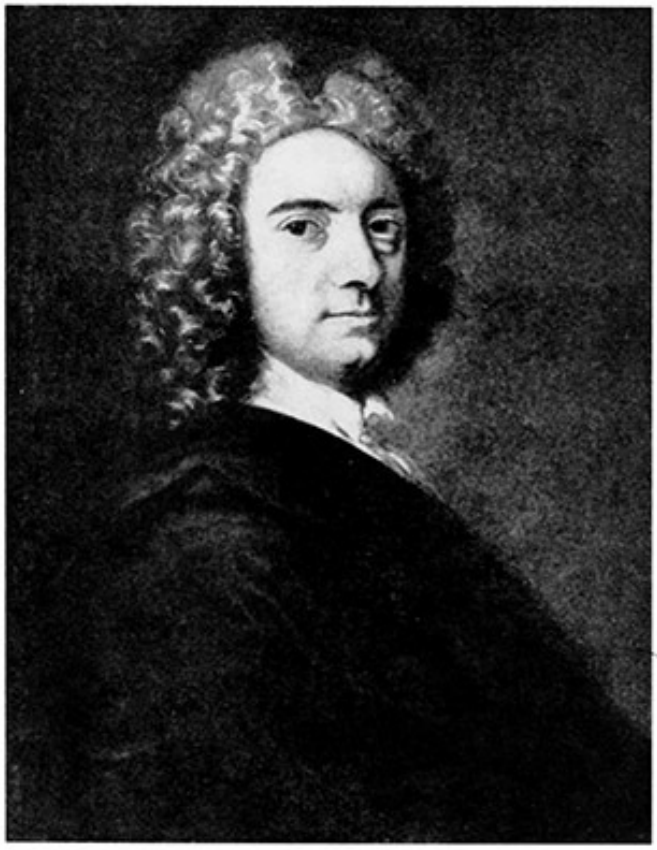
e daquele outro cavalheiro que está dentro de nós, lembrei-me de um mendigo intelectual que conheci em Nápoles no começo dos anos 1950. Chamava-se Ferdinando e morava num porão. Alguém me contou que era um antigo professor de filosofia que endoidara. Em geral era encontrado no Vini e Cucina, um modesto restaurante bem na frente da estação de Mergellina. Os clientes se revezavam para pagar a sua comida, e quando ninguém mesmo se prontificava, a própria Dona Dolores, a dona do local, se encarregava de oferecer-lhe um prato de macarrão.

Ferdinando estava convencido de não ser uma só pessoa e de ter dentro de si, aninhados nos poros da pele, milhares de outros Ferdinandos, todos com a altura de um milionésimo de milímetro ou bilionésimo de metro, isto é, um nanômetro.[3]

– Infelizmente – ele me contava –, os malditos nunca concordam sobre nada e sou continuamente forçado a enfrentar cansativas reuniões antes de poder tomar qualquer decisão. Há os que só querem criticar, que nunca me perdoam coisa alguma. Então há os mais alegres, os festeiros, dispostos a qualquer compromisso desde que possam continuar a viver. A eles basta um bom copo de vinho para deixarem de falar. Por falar nisso, que tal mais uma garrafa de Gragnano?...

---

3 Cuidado, pois não estou brincando: o nanômetro é uma unidade de medida "séria", muito usada na física, que equivale a 10^{-9}m e cujo símbolo é nm.



George Berkeley (1685-1753)

XI
GEORGE BERKELEY

Tanto quando estamos acordados quanto quando estamos sonhando, tudo o que vemos nos parece verdadeiro. Só para dar um exemplo, esta noite sonhei que estava num barco, navegando entre aqueles grandes penhascos da ilha de Capri que se chamam Faraglioni. Havia um sol ofuscante e o céu estava tão azul que mais azul era impossível. Hoje de manhã fui dar umas voltas perto do Coliseu. Percorri toda a rua dos Fori Imperiali e depois fui dar uma olhada na Domus Aurea. Também havia um sol ofuscante e o céu estava tão azul que mais azul seria impossível. Agora, eu pergunto a mim mesmo: como posso saber o que era mais verdadeiro, os Faraglioni ou o Coliseu? Pois bem, no entender de Berkeley, o fato de eu ter tocado com a mão um muro do Coliseu deveria levar-me a escolher esta segunda hipótese. O que "passa" pelos nossos sentidos, ele afirma, é mais verdadeiro que aquilo que imaginamos.

A vida

George Berkeley nasceu em Dysert, na Irlanda, em 1685. Com quinze anos de idade, entrou como aluno no famoso Trinity College de Dublin, onde pôde dedicar-se ao estudo da matemática e da filosofia. Em 1710, tornou-se pastor da Igreja Anglicana e mudou-se para Londres. Nesta cidade, no entanto, depois de ter sido por alguns anos mestre de capela de um lorde, foi tomado por um desejo irresistível, o de partir com a mulher para as Bermudas e converter à religião cristã o maior número possível de selvagens. Haviam-lhe prometido muito dinheiro se tal empreitada fosse coroada de sucesso, mas acabaram não lhe pagando coisa alguma. O único prêmio que conseguiu foi a promessa de eles batizarem com o seu nome, Berkeley, uma cidade da Califórnia. Depois, já de volta à Irlanda, foi nomeado bispo de Cloyne, enquanto em Dublin a amante de Swift, também conhecida como Vanessa, tornava-o herdeiro universal de todos os seus bens. Finalmente, durante uma terrível epidemia, escreveu um ensaio, *Siris*,

no qual aconselhava que os doentes tomassem um litro de água misturada com alcatrão. Não sei se ele chegou a tomar dessa água, mas acabou morrendo de intoxicação em Oxford, em 1753.

As obras

À parte *Siris* e uma obra juvenil, a *Aritmetica dimostrata* (1704), escreveu dois ensaios, o primeiro intitulado *Ensaio para uma nova teoria da visão* (1708) e o segundo chamado de *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* (1710). No prefácio ele diz:

Tudo aquilo que escrevi parece-me absolutamente verdadeiro e deixo que o próprio leitor o julgue. Mas para que este julgamento seja o mais objetivo possível, peço que não me julgue logo nas primeiras páginas, mas sim que leia o livro até o fim, e quem sabe até uma segunda vez.

Os seus melhores escritos, no entanto, foram os *Diálogos entre Hylas e Philonous* (1713). Nesta obra ele faz brigar o filósofo materialista Hylas com o seu inimigo Philonous, obstinado defensor do imaterialismo.

O pensamento

Certo dia Berkeley disse que os objetos, como tais, existem na medida em que são percebidos pelos sentidos (*esse est percipi*). Tudo bem, objetou um adversário, então quer dizer que uma árvore, quando ninguém olha para ela, não existe. Calma, precisou ele, sempre há Deus olhando, e portanto a árvore existe. Em outras palavras, Berkeley recorre ao olhar de Deus para evitar o subjetivismo absoluto, isto é, o ceticismo. Ao mesmo tempo, no entanto, nega a existência de uma realidade fora de nós mesmos e duvida dos próprios fundamentos da ciência.

De onde vêm as ideias? Para Berkeley, principalmente dos sentidos: da vista tiramos o branco e o preto; do tato, o quente e o frio; do olfato, o perfume e o fedor; da audição, a música e o barulho; do paladar, o doce e o amargo. Graças à mente, porém, cada uma destas sensações transforma-se imediatamente numa ideia. Assim sendo, não existem ideias abstratas. Nós não percebemos o homem em geral, mas sim um homem claramente definido que possui uma maneira "própria" de falar, uma maneira "própria" de andar e um rosto "próprio" provido de um nariz que o

distingue de todos os outros homens.

Resumindo, Berkeley afirma que todas as qualidades são *subjetivas*, percebidas pelo nosso espírito, e o nosso espírito, assim como as ideias, nos é dado por Deus.

A propósito de Berkeley,

e dos sentidos, qual é a importância de cada um destes sentidos durante uma relação sexual? Fiz esta pergunta aos meus amigos mais queridos e acabamos chegando à seguinte conclusão: em primeiro lugar fica o tato, em segundo o olfato, em terceiro a audição, em quarto o paladar e em quinto a visão.

Quanto à visão estamos todos de acordo. Muitos, com efeito, quando fazem amor apagam a luz, justamente para não se deixar distrair por outras coisas. Eu, no entanto, colocaria a audição no primeiro lugar. E, a este propósito, gostaria de citar um conceito que já expressei no livro Le donne sono diverse*:*

Qual é a diferença entre uma linda mulher e um prato de espaguete? Ambos proporcionam-nos um prazer físico que parte de um lugar do corpo para então chegar ao cérebro. Mas se a mulher em questão, durante a relação, manifesta o seu agrado, o nosso prazer aumenta, aliás dobra, e se torna um prazer de mão dupla. Enquanto ninguém pretende que o espaguete diga: "Oh, que bom ser comido por este cavalheiro" – um eventual consenso por parte da nossa parceira só pode nos deixar satisfeitos.

XII
ALEXANDER GOTTLIEB BAUMGARTEN

Quando eu tinha vinte anos, a estética era para mim uma coisa que só tinha a ver com moças bonitas. Depois, de tanto me meter com filosofia, compreendi que também é um aspecto da vida e que, para aqueles que trabalham no campo da arte, do *design* e da moda, chega a ser quase um sexto sentido.

A vida e as obras

Alexander Gottlieb Baumgarten nasceu em Berlim, em 1714, e morreu em Frankfurt (Oder), em 1762. Além de Leibniz, teve como fonte de inspiração o seu antecessor, Wolff, do qual se tornou o principal defensor. Elogiou-o de todas as formas possíveis em todos os seus livros e, tanto na *Metaphisica* quanto na *Aesthetica* (1750), definiu-o como o maior filósofo vivo. Foi tão convincente neste seu apostolado que o próprio Kant, certo dia, achou por bem aconselhar aos seus alunos a leitura dos livros de Wolff, nos quais, aliás, encontrou inspiração para a *Crítica da faculdade do juízo*.

O pensamento

O assunto preferido de Baumgarten não foi tanto a metafísica, mas sim a estética. Parece até que a palavra "estética" foi inventada por ele. Em grego, *aisthesis* quer dizer "sensação" e para ele as ideias de "feio" e "bonito" estavam ligadas às nossas faculdades sensoriais. A estética, afirmava, não pode ficar restrita apenas às obras de arte. Entra na vida de todos os dias e participa de todas as nossas decisões, inclusive daquelas que, com razão ou sem razão, costumamos chamar de técnicas. Não fazemos nada, mas nada mesmo, sem levá-la em consideração. O juízo estético nos acompanha como uma sombra, do nascimento até a morte. Aquilo que é bonito para um de nós deve forçosamente ser bonito também para os outros. A estética é tão importante, afirma Baumgarten, que chega a invadir o campo da teologia, o

que significa que Deus, além de ser único, também é belo.

Vamos examinar o caso de Jesus: qual fosse a aparência dele, na verdade, ninguém sabe. É claro que, sendo palestino, devia ter cabelos pretos, olhos negros e pele morena. Mesmo assim, todos os artistas do mundo sempre o retrataram de barba loira e olhos azuis. E por quê? Porque todos os cristãos desejam que seja belo.

A propósito de Baumgarten,

e da estética, eu sempre tive a tentação do suicídio. Só que gostaria que dependesse de mim escolher a hora e a maneira. O importante é que seja um fim esteticamente correto. Não gostaria nem um pouco, por exemplo, de jogar-me de um terceiro andar. Todo aquele sangue me incomodaria. E o mesmo vale para um tiro na cabeça. E se a isso ainda acrescentarmos a dor, logo percebo que o "faça você mesmo" não convém. O ideal seria um vazamento de gás enquanto eu estiver dormindo. Mas então corre-se o risco de mandar o prédio inteiro pelos ares e de envolver o coitado do carteiro que, naquela manhã, tocou a campainha. Só me resta, portanto, a esperança de um infarto... aquele repentino e fulminante... quer dizer, o estético.



Carl von Linné (1707-1778)

XIII
CARL VON LINNÉ

No mundo existem várias raças de cães. Alguns gigantescos, como os dinamarqueses, outros minúsculos, como os yorkshire, alguns mansos e boas-praças, como os labradores, e outros agressivos, como os pitbull, e mesmo assim, quando vemos um, logo pensamos: "Eis um cachorro." Mas o que é, eu me pergunto então, que todos estes cães têm em comum para que os reconheçamos como representantes da mesma espécie? Quem se encarrega de nos dar uma resposta é Carl von Linné.

Nascido em Rashult, em 1707, ele escreveu um ensaio intitulado *Il sistema della natura* (1735), no qual tenta descrever os três reinos que nos cercam: o animal, o vegetal e o mineral. Determinou o conceito de "espécie", entendida como "conjunto de indivíduos que se assemelham entre si mais do que se assemelham com outros seres vivos", e foi ele quem estabeleceu o nosso parentesco com os "mamíferos". Parentesco que tem um evidente sentido filosófico. A respeito disso, não podemos deixar de mencionar uma famosa declaração sua.

No prefácio da sua *Fauna suecica* (1745), Carl von Linné diz:

Para ser sincero, na minha condição de Historiador da Natureza, sou forçado a admitir um certo parentesco entre o homem e o macaco. Já vi inúmeros macacos: alguns menos peludos que o homem e outros com o corpo ereto, capazes de andar sobre duas pernas e de cabeça erguida. Pois bem, se não fosse pela linguagem, poderia dizer que não existem diferenças significativas entre a espécie do homem e a do macaco.

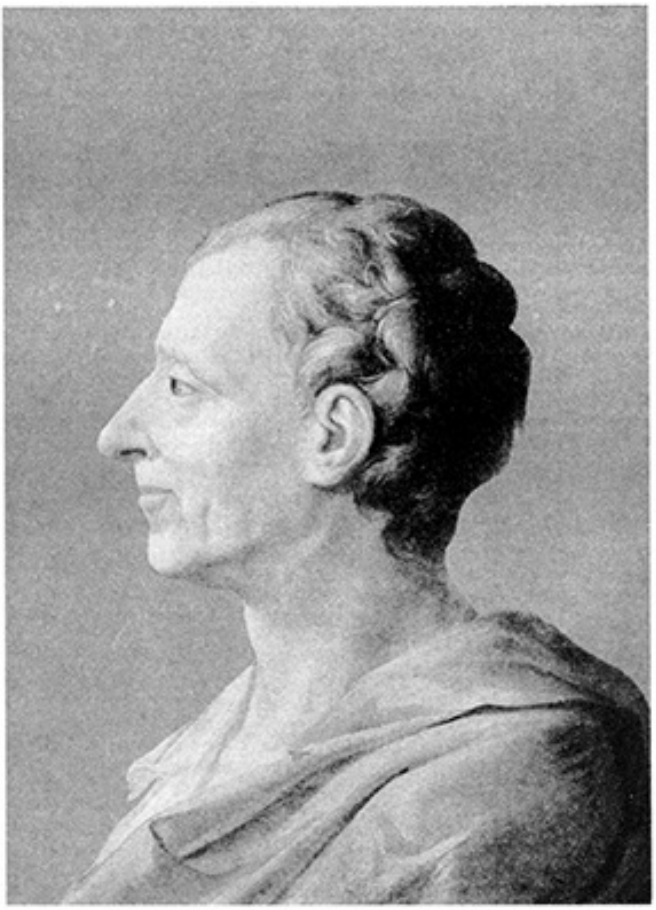
Sua atenção, no entanto, foi quase toda dedicada à botânica. Escreveu sobre o assunto uma obra intitulada *Genera plantarum* (1737), na qual elogia as plantas considerando-as os melhores e mais bondosos seres do planeta. As plantas não se comem umas às outras, embelezam a paisagem e, com seus frutos, ajudam-nos a viver.

Pensando bem, como compilador, o nosso bom Carl von Linné deve ter tido um trabalho e tanto. O século XVIII, de fato, foi aquele em que se deu o

maior número de descobertas botânicas. Devia receber continuamente a visita de viajantes que voltavam do Novo Mundo e dos Mares do Sul com plantas nunca vistas, e ele ali, incansável, sempre disposto a catalogar gêneros e espécies. De forma que, de tanto classificar, o tempo passou rápido para ele: morreu em Uppsala, em 1778.

A propósito de Carl von Linné,

e do parentesco com os macacos, tive um companheiro de escola, Alberto De Finizio, que era muito parecido com um babuíno. Vamos logo deixar uma coisa bem clara: a semelhança limitava-se aos pelos no peito, pois quanto ao resto era um rapaz inteiramente normal. Aliás, pelos meus gostos da época, era até um tanto sentimental. Mas reparei que esse negócio dos pelos era para ele um problema sério certo dia em que a minha turma decidiu organizar um passeio até a praia de Marechiaro. De Finizio pediu que me informasse se por acaso Giselle também iria. Giselle era uma moça ítalo-francesa, nossa colega de turma. "Eu fico com vergonha", confessou, "não tenho coragem de tirar a roupa", e para convencer-me abriu a camisa no peito. Saiu um chumaço de pelos negros tão espesso que parecia uma almofada. O que demonstra que nem sempre o corpo está de acordo com a alma.



Montesquieu (1689-1755)

XIV
MONTESQUIEU

Na França do século XVIII, o ofício de primeiro-ministro coincidia com o de magistrado. Era, portanto, impossível, para um político, criticar um magistrado ou acusá-lo de simpatias políticas como agora acontece todos os dias. Pois bem, Montesquieu foi justamente um desses estranhos personagens: além de filósofo, também era magistrado e político.

A vida

Charles-Louis de Secondat, barão de Montesquieu, nasceu em La Brède, em 1689, obviamente num castelo. Com onze anos de idade foi matriculado pelo pai num colégio e teve a oportunidade de estudar filosofia, grego e latim. Mais tarde, após ter exercido por alguns anos o ofício de advogado, foi nomeado juiz e presidente do Parlamento e viajou para cima e para baixo pela Europa inteira: visitou a Itália, a Suíça, a Holanda, a Alemanha e a Inglaterra. Aos quarenta anos, finalmente, trancou-se em La Brède, e a partir de então não quis mais ver ninguém. Em 1754 voltou a Paris devido a vários problemas de saúde e, particularmente, de vista. As suas condições foram piorando e, nos primeiros meses de 1755, morreu. Mas, para sabermos mais, nada melhor do que ler a seguir um pequeno trecho tirado da sua autobiografia:

Conheço a mim mesmo bastante bem. Nunca tive de enfrentar sofrimentos nem padecer problemas sérios. Sou relativamente ambicioso, mas somente na medida em que isso me permite participar das coisas da vida sem provocar em mim qualquer tipo de angústia. Na juventude tive a sorte de relacionar-me com mulheres que acreditei me amarem. Quando, porém, cheguei à conclusão de que não me amavam nem um pouco, livrei-me delas. O estudo sempre foi o consolo e o remédio para todas essas adversidades. Não há ansiedade no mundo, por maior que seja, capaz de resistir a uma hora de boa leitura. De manhã acordo com alegria no

coração: vejo a luz do sol aparecer por trás das colinas e me sinto feliz.

As obras

Entre os seus primeiros escritos vale a pena lembrar o *Progetto per una storia fisica della Terra*, o ensaio *Sulle cause della pesantezza dei corpi*, e *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e da sua decadência* (1734). A sua obra mais importante, entretanto, foi *O espírito das leis* (1724-1748), e a mais divertida, as *Cartas persas* (1721). Durante a terceira idade, finalmente, escreveu alguns *Pensieri sull'arte e sulla morale*.

O espírito das leis

Nas mil páginas do livro fala-se de todas as leis possíveis e imagináveis. Até daquelas que punem a falta de pudor das mulheres. Nem uma só palavra, no entanto, quanto à falta de pudor dos homens. O que mais interessa a Montesquieu é que os criminosos paguem por seus pecados até o último dia. Desde o roubo de uma carteira até o homicídio; portanto, ele não admite qualquer desconto: nada de prisão domiciliar, de indultos, de licenças por bom comportamento e outras bobagens parecidas.

As Cartas persas

São 161 cartas escritas por hipotéticos viajantes persas que, com a desculpa de não serem franceses, descrevem a França assim como aparece a seus olhos. O truque permite a Montesquieu dizer tudo o que pensa sobre o país e as instituições, sem ter de enfrentar as críticas dos amigos ou, pior ainda, a censura das autoridades políticas e religiosas.

A primeira carta é de Usbek, um persa dono de cinco mulheres e de seis eunucos. Ele conversa com um certo Rico, explicando-lhe como se vive em Paris. A linguagem é a de um homem que não conhece o Ocidente. Menciona Homero, definindo-o um velho poeta cego, chama o rosário de corrente de bolinhas de madeira e descreve Luís XIV como um velho sultão desprovido de harém e apaixonado pela sabedoria oriental.

O pensamento político

Para Montesquieu os fatos históricos obedecem a um ideal básico. Este ideal, no entanto, muda conforme o tipo de governo. Para a monarquia o valor supremo é a *honra*, para a república é a *virtude* e para a ditadura, o *receio* de ser sobrepujada pela força de outra tirania. Daí decorrem as diferentes maneiras de governar.

A análise de Montesquieu, de qualquer maneira, não é apenas um exercício acadêmico, pois a sua intenção é sugerir às "autoridades competentes" as políticas a serem seguidas para se alcançar um suficiente nível de liberdade. O segredo, diz Montesquieu, consiste na separação dos três poderes: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

Ainda falta muito para a Revolução Francesa, mas, apesar disso, as temáticas políticas começam a entrar em cena e a tomar o lugar das ontológicas, mandando lembranças ao *ser* e a todos os seus derivados.

A propósito de Montesquieu,

e das Leis, como não se lembrar do diálogo de Platão intitulado Críton*? Eis a história:*

Está alvorecendo e Críton, um ateniense muito rico, vai visitar Sócrates na prisão. "Foge", diz para ele, "que hoje ou no máximo amanhã vai chegar o navio de Delos. Vão forçar-te a tomar a cicuta e tu vais morrer. Já subornei os carcereiros e ninguém irá nos deter." Mas Sócrates não aceita: "Fico-te grato, Críton, pelo teu interesse, mas logo que eu sair daqui encontrarei as Leis de Atenas, e se elas me perguntarem para onde estou indo, o que irei responder?" "Diz que estás fugindo delas, das Leis injustas." "Nada disso", insurge-se Sócrates, "não há Leis injustas. Na pior das hipóteses existem Leis não devidamente aplicadas. De qualquer maneira, se não houvesse as Leis, hoje em dia Atenas não existiria e talvez eu mesmo não tivesse nascido, uma vez que o meu pai e a minha mãe nunca se teriam casado."

XV
OS MATERIALISTAS

Os materialistas realmente famosos foram três: La Mettrie, Helvétius e D'Holbach. Vamos examiná-los um de cada vez para ver até que ponto eram realmente *materialistas* e não apenas *sensistas*.

LA METTRIE

Julien Offroy de La Mettrie nasceu em Sait-Malo, na Bretanha, em 1709. Formou-se em medicina com ótimas notas e, se não tivesse começado a escrever muitos livros contra a religião, poderia ter tido uma carreira muito bem-sucedida. Escorraçado pelas suas ideias liberais demais, procurou asilo na Holanda, onde conheceu o médico e botânico ateu Hermann Boerhaave (1668-1738). Essa amizade reforçou nele a convicção de que o homem não era uma criatura de Deus, mas sim apenas o resultado, aliás muito imperfeito, de um processo químico e mecânico que começara não se sabe a quantos milhões de anos. Perseguido por causa dessas afirmações até na Holanda, mudou-se para a Alemanha, sendo hóspede de Frederico II da Prússia, e ali, só para confirmar a imperfeição do corpo humano, morreu de infarto, em 1751, com apenas 42 anos de idade.

As obras e o pensamento

A sua obra mais importante foi *O homem-máquina* (1747). O título já diz tudo acerca das suas ideias: nada de alma e de outras bobagens parecidas. Nasce-se, vive-se e morre-se sem que haja ninguém, do outro lado, esperando por nós. O livro foi logo considerado sacrílego e, no dia seguinte, foi queimado em praça pública por ordem da Igreja. Ele mesmo foi vítima, por um bom tempo, de uma espécie de conspiração do silêncio por parte dos seus concidadãos. Ninguém tinha permissão de aproximar-se dele ou de mencioná-lo em público, e a pena era o cárcere.

Num dos seus livros (*Storia naturale dell'anima*, 1745), sempre a respeito

da alma, La Mettrie diz textualmente:

A alma não passa de uma palavra vazia à qual não corresponde qualquer realidade metafísica e da qual o homem não deveria servir-se, a não ser quando queira aludir àquela parte do corpo pensante que se encontra dentro do seu cérebro.

Para então acrescentar:

Aprendamos a nos apoiar no cajado da experiência e de uma vez por todas eliminemos de nossa mente as conversas vãs dos filósofos e dos padres.

Foi autor de muitas obras, cada uma com um título mais estranho do que a outra. Vamos lembrar, pela ordem de publicação, *L'uomo pianta, L'anti-Seneca ovvero il discorso sulla felicità, Le riflessioni filosofiche sull'origine degli animali, L'arte di godere* e, finalmente, *La Venere fisica.*

CLAUDE-ADRIEN HELVÉTIUS

Claude-Adrien Helvétius nasceu em Paris, em 1715, estudou com os jesuítas e morreu não se sabe bem onde em 1771. Assim como o seu colega La Mettrie, teve o desprazer de ver queimada a sua obra principal, *Do espírito* (1758), entre os gritos da multidão exultante.

Entre as muitas coisas que escreveu vamos lembrar a *Epistola sull'amore dello studio*, um ensaio sobre a *Felicità* e outro, *Sull'uomo e sull'educazione* (1752). Todas as obras foram publicadas postumamente, alguns meses depois da sua morte. Vejamos o que diz:

Cada um pensa nos seus próprios negócios e, portanto, nos seus interesses particulares. O homem nasce ignorante e se torna inteligente graças a duas oportunidades que o condicionam: os sentidos e a sorte. Os sentidos permitem-lhe conhecer a realidade que o cerca, e a sorte ajuda-o a entrar em contato com as pessoas certas.

Depois acrescenta:

O amor, a amizade, a simpatia e a estima nada mais são que faculdades pessoais que lhe permitem viver melhor. As nações mais bem-sucedidas são aquelas em que os legisladores foram capazes de harmonizar o interesse da pessoa com o interesse geral.

E finalmente:

A sensibilidade física está sempre na origem das ideias, uma vez que aquilo que experimentamos com os sentidos é para nós compreensível e o que é bom se nos mostra útil.

Consiste nisso o materialismo de Helvétius ou, se acharem melhor, o seu humanismo iluminista.

PAUL-HENRY D'HOLBACH

O barão Paul-Henry d'Holbach foi o terceiro componente do trio materialista. De origem alemã, nasceu em Heidelsheim, em 1723, e morou a vida inteira em Paris, onde morreu em 1789. Comecemos dizendo que era muito rico e que, apesar disso, falava a mesma linguagem que se poderia esperar de um proletário comunista: insistia para que todos os Estados reduzissem as desigualdades sociais, a fim de conseguir, dessa forma, uma melhor distribuição de renda. Representante, ele também, do Iluminismo, a primeira providência que tomou foi a de organizar almoços exclusivos para filósofos. Entre os convidados podemos lembrar Diderot, Rousseau e o abade Galiani, todos homens de letras que na hora de comer de graça esqueciam facilmente qualquer pequena divergência intelectual.

D'Holbach, por medo da censura, escreveu o seu primeiro livro, o *Sistema da natureza* (1770), sob o pseudônimo de Mirabaud. Em seguida continuou com toda uma série de obras anticlericais, tais como *La crudeltà religiosa*, *L'impostura sacerdotale, I preti smascherati* e assim por diante. Tudo isso porque, basicamente, ele considerava a religião uma desculpa inventada pelos padres para manterem o poder em suas mãos.

"O homem", dizia, "sempre busca a felicidade, e a sociedade nada mais é do que um conjunto de indivíduos que partilham o mesmo e único problema: o de satisfazer as suas próprias necessidades."

A propósito dos materialistas,

gostaria de saber se eu também sou um deles. A resposta é "depende".

Do quê? Da situação em que nos encontramos. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1943, eu estava em Cassino, praticamente na linha do front. *Do outro lado do rio havia os americanos, e do lado de cá os alemães. Não tendo o que comer, todo dia o meu pai e o tio Luigi saíam pelos campos com duas garrafas de azeite (o único recurso de que dispúnhamos), com a esperança de trocá-las por alguns quilos de pão ou de farinha de trigo. Infelizmente, no entanto, depois de algumas semanas os nossos vizinhos perderam qualquer interesse pelo azeite, de forma que papai e o tio Luigi tiveram de afastar-se cada vez mais na tentativa de encontrar alguém que ainda precisasse. Naquela época, no entanto, havia o toque de recolher, e logo que ficava escuro corria-se o risco de receber um tiro. Bastava ser surpreendido e não saber a senha do dia para receber um tiro. Diante disso, nós, garotos, depois de um dia de jejum total, ficávamos nos perguntando: "E o que vamos comer hoje, se eles tiverem sido mortos?"*

Mais ou menos como dizer que a fome nos tornara materialistas.

XVI
OS ENCICLOPEDISTAS

As revoluções são como as paixões amorosas: primeiro há os olhares, depois a paquera, então a declaração e finalmente o contato físico. Pois é, isso tudo também aconteceu com a Revolução Francesa: os enciclopedistas deram a saída, depois chegaram Voltaire e Rousseau, e finalmente aconteceu o contato sexual, isto é, a tomada da Bastilha.

Diderot foi o primeiro a imaginar uma enciclopédia. E não porque ele fosse tão erudito, mas simplesmente porque compreendera que o povo francês estava maduro para uma façanha como essa. No começo, o editor, Le Breton, mostrou-se um tanto perplexo: uma enciclopédia iria custar uma fortuna e numa cidade como Paris, cuja população era formada em sua maioria por analfabetos, haveria muito poucos compradores. Mas então D'Alembert também decidiu entrar e Le Breton acabou se convencendo.

Dois milionários da época encarregaram-se de dar uma ajuda extra aos enciclopedistas: o parisiense Vincent de Gournay e a famosa Madame de Pompadour, a amante de Luís XV. Ambos abriram os seus salões aos intelectuais e aos filósofos, e estes, entre um prato de lentilhas e uma sopa de feijão, tiveram a oportunidade de encontrar-se e de trocar ideias. Entre os frequentadores das charmosas mansões Gournay e Pompadour podemos citar Mirabeau, Turgot, Helvétius, Buffon, Duclos e o abade Ferdinando Galiani.

Por falar em Galiani (1728-1787), era um personagem deveras especial: baixinho e aspecto francamente insignificante, mas em compensação o homem tinha uma intuição fora do comum. Toda a sua formação cultural acontecera em Nápoles, entre os iluministas do seu bairro. Quem lhe ensinara o bê-á-bá da filosofia, no entanto, fora o seu tio materno, um certo monsenhor Celestino. Já com mais de trinta anos, Galiani foi enviado a Paris pelo rei de Nápoles, como embaixador, e tornou-se então amigo de Diderot e de D'Alembert. Se havia duas categorias de pessoas que o bom homem não suportava, elas eram os ateus e os capitalistas. Sobre estes

últimos escreveu um tratado de dar inveja ao próprio Marx. A obra, intitulada *Da moeda* (1752), criticava a avidez dos ricos e convidava os pobres a não identificarem a felicidade com o dinheiro e os metais preciosos.

No que dizia respeito aos ateus, então, numa carta enviada a um seu colega abade, escreve textualmente:

É errado negar a existência de Deus só porque o mundo nos parece imperfeito. Isto só acontece porque nós fomos criados do encontro de Deus com o Nada. Quando as coisas dão certo o mérito é todo de Deus. Quando dão errado a culpa é do Nada.

De qualquer maneira, fora esses princípios religiosos, como bom napolitano era sem dúvida uma figura divertida. Certa noite, durante um baile de máscaras, deu uma palmada no traseiro da rainha Maria Carolina, para logo a seguir desculpar-se ao reconhecê-la: "Queira perdoar-me, Majestade; afinal a senhora estava disfarçada." E a rainha o perdoou.

A *Enciclopédia* chegou às livrarias em dez volumes e com o preço de 280 francos, pagáveis a perder de vista. Parece que foi o primeiro produto editorial vendido a prestação. O primeiro volume, de A a C, saiu em 1751. Os verbetes "Jesus", "Cristianismo", "Espírito Santo" e "Maomé" foram redigidos por sacerdotes. Os relativos a assuntos econômicos, por Quesnay e Turgot. Os que tinham a ver com história natural, por G. L. de Buffon. Os que concerniam às forças armadas, por generais e assim por diante: cada verbete, em resumo, havia sido confiado aos maiores conhecedores do assunto. O que realmente importava, no entanto, é que pela primeira vez uma obra não havia sido escrita para bajular os poderosos, mas sim apenas para ir ao encontro das necessidades dos leitores. A árdua tarefa só foi concluída vinte anos mais tarde, em 1772.

A propósito dos enciclopedistas,

já pensaram na imensa felicidade de Diderot e de D'Alembert hoje em dia com a Internet? Ter em casa um computador que responde a

qualquer pergunta sem que precisassem consultar pesadíssimos volumes seria para eles fonte de inesgotável deleite. Será que no Paraíso deram-lhes um?



Denis Diderot (1713-1784)

XVII
DENIS DIDEROT

Denis Diderot nasceu em Langres, em 1713, e, como muitos outros garotos da sua idade, estudou com os jesuítas para em seguida, ao chegar à maioridade, afastar-se da religião do Estado e mudar-se para Paris. Na capital concluiu os estudos e começou a frequentar os saraus literários da cidade, tornando-se ao mesmo tempo um intelectual e um dedicado apreciador de mulheres. O pai teria gostado de vê-lo empenhado em algum trabalho prático e sério, tal como vendedor de facas, mas Paris é Paris e Denis apaixonou-se por Antoinette Champion, uma linda moça de cabelos negros. Ele queria casar logo, sem perder tempo, mas o pai não gostou da ideia e, para impedir que fizesse bobagem, trancafiou-o num mosteiro. Mas não adiantou: certa noite, o jovem, para ser preciso à meia-noite em ponto, depois de muito pensar e chorar, pulou a cerca e foi casar. No começo, para viver, teve de se esforçar: arrumou primeiro um emprego de preceptor na casa de um rico financista, depois de professor de matemática, depois de tradutor de inglês e, finalmente, de escritor de sermões por encomenda. Não se importava muito com a origem do dinheiro: ora trabalhava para os católicos, ora para os protestantes.

Escreveu muito e sobre os mais variados assuntos. Se já houve na história algum intelectual que mereceu o adjetivo "multiforme", ele foi Diderot. Filósofo, matemático, romancista e poeta, mas também mecanicista, vitalista, ateu, empirista e até mesmo deísta.

Num prazo relativamente curto chegou a escrever de tudo. É difícil entender como conseguiu fazer isso, principalmente levando-se em conta que durante vinte anos também teve de dedicar-se à *Enciclopédia*. Aqui está uma lista incompleta das suas obras: *Obras filosóficas* (1746), *Ensaio sobre a pintura* (1765), *O passeio do cético*, a *Carta sobre os cegos*, a *Carta sobre os surdos-mudos*, *Da interpretação da Natureza*, *Il sogno di d'Alembert* (um volume de considerações filosóficas, publicado postumamente), os *Pensieri sulla materia*, as peças *O filho natural* (1757), *Il padre di famiglia* (1758),

os romances *A religiosa*, *As joias indiscretas* (1747), *Paradoxo sobre o comediante* (póstumo, 1830) e o maravilhoso *O sobrinho de Rameau* (1762).

Nas duas *Cartas*, a sobre os cegos e a sobre os surdos-mudos, afirma que os sentidos não são afinal tão importantes assim. O que importa mesmo, no seu entender, é saber raciocinar o mínimo indispensável para compreender a vida. No *Paradoxo* descobre que a excessiva sensibilidade de um ator acaba piorando o seu desempenho. É melhor manter-se um tanto indiferente. "As lágrimas do ator medíocre vêm do coração, as do grande ator nascem todas no cérebro."

Algumas dessas obras, obviamente, levaram-no à cadeia. Afinal, é bom não esquecer que naquela época o próprio fato de escrever era considerado uma atitude revolucionária e, como sempre, cabia às autoridades religiosas tomar as medidas apropriadas. O pior que teve de enfrentar, de qualquer maneira, deveu-se ao libelo licencioso *As joias indiscretas*. Vejamos por quê.

As joias indiscretas

Diderot conta que certa vez houve um sultão, um certo Mangogul, que recebera de um mago um anel mágico. Este anel, quando apontado para uma mulher, mostrava-a completamente nua e, ao mesmo tempo, tornava invisível quem o usava. E não era só: a mulher seria levada a dizer sempre a verdade, fosse qual fosse a pergunta que lhe fizessem, e para responder não iria usar a boca, mas sim a sua "joia mais íntima", isto é, aquela que normalmente as mulheres gostam de esconder sob as roupas.

Mas agora, para entendermos melhor Diderot, vamos ler juntos o começo de *O sobrinho de Rameau*:

Com sol ou com chuva, todas as tardes, por volta das cinco, costumo dar um passeio até o Palais Royal. Aquele indivíduo que senta, sempre sozinho, num banco do bulevar Argenson sou eu. Fico ali, conversando comigo mesmo. Falo de política, de amor, de arte ou de filosofia. Vejo as dúzias de jovens libertinos que correm atrás das saias das cortesãs. Vejo-os enquanto se entretêm ora com uma, ora com outra, para no fim abandoná-las todas sem se comprometerem com nenhuma. É mais ou menos aquilo que eu também faço. Eles procuram as mulheres, e eu, os pensamentos. Os pensamentos são

as minhas putas.

A propósito de Diderot,

e do seu banco no bulevar Argenson, eu também tenho um banco para pensar. Talvez todos tivessem de ter um banco pessoal. O meu fica nos Foros Imperiais, lá para cima, na altura dos Hortos Farnesianos. Em geral apareço por lá de manhã bem cedo, depois de comprar os jornais. Para entrar no parque arqueológico não preciso pagar, pois tenho a carteira de idoso, também chamada de "passe de prata". À minha volta só vejo turistas japoneses e alemães, quase nunca italianos, e uns poucos desempregados mascarados de antigos romanos que, em troca de alguns trocados, se oferecem para ser fotografados enquanto ameaçam o turista, de espada na mão.

Para sermos mais precisos, o meu nem chega a ser um banco: são apenas três degraus de mármore logo à direita do Arco de Tito. Fico sentado ali, pensando. Sou quase sempre levado a dar uma nota aos pensamentos que passam pela minha cabeça. Com o passar dos anos, as notas já não são as mesmas. Ficam mais baixas as relativas aos desejos materiais, e mais altas aquelas que têm a ver com a solidão.

Gostaria de poder viver mais cem anos para ler o maior número possível de livros, pois, parafraseando Diderot, os livros são as minhas putas.



D’Alembert (1717-1783)

XVIII
D'ALEMBERT

Jean-Baptiste Le Rond, dito D'Alembert, nasceu em Paris, em 1717. Filho de um oficial do exército e de uma dama já casada com outro nobre, foi abandonado pela mãe no adro da igreja de Saint-Jean-Le Rond. O nome da igreja foi-lhe imposto pelos padres que o recolheram. A partir daquele dia, um padre tomou conta dele. Cuidou para que frequentasse uma escola e para que nada lhe faltasse para viver.

Para dizer a verdade, mais que um filósofo, D'Alembert era um cientista. Tinha uma notável queda pela matemática (a "equação de D'Alembert" é fundamental) e mesmo quando falava de problemas filosóficos costumava dizer: "Por favor, amigos, primeiro os fatos e só depois as opiniões." E, entre uma conversa e outra, foi nomeado Acadêmico da França. Seja como for, é bom lembrar que também foi um dos signatários da introdução (1751) da *Enciclopédia*.

Para ele só existiam dois tipos de ideias, as "diretas" e as "indiretas". As primeiras, afirmava, vêm diretamente dos sentidos, enquanto as segundas são o fruto da combinação das primeiras. No seu entender, podemos encontrar uma gritante demonstração de como as ideias podem ajudar umas às outras na contínua interdependência das disciplinas matemáticas e das físicas.

Bem que eu gostaria de ajudar, meu caro leitor, mas infelizmente com D'Alembert não há lá muito espaço para a diversão. Acho que nem ele, no fundo, devia gostar muito da sua maneira de viver.

Entre as suas obras mais significativas vamos lembrar: um *Trattato sulla dinamica* (1743), outro tratado sobre *L'equilibrio e il moto dei fluidi* (1744), mais outro sobre *Equinozi* (1749), um *Saggio sui rapporti tra i letterati e i potenti* e, principalmente, uma obra intitulada *Elementi di filosofia* (1759), na qual expôs de forma sistemática o seu pensamento especulativo.

Apesar das ofertas de trabalho que recebia de toda parte, sempre recusou-

se a sair de Paris. O seu lema era: melhor ficar em casa junto dos familiares do que ficar famoso no meio de estranhos. Morreu quase esquecido, em 1783.



Voltaire (1694-1778)

XIX
VOLTAIRE

Vez por outra, na história, nascem homens-marcos que nos levam a dividir o tempo em dois períodos: o que houve antes e o que houve depois deles. Pois bem, foi justamente isso que aconteceu com Voltaire. Se por iluminista entendemos alguém que ilumina, ninguém mais do que ele iluminou todos aqueles que estavam à sua volta.

A vida

Quando nasceu não se chamava Voltaire, mas sim François-Marie Arouet. Quinto filho de um tabelião, estudou primeiro em casa, sob a orientação do padrinho, o abade de Châteauneuf, depois com os jesuítas no colégio Louis-le-Grand e, finalmente, com alguns preceptores do "Círculo dos livres-pensadores", também conhecido como "Círculo dos libertinos". Desta forma conseguiu contrabalançar o ensino maçante dos cristãos com o estudo mais despreocupado dos epicuristas. O seu maior mérito, de qualquer forma, foi o de descobrir na tolerância a chave para viver melhor.

Nascido em Paris, em 1694, com vinte e seis anos estreou como dramaturgo com a tragédia *Édipo* (1718) para em seguida continuar a trabalhar para o teatro com toda uma série de peças e de pequenos poemas. Certo dia, porém, graças a uma permanência de três anos na Inglaterra, descobriu a filosofia e, a partir desta experiência, alguns anos mais tarde surgiram obras tais como as *Cartas filosóficas* (1734) e o *Tratado de metafísica* (1734). Conheceu, um depois do outro, Berkeley, Swift e Clarke, e leu tudo o que havia sido escrito por Locke e Newton. Pois bem, depois disso ele se tornou outra pessoa. Foi à Holanda, como secretário de embaixada, e até que poderia ter ficado numa situação financeira muito confortável, não fosse por uma paixão repentina por uma bonita loira protestante. A família, muito preocupada, intimou-o a voltar imediatamente a Paris, e ele, para responder à altura, fundou o PFF, isto é, o Partido Filosófico Francês. Por intermédio da nossa já conhecida

Pompadour, foi recebido na corte pelo rei Luís XV para ser, em seguida, incluído entre os "imortais da França".

A propósito de mulheres, também contam que foi um emérito conquistador. Teve amantes de todas as idades e das mais diversas condições sociais. Passava de prostitutas baratas para damas de alta linhagem, sempre tratando todas com o mesmo respeito. Entre as muitas – além de um caso que durou quinze anos com a marquesa de Châtelet, com o consenso do marido e do novo amante dela, todos morando felizes sob o mesmo teto na casa de campo de Cirey –, também incluiu uma sobrinha menor de idade que se chamava Marie-Louise, que também se mudara para Cirey. Afinal, ele defendia o princípio pelo qual "Deus nos botou no mundo por duas razões: para nos fazer sofrer e para que possamos nos divertir". O importante, dizia, era entender a hora certa para fazer cada uma das duas coisas. Em resumo, era uma espécie de Horácio do século XVIII.

Passemos agora para os momentos difíceis. Devido aos dois panfletos escritos contra o regente, teve de enfrentar onze meses na cadeia. Então, já em liberdade, levou uma surra dos serviçais do barão de Rohan, que não achava graça nenhuma nas suas ironias. Diante disso, Voltaire desafiou o barão para um duelo. Foi uma atitude temerária, que só serviu para provocar mais confusão: antes de mais nada, o barão não aceitou o desafio por achar que Voltaire não era igualmente nobre e depois mandou-o trancafiar sem mais cerimônias na Bastilha. Ali, contudo, de tanto entrar e sair da cadeia, ele se tornou amigo do diretor com o qual jantava todas as noites, conversando sobre arte e filosofia.

Depois da experiência de Cirey, em 1760 mudou-se para o seu sítio em Ferney, perto de Genebra, onde se fixou definitivamente, recomeçando a publicar uma grande quantidade de obras, desde ensaios a tragédias, e a colaborar na redação da *Enciclopédia*. Morreu em 1778, em Paris, que não visitava havia mais de vinte anos e para onde voltara, a fim de assistir a uma peça teatral.

As obras

Escreveu muitos ensaios, mas nem sempre conseguiu encontrar quem estivesse disposto a publicá-los. Alguns foram queimados antes mesmo de

chegarem ao prelo. Outros, por sua vez, salvaram-se porque foram assinados com um pseudônimo. A sua maior inimiga continuou sendo a Igreja, por ele acusada de sempre ter recorrido à superstição para apavorar os povos. Entre as muitas obras que escreveu citarei as minhas preferidas, o *Cândido* (1759) e o *Tratado sobre a tolerância* (1763).

Cândido, ou o otimismo

Narra as peripécias de um bom moço, justa e apropriadamente chamado Cândido, que por tentar aproximar-se demais da filha de um castelão, a formosa Cunegunda, é escorraçado pelo pai da mesma e longamente surrado, primeiro pelos esbirros búlgaros e depois pelos soldados ávaros. Para complicar ainda mais a sua vida, o coitado do Cândido acaba pegando a sífilis. E eis como ele mesmo nos conta a história:

Conheci Paquette, uma graciosa criada, e saboreei entre os seus braços paradisíacas delícias, que no entanto provocaram em mim dolorosos tormentos. Ela estava doente e agora também está morta. Aquela infecção Paquette a pegara de um frade, que por sua vez a pegara de uma condessa, que a pegara de um capitão da cavalaria, que a pegara de uma marquesa, que a pegara de um pajem, que a pegara de um jesuíta, que a pegara de um noviço, que a pegara de um companheiro de viagem de Cristóvão Colombo.

Então, como bom otimista, conclui:

Se Cristóvão Colombo não tivesse descoberto a América, talvez este mal nunca chegasse entre nós; ao mesmo tempo, porém, talvez tampouco chegasse o chocolate.

Daí a moral: na vida sempre há alguma coisa boa e alguma coisa ruim que chegam juntas. E, no fim do conto, Pangloss, o seu mestre de vida, consola-o dizendo:

Todos os acontecimentos estão encadeados neste mundo que é o melhor dos mundos possíveis. Se não te tivessem escorraçado do castelo aos pontapés por culpa de Cunegunda, se tu não tivesses acabado nas garras da Inquisição, se não tivesses andado pela América a pé, se não tivesses desferido um golpe de espada no barão, se não tivesses perdido todas as ovelhas no país do Eldorado, agora tu não estarias aqui comendo cedro e

pistache.

É claro que *Cândido* precisa ser lido também como ironia ao otimismo de Leibniz e, particularmente, da sua convicção de este ser "o melhor dos mundos possíveis".

O Tratado sobre a tolerância

Tudo nasceu de um fato que realmente aconteceu em Toulouse, em 1762. Um jovem chamado Lavaisse foi convidado para jantar na casa dos Calas. Infelizmente, no entanto, no fim da refeição, o filho mais velho, Marco Antônio, é encontrado morto, enforcado, na adega. Quem foi? Os suspeitos são: o pai, a mãe, o irmão, a criada e o próprio Lavaisse. No que diz respeito ao motivo não há dúvidas: alguns dias antes Marco Antônio expressara o desejo de converter-se ao cristianismo, e talvez tenha sido eliminado justamente para impedir que realizasse a sua intenção. Estoura um verdadeiro levante entre os habitantes de Toulouse. Todos pretendem que Jean Calas, o pai, seja submetido à "roda" e que os demais suspeitos, inclusive a criada, sejam aprisionados. Jean Calas é finalmente executado. Três anos mais tarde, porém, acabam descobrindo que Marco Antônio havia se suicidado.

Voltaire aproveita a ocasião para convidar os leitores à tolerância, a não se deixarem levar pela emoção e a pensarem duas vezes antes de agir. Nada existe de mais perigoso, diz, do que o fanatismo. Nos dias de hoje este tratado poderia ser dedicado a Bin Laden.

A propósito de Voltaire,

há um pensamento dele que ficou particularmente gravado na minha mente: o que diz que não foi Deus a criar os homens, mas sim os homens a criarem Deus a sua própria imagem e semelhança. Para sermos mais precisos, ele afirma que se Deus não existisse seria preciso inventá-lo, e eu só posso concordar com ele. E foi por causa desta ideia que a Igreja o perseguiu durante toda a sua vida. Por outro lado, não

podia haver dúvidas quanto ao fato de ele ser alguém que duvidava: estava estampado na sua cara.

Gostaria de saber onde se encontra agora. Quanto a mim, imagino-o no Purgatório, com mais dez mil séculos ainda a serem expiados, em companhia de Newton e de Locke. Conversam de filosofia, riem, contam histórias e depois, plenamente de acordo, decidem ir todos juntos para o setor dos "materialistas": vão gozar La Mettrie.



Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780)

XX
ÉTIENNE BONNOT DE CONDILLAC

Ao descrever os filósofos da época moderna, reparei que muitos eram padres, que vários eram barões, que alguns tinham as costas quentes devido a alguma nobre dama que os protegia e que quase todos acabaram os seus dias em algum castelo. Pois bem, foi justamente isso que também se deu com Étienne Bonnot de Condillac: nasceu em Grenoble em 1714, tinha um antepassado barão, tornou-se abade de Condillac, foi protegido pela marquesa de Tencin e finalmente morreu em 1780 num castelo de propriedade da nobre dama.

Quanto aos estudos, frequentou (como sempre) primeiro os jesuítas, depois os padres do Saint-Sulpice e finalmente a Sorbonne, a prestigiosa universidade fundada cinco séculos antes por Robert de Sorbon. Ao completar 26 anos, também decidiu tornar-se padre. Ao mesmo tempo, no entanto, afastou-se da teologia para dedicar-se um pouco mais à filosofia. Leu tudo o que havia para se ler sobre Locke, Newton, Bacon e La Mettrie e conheceu pessoalmente os enciclopedistas.

As obras

Começou com uma *Dissertazione sull'esistenza de Dio*, para em seguida continuar com um *Saggio sull'origine delle conoscenze umane* (1746). Depois disso escreveu um *Trattato dei sistemi* e um *Tratado das sensações* (1754).

O pensamento

Condillac era um *sensista*, isto é, acreditava mais nos sentidos do que na razão. No seu primeiro ensaio começa logo dizendo que as ideias não nascem da sensação e da reflexão juntas (como Locke afirmava), mas sim apenas da sensação. Então, graças a um encadeamento de reflexões sucessivas (tais como a curiosidade, o julgamento, a pesquisa e a paixão) as

mencionadas sensações chegam ao conhecimento.

Famoso é o exemplo da estátua. Condillac diz: vamos supor que somos uma estátua desprovida dos sentidos e que Deus, a certa altura da nossa vida, tenha nos presenteado com o olfato. Depois disso, Deus aproxima do nosso nariz uma rosa. Nós percebemos o perfume e experimentamos prazer. Logo a seguir, no entanto, sempre Deus nos faz cheirar um odor desagradável, o fedor de um cadáver, por exemplo. Descobrimos que existem o prazer e a dor. O mesmo irá acontecer com a vista, o ouvido, o paladar e, finalmente, com o tato, o mais importante dos cinco sentidos. Por que é o mais importante? Porque é o único que nos permite um contato com o nosso próprio corpo: ou seja, o de apalpar e de sermos apalpados.

Sempre devido a tal estátua, Condillac foi acusado de plágio por Buffon e Diderot. Disseram que não havia sido o primeiro a usar o exemplo da rosa, e que até a estátua que ganha um depois do outro os cinco sentidos não era coisa dele. Que coisa feia! A filosofia deveria passar por cima deste tipo de mesquinharias: não é como uma peça teatral, na qual cada fala fica gravada pelos encarregados dos direitos autorais para que não seja usada em outro roteiro. A partir de Sócrates, com efeito, todo o mundo copiou de todo o mundo, e talvez o próprio Sócrates tenha plagiado mais alguém.

A propósito de Condillac,

e da estátua, acabei me lembrando que lá em meados dos anos 1930 o meu pai jogou-me ao mar completamente vestido da rotunda da Via Parténope. Primeiro perguntou se eu gostava do mar. Então, quando eu respondi que sim, não pensou duas vezes e me deu um empurrão.

A tradição napolitana exige que todos os nascidos no bairro de Santa Lucia (isto é, os lucianos) aprendam a nadar desse jeito: de repente o pai joga o pimpolho ao mar e fica olhando enquanto ele braceja e esperneia, a não ser no caso de também mergulhar, se por acaso o garoto correr realmente o risco de se afogar. Pois é, guardo até hoje na memória aquela dramática experiência. Toda vez que me for possível, evito pular de qualquer trampolim e prefiro entrar na água por uma escadinha, ou então avançando um passo de cada vez, até deixar

lentamente a arrebentação para trás.



Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781)

XXI
GOTTHOLD EPHRAIM LESSING

Gotthold Ephraim Lessing foi o mais importante iluminista alemão. É lembrado como poeta e dramaturgo, mas principalmente como filósofo pessimista. O único desejo que tinha na vida era sofrer, sofrer muito, ter o maior sofrimento possível. Filho de um pastor protestante, levou uma existência toda feita de sacrifícios e mortificações. Nasceu em Kamenz, em 1729, estudou primeiro em Leipzig e depois em Berlim. Arrumou um emprego medíocre como bibliotecário do duque de Brunswick e, já com cinquenta anos de idade, apaixonou-se por Eva König, uma boa mulher que morreu de parto diante dele, junto com o nascituro. No ano seguinte, em 1781, ele também morreu e as suas últimas palavras foram: "Minha nossa, como fui infeliz!"

A sua obra mais importante foi a tragédia *Emilia Galotti* (1772), na qual, com a desculpa de atacar os assassinos da protagonista, criticava a corte do príncipe de Guastalla. Também publicou os *Frammenti di un anonimo*, além de outras peças. Uma dessas tragédias, *Nathan il saggio* (1779), teve até um razoável sucesso de público.

Como filósofo, tratou principalmente de assuntos religiosos em obras tais como *Il cristianesimo della ragione* (1753) e *Sulla nascita della religione rivelata* (1755). Entre os seus demais escritos, finalmente, merecem ser lembrados o *Laocoonte* e a *Drammaturgia d'Amburgo* (1767). Nada de alegre, de qualquer maneira, nada capaz de despertar um sorriso, nem mesmo por engano.

Quanto ao pensamento filosófico, detestava com toda a alma dois tipos de pessoas: os políticos e os religiosos. Certo dia chegou a dizer:

Não existem religiões falsas e religiões verdadeiras. Só existem pessoas que com a sua capacidade de sentir conseguem torná-las mais ou menos críveis.

A propósito de Lessing,

o copo meio cheio e o copo meio vazio vêm desde sempre dividindo a humanidade em duas raças distintas. Eu, graças a Deus, pertenço à primeira, à dos comedidamente otimistas. Para consolar-me, não só gosto de lembrar os aborrecimentos que evitei no passado, como também procuro evitá-los no futuro.

Exemplo: na semana passada peguei um avião de Milão a Roma e, ao chegar, descobri que haviam extraviado a minha mala. Havia diversas coisas indispensáveis nela: o talão de cheques, o caderninho de endereços sem o qual me sinto perdido, as chaves de casa e até mesmo uma foto minúscula do meu primeiro amor. Para me consolar não pensei que o avião poderia ter caído, coisa que felizmente não acontecera, mas decidi que, por maior segurança, a partir daquele momento passaria a ter um duplo molho de chaves, um para levar comigo e outro para deixar na casa de algum amigo, além das duplicatas de todos os documentos que considero importantes.



Gaetano Filangieri (1752-1788)

XXII
O ILUMINISMO NAPOLITANO

A palavra "Iluminismo" já diz tudo! É uma luz que de repente chega onde, até um minuto antes, só havia escuridão. E não foi por acaso que o seu lema era *Sapere aude*, isto é, "ouse saber". Em outras palavras, o Iluminismo foi uma corrente de pensamento rica de otimismo, uma filosofia que (em dialeto) dizia: *"Piccerì, cerca cerca, ca primma o poi truvarrai quaccosa."*[4]

Entre os iluminismos mais importantes do século XVIII, costumamos lembrar o francês, o inglês, o alemão, o milanês e, por que não, o napolitano.

Em Nápoles formou-se um grupo de intelectuais, dito dos "investigantes", que consideravam a Igreja o seu inimigo público número um e que, obviamente, consideravam Descartes o seu santo protetor. Os primeiros "investigantes", em ordem de tempo, foram Pietro Giannone, Antonio Genovesi, Gaetano Filangieri e Mario Pagano, todos pessoas que me lembram da minha primeira juventude, a passada em Nápoles entre escolas, praças e ruas que levavam seus nomes.

PIETRO GIANNONE

Pietro Giannone, na verdade, não nascera em Nápoles, mas sim em Ischitella, perto de Foggia, na Apúlia, em 1676. Em compensação, escreveu uma *Istoria civile del Regno di Napoli* (1723), que foi traduzida em várias línguas e muito apreciada por alguns intelectuais estrangeiros, entre os quais Voltaire e Montesquieu. Ele, o coitado do Giannone, só para enfrentar a religião católica, converteu-se às teorias calvinistas e defendeu a autonomia do Estado. Foi um deus nos acuda! Foi preso na mesma hora e convencido por bem, mas principalmente por mal, a assinar um documento abjurando Calvino. Excomungado pelo arcebispo de Nápoles, abrigou-se em Viena, e então, depois de muitas andanças, chegou a Turim, onde também acabou sendo preso. Aproveitou, porém, a tranquilidade da cela

para escrever as suas melhores obras: os *I discorsi sulle deche di Tito Livio*, a *Apologia della scolastica*, um livro sobre o pontificado de Gregório Magno e uma *Vita scritta da lui medesimo*. Tudo indica, com efeito, que nada exista melhor do que o cárcere para escrever sobre filosofia. Ele ficou tão à vontade que decidiu até morrer lá dentro. Era o ano de 1748.

A sua obra mais conhecida, a *Istoria*, tinha como intuito principal contar a luta entre o Reino de Nápoles e a Cúria Romana. O ensaio afirma claramente que o catolicismo, longe de ser aquela religião sempre disposta a oferecer a outra face, era a coisa mais racista que se pudesse imaginar. Giannone, com efeito, chama as técnicas da Igreja de *piae fraudes*, isto é, de trapaças religiosas.

Na sua outra obra famosa, o *Triregno* (publicada após a sua morte), aumenta a dose: defende a completa supressão do papado e da hierarquia da Igreja, exaltando o deísmo e o materialismo.

ANTONIO GENOVESI

O abade Antonio Genovesi nasceu nos arredores de Salerno em 1713 e morreu em Nápoles em 1769. Começou como discípulo de Giambattista Vico e, na prática, foi o inventor da economia política. Ocupava uma cadeira universitária (a primeira na Europa) onde ensinava como produzir bens e, principalmente, como vendê-los. Mas, cuidado: procurem não confundi-lo com um mercador.

Genovesi afirmava:

Qual é o maior desejo do homem? Evitar o sofrimento. E o que fazer, então, para livrar-se dele? Ganhar um pouco mais do que o necessário para não ter de depender de ninguém.

Depois disso, convidava os ouvintes a não descuidarem da cultura, e com este fim mencionava quatro regras fundamentais:

1) Difundir a cultura o máximo possível.
2) Introduzir a ordem e a economia nas famílias.
3) Usar devidamente o talento recebido de Deus.
4) Tornar mais conhecidas as artes e as ciências.

Como conclusão desses pensamentos, convidou então todos os

napolitanos a "cultivarem as coisas", isto é, a se dedicarem um pouco mais aos fatos e um pouco menos às palavras, o que era quase a mesma coisa que convidá-los a se portarem como milaneses.

Entre as suas obras mais importantes podemos lembrar as *Lezioni di commercio* (publicadas em 1765, nas quais apontou para o grande número de pessoas que, em Nápoles, não trabalhavam e viviam às custas dos outros), *La dottrina del giusto e dell'onesto*, *Le meditazioni filosofiche sulla morale e sulla religione*, a *Logica* e as *Scienze metafisiche*, todos livros que poderiam levá-lo a acabar como Giannone se não fosse pelas amizades e pelos contatos que o protegiam.

GAETANO FILANGIERI

Gaetano Filangieri, filho de Cesare Filangieri, príncipe de Arianello, e de Marianna Montaldo, duquesa de Fragnito, nasceu em Nápoles, em 1752. Levou uma vida bastante agitada: primeiro foi oficial de um regimento de lanceiros, depois advogado e, finalmente, filósofo. Talvez tenha sido o mais típico representante do Iluminismo. Escreveu um ensaio intitulado *Riflessioni politiche sull'amministrazione della Giustizia* (1774), no qual defendia o princípio (novidade absoluta para a época) segundo o qual "A JUSTIÇA É IGUAL PARA TODOS", tanto para os pobres quanto para os poderosos. Foi, por isso, duramente contestado, principalmente pelos poderosos. O livro, de qualquer maneira, fez um grande sucesso, foi traduzido para o inglês e até levado para a América por Benjamin Franklin. Outra obra importante dele foi a *Scienza della legislazione* (1780-1785), no qual apresentou um projeto de reforma social que deveria resolver os problemas econômicos dos menos favorecidos. Conheceu Goethe pessoalmente e este o mencionou na sua *Viagem à Itália*. Morreu em 1788, enquanto estava de férias em Vico Equense.

MARIO PAGANO

Eu tinha dezesseis anos quando me apaixonei por uma garota que frequentava o quinto ano ginasial na escola Mario Pagano. Ela tinha a minha mesma idade e se chamava Concetta, nome atualmente esquecido em Nápoles, substituído por centenas de Deborahs com h e de Jessikas com k.

Naquela época, para dizer a verdade, eu nada sabia de Mario Pagano e só agora descubro que foi um importante iluminista napolitano.

Francesco Mario Pagano nasceu nos arredores de Potenza, na Basilicata, em 1748. Depois de mudar-se para a Campânia, estudou sob a orientação de um tio padre e se tornou primeiro professor de economia na Universidade de Nápoles e depois advogado dos pobres. Era, na prática, aquilo que hoje chamamos de defensor público. De tanto defender delinquentes pobres, acabou sendo acusado de atividades subversivas e trancafiado na cadeia. Em 1799, finalmente, com a instauração da República Partenopeia, subiu ao poder e foi encarregado de elaborar uma nova Constituição. Infelizmente, no entanto, dali a cinco meses Nelson chegou e o entregou aos Borbon, que mandaram para Poggioreale nada menos do que 119 rebeldes, entre os quais o nosso Mario Pagano. Foi enforcado na praça do Carmine.

As suas obras mais conhecidas: *Considerazioni sul processo criminale* (1787) e *Saggi politici* (1791-1792).

A propósito do Iluminismo napolitano,

se há um povo que precisa ser iluminado, este povo é o meu. Se fosse por mim, faria o possível para que os napolitanos se parecessem um pouco mais com os milaneses. Quer dizer, gostaria que falassem menos, que fossem mais concretos e, principalmente, que cuidassem mais da sua vida e menos da vida dos outros.

Mas que ninguém me fale de "filosofia napolitana"! É uma expressão que detesto e que, infelizmente, sou forçado a ouvir o tempo todo, como se fosse invenção minha.

4 *Continue buscando, garoto, que mais cedo ou mais tarde vai acabar encontrando alguma coisa.* (N. do T.)

XXIII
O ILUMINISMO MILANÊS

Quando se fala em café, logo pensamos em Nápoles, mas na verdade seria mais apropriado pensar em Milão. *Il Caffè*, com efeito, foi uma revista literária e filosófica publicada em Milão por um grupo de iluministas também conhecido como "A Sociedade dos Punhos" ou a "Academia dos Socos". O que os socos tinham a ver com o assunto nunca foi devidamente explicado.

De qualquer maneira, bons ou violentos que fossem, não deixavam de ser os maiores *philosophes* que a praça tinha a oferecer naquele período e tencionavam renovar cultural e socialmente a Lombardia e toda a Itália.

No início tudo começou como se fosse a representação de uma peça: cada um escolhia um nome da Antiguidade Clássica e chegava às reuniões envolvido numa túnica branca: Pietro Verri se fazia chamar *Silla*, Cesare Beccaria escolheu o nome de *Pompônio Ático*, Antonio Menafoglio preferiu *Lúculo* e Giovan Battista Biffi apresentava-se como *Cícero*. Ninguém mostrou interesse pelo nome de Nero. Depois, pouco a pouco, as conversas tornaram-se mais animadas e os participantes perceberam que tinham dado vida a um movimento de opinião.

PIETRO VERRI

Podemos considerá-lo um filósofo, quanto a isto não existem dúvidas, e mais precisamente um seguidor do sensismo com profundos conhecimentos econômicos, mas, se examinarmos com mais atenção o seu pensamento, veremos que foi principalmente um político. E de fato os impostos foram um dos seus maiores interesses, levando-o a perguntar a si mesmo se não eram pesados demais e principalmente se eram justos aqueles que oneravam o povo. As suas *Meditazioni sull'economia politica* (1771) tiveram sete edições e foram lidas em toda parte na Europa.

Pietro Verri nasceu em Milão, em 1728, e, como quase todos os protagonistas do nosso livro, começou a estudar com os jesuítas. Era filho

de um conde, mas como o pai era um alto funcionário do governo austríaco, começou a brigar com ele imediatamente. As suas ideias baseavam-se naquilo que hoje em dia poderíamos chamar de "extrema-esquerda", coisa que ele não fazia a menor questão de esconder. E também tinha um problema de dicção: pronunciava o erre preso, como Fausto Bertinotti, o atual líder de *Rifondazione Comunista*.

A primeira coisa que escreveu foi a *Borlanda impasticciata*, uma sátira contra o regime, depois da qual publicou dois ensaios, ambos satíricos, intitulados, respectivamente, *Gran Zoroastro* e *Mal di milza*.

Il Caffè, no entanto, foi uma revista com vida muito curta: apareceu em junho de 1764 e acabou em maio de 1766 por falta de fundos. Escreveram nela todos os intelectuais que moravam em Milão naquele período.

Para entendermos devidamente o pensamento filosófico de Pietro Verri, precisamos também dar uma olhada na sua vida particular. Ele manteve uma intensa relação com Maddalena Isimbardi, irmã de Cesare Beccaria,[5] e então, quando já estava com quase cinquenta anos, ficou inteiramente apaixonado pela sobrinha, de 22 anos, a linda Maria Castiglione. Obviamente a família inteira foi contra: acharam-no velho demais, e ela, jovem demais, e como se não bastasse, um tio monsenhor ainda tentou mandá-lo internar. E foi nessa altura, então, que o nosso Pietro expôs o seu pensamento filosófico. Eis o que disse, mais ou menos, aos seus parentes:

Queridos pais, querido tio, não sei se reparastes que a vida é muito curta e que daqui a alguns anos serei forçado a morrer.

Dito isto, se com a minha Marietta ao meu lado eu ainda puder viver feliz por uns, digamos, dez anos, o que tendes a ver com o fato de eu estar velho e ela jovem demais? Cuidai da vossa própria vida que eu cuidarei da minha. Passai bem.

Não foi por acaso que dali a alguns meses escreveu as *Meditazioni sulla felicità* e o *Discorso sul piacere e sul dolore* (1773), no qual defendeu a tese de que até a dor, afinal, pode ser considerada um bom negócio, pois sem ela não poderíamos apreciar o prazer, tese aliás que mais tarde também foi defendida por Kant. "Entre a dor e o prazer", diz o filósofo prussiano, "a dor é sempre a primeira a aparecer. Então, depois de uma pequena pausa, chega o prazer."

ALESSANDRO VERRI

Irmão caçula de Pietro, nasceu em Milão, em 1741. Deixado de alguma forma na sombra pela fama do irmão mais velho, também colaborou na *Il Caffè*, intervindo, no entanto, com considerações ainda mais críticas. Não suportava, em particular, todos aqueles que após alcançarem o sucesso ficam se sentindo os donos do mundo, e num artigo escreveu:

O homem faz um imenso esforço para galgar o penhasco da verdade, mas então, ao chegar no topo, porta-se como uma criança mimada. Por isso eu digo: vamos tentar ser um pouco mais modestos, uma vez que a origem dos nossos erros, por mais raros que eles sejam, é algo que nunca nos deixa.

Certo dia descobriu Roma e apaixonou-se pela marquesa de Boccapadule. Traduziu em prosa *Hamlet* e *Otelo* e escreveu alguns romances que tiveram um razoável sucesso, tais como, por exemplo, *Le avventure di Saffo* (1780) e as *Notti romane* (1804). Morreu em Roma, em 1816.



Cesare Beccaria (1738-1794)

CESARE BECCARIA

É praticamente o santo protetor dos condenados à morte, totalmente desconhecido na China e em algumas partes dos Estados Unidos. Filho do marquês Giovanni Saverio Beccaria e de dona Maria Visconti, nasceu em Milão, em 1738. Educado pelos jesuítas de Parma, formou-se em direito e iria certamente exercer a profissão de advogado, se não tivesse lido as *Cartas persas* de Diderot. A partir daquele momento ficou tão apaixonado pela filosofia que decidiu ler somente coisas que tivessem pelo menos alguma conexão com o assunto. Determinante foi, então, o seu encontro com os irmãos Verri. Aconselhado por eles, escreveu um ensaio intitulado *Disordini e rimedi delle monete nello Stato di Milano* (1762) e, dois anos mais tarde, o célebre *Dei delitti e delle pene* (1764), um trabalho que o tornou famoso em todos os países civilizados. Mais particularmente, durante a sua permanência em Paris, Diderot, D'Alembert e D'Holbach encheram-no de elogios, sem mencionar Voltaire, que lhe dedicou uma espécie de *hosanna* pelas suas ideias contra a tortura, coisa que provocou o ciúme dos irmãos Verri, que se julgaram roubados e passados para trás: Pietro Verri, entre outras coisas, tinha escrito *Osservazioni sulla tortura*.

Também foi criticado, no entanto: um monge, um certo Ferdinando Facchinei, acusou-o de vilipêndio da religião. Então, receando um processo por heresia, ele tentou viajar ao exterior, mas antes mesmo de chegar à fronteira foi preso.

Os seus temas preferidos foram a pena de morte e a tortura. Quanto à primeira, definiu claramente três motivos que a desaconselhavam:

1) Assim como não temos a liberdade de tirar a nossa própria vida, tampouco podemos tirar a vida dos outros.

2) Está demonstrado que a pena de morte jamais dissuadiu alguém de cometer um homicídio.

3) A pena de morte é um ato contraditório. As leis não podem, ao mesmo tempo, proibir o homicídio e aconselhá-lo como pena.

À parte a pena de morte, também levantou-se bravamente contra qualquer tipo de tortura.

"Um crime", dizia, "ou é certo ou é incerto. Se for certo, é inútil ficar torturando o condenado. Se, porém, for incerto, como iremos saber se a confissão foi de fato verdadeira e não apenas algo que foi arrancado do homem porque já não aguentava a dor?"

Em 1771 Beccaria aceitou cargos públicos e distinguiu-se como

reformador administrativo e judiciário. Morreu em Milão, em 1794.

A propósito de Beccaria,

e da pena de morte, eu não tenho dúvidas: sou a favor da pena de morte facultativa. Deveria caber ao réu a escolha de querer ou não ser condenado à morte. Mais ou menos como aconteceu com Sócrates, quando lhe pediram que escolhesse para si uma pena alternativa. Depois de pensar um momento, ele se declarou disposto a pagar uma pequena multa em dinheiro, isto é, uma pena ridícula quando comparada com a condenação à morte, e então os juízes não tiveram mais qualquer dúvida e o mandaram tomar a cicuta.

Por outro lado, como não preferir a solução final ao cárcere? Vamos pegar a mim mesmo como exemplo: já vivi a maior parte da vida e, se me perguntarem se prefiro passar o resto dos meus dias numa cela pequena e escura, em contato com três estranhos malcheirosos, em vez de uma injeção letal que só leva alguns segundos para me matar, vocês acham que eu ainda teria dúvidas?

---

5 Quanto a relações, embora não chegassem aos requintes de alguém como Voltaire, estes iluministas milaneses não ficaram para trás: o coitado do Cesare Beccaria, por exemplo, além da irmã, tinha uma filha, Giulia, a mãe de Manzoni, que também tinha lá os seus casos.



David Hume (1711-1776)

XXIV
DAVID HUME

Quando alguém vai direto aos fatos, sem muita conversa, costumamos dizer que é prático. Em filosofia, entretanto, uma pessoa assim é chamada de *empirista*. Já encontramos empiristas no nosso caminho, tais como Hobbes e Locke, mas agora, com Hume, vamos conhecer o maior dos empiristas.

A vida

David Hume nasceu em Edimburgo, em 1711. Ainda estudante, dedicou-se aos clássicos gregos e latinos e contentou o pai formando-se em advocacia. Os resultados, no entanto, foram apenas sofríveis, pelo menos do ponto de vista econômico, tanto que ele decidiu dedicar-se ao ensino. Depois de tentar inutilmente que lhe confiassem uma cadeira na universidade local, empregou-se como preceptor junto de uma família aristocrática, em seguida como cavalheiro de companhia (uma espécie de governanta masculina) de um marquês doente mental e finalmente como secretário particular de um general muito rico. Nenhum desses ofícios, no entanto, tornou-o feliz. Afinal, naquela época, não havia muita escolha: ou você trabalhava na casa de algum ricaço ou então ficava desempregado. De qualquer forma, de tanto mudar, acabou ficando muito deprimido e um médico lhe disse que, para curar-se, precisaria tomar pelo menos "um pouquinho de vinho" por dia. E então, levando a cura a sério, o nosso Hume não demorou muito a tornar-se mais etílico do que empirista.

Ao completar 33 anos decidiu ir à França, ficando primeiro em Reims e depois em La Flèche, sempre sem ser considerado grande coisa pelos contemporâneos. Uma segunda tentativa de conseguir uma cadeira na Universidade de Glasgow também fracassou, e dessa vez por culpa das autoridades eclesiásticas, que não gostavam dele devido a uns escritos bastante polêmicos. Aliás, para eu ser ainda mais claro, alguns prelados até tentaram excomungá-lo. Então, graças a Deus, ele conseguiu fugir e voltou

a Paris, onde conheceu Rousseau. O encontro foi um verdadeiro desastre. Dentro de uma semana já tinham começado a injuriar-se, e só não chegaram às vias de fato porque não é desse jeito que os filósofos costumam se portar.

Hume era um gordão com mais de cem quilos. Já passara dos sessenta quando teve um tumor no estômago, para então morrer na sua casa de Edimburgo, em 1776. Os seus últimos ensaios foram publicados postumamente.

As obras

O mais importante dos seus trabalhos foi o primeiro: o *Tratado sobre a natureza humana* (1739-1740). Mandou publicá-lo quando ainda era um rapazola e, como era fácil prever, a obra não teve o menor sucesso. Pior ainda: o ensaio foi considerado "um autêntico aborto de imprensa". Tratava-se de um texto dividido em três volumes: a *Lógica*, o *Conhecimento* e as *Paixões*. Nem por isso, no entanto, Hume desanimou: escreveu-o e o reescreveu várias vezes, dando-lhe em cada versão um novo título: como, por exemplo, *Investigação sobre o entendimento humano* (1747), *Investigação sobre os princípios da moral* (1751), ou então *Diálogos sobre a religião natural*. Entre os seus leitores, de qualquer maneira, não podemos esquecer Kant, que comentou o *Tratado* dizendo: "Despertou-me do meu sono dogmático."

Mais tarde publicou outros ensaios, entre os quais uma célebre *História da Grã-Bretanha* (1754-1757), e dessa vez com um sucesso tão grande que quase ficou rico graças aos direitos autorais.

O pensamento

Mais que na natureza, Hume estava interessado no homem. O que ele queria mesmo era entender o que o homem pensava da vida e da morte. Recorrendo a uma comparação algébrica, podemos dizer que Newton estava para Hume assim como Tales estava para Sócrates. A natureza, dizia Hume, existe na medida em que existe alguém que a observa. Uma paisagem é bonita só se houver pelo menos um espectador para vê-la. E mais: às vezes a mesma paisagem pode tornar-se ainda mais bonita se tivermos a sorte de admirá-la ao lado de alguém de que gostamos. Neste

caso, com efeito, a estamos vendo duas vezes, uma com os nossos olhos e outra com os olhos da pessoa amada. (Comigo isso acontece em Capri, toda vez que levo para lá alguém que nunca viu os Faraglioni.)

O conhecimento é o resultado de uma conexão entre impressões e ideias. Existe, mesmo assim, uma grande diferença entre as ideias e as impressões, pois as primeiras são caracterizadas pela ordem, enquanto as segundas são caracterizadas pela desordem. E não é só: as ideias também se subdividem em ideias simples e ideias complexas. As simples, tais como o vermelho ou o quente, não precisam de um juízo crítico. As complexas, por sua vez, tais como o bonito e o feio, têm a ver com cada um de nós e mudam de pessoa para pessoa e, às vezes, até mudam de um momento para outro. Entre as ideias, além do mais, Hume afirma que existe uma força de atração parecida com aquela que Newton atribui aos corpos. É o que nós costumamos chamar de "associação de ideias" e que ele preferia definir como "doce força que comumente se impõe".

O que mais interessava a Hume, de qualquer maneira, era o comedimento, o sentido da medida, e o comedimento nem sempre concorda com a filosofia. Certo dia, com um aluno que se mostrava devotado demais aos ditames da filosofia, primeiro congratulou-o, para então, logo a seguir, dizer-lhe:

Muito bem, vê-se que estudaste a contento, mas não te esqueças que também és um homem, isto é, alguém capaz de entrar num acordo com a experiência. Peira, *em grego, quer dizer "prova", mas também significa "experiência", e é justamente a ela que precisamos recorrer para buscar ajuda. Só para dar um exemplo, todos vão te contar que é preciso dizer sempre a verdade, mas acontece que nem sempre a verdade torna felizes aqueles que estão à tua volta. O que fazer, então? Pergunta à* peira.

Resumindo, com David Hume o empirismo desembocou no ceticismo.

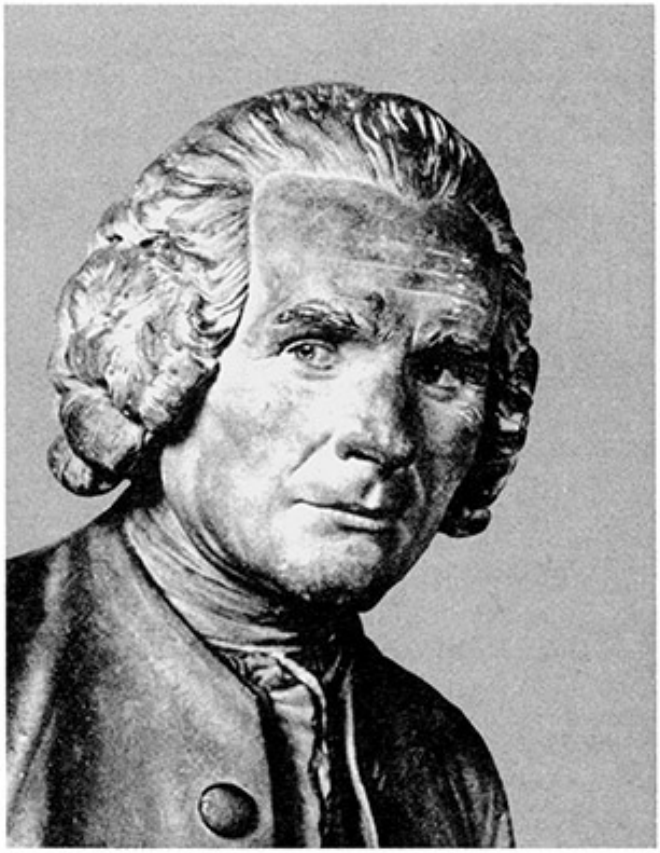
A propósito de Hume,

não posso deixar de pensar que teria dado um excelente programador

de computadores. A sua maneira de raciocinar, com efeito, é a que normalmente se usa na informática. Ele dá a impressão de seguir sempre uma lógica binária. A toda pergunta responde sempre com um "sim" ou um "não", nunca com um "talvez". Para nos darmos conta disso, basta olharmos os títulos do seu Tratado sobre a natureza humana:

– O ceticismo e a razão.
– O orgulho e a humildade.
– O vício e a virtude.
– O bonito e o feio.
– O amor e o ódio.
– A benevolência e a cólera.
– O respeito e o desprezo.
– A liberdade e a necessidade.
– A proximidade e a distância.
– A justiça e a injustiça.

Nunca um título que aceite meias medidas, quando na verdade eu nunca encontrei na vida alguém que fosse inteiramente bom ou inteiramente mau. Às vezes até mesmo o ceticismo e a razão se mesclam como se fossem o café e o leite num cappuccino.



Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)

XXV
JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Para ser franco, nunca tive muita simpatia por Rousseau! Dito isto, devo admitir que às vezes tenho a impressão de entender as suas ideias, mas nem sempre. Agora, de qualquer maneira, procurarei fazer um retrato dele.

Se Descartes raciocinava, Rousseau delirava, ou se preferirem, amava de forma louca e alucinada. Mas qual era o objeto deste seu amor? O mundo inteiro e ninguém, dá vontade de dizer. O que podemos afirmar com certeza é que não se comunicava com vivalma. Hoje em dia seria chamado de autista, isto é, um sujeito que só consegue falar consigo mesmo. Para uns foi o inventor do socialismo, para outros o teórico do sentimento interior, para outros ainda (entre os quais Diderot e Voltaire) apenas uma alma penada.

A vida

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, em 1712. A mãe morreu de parto e ele, desde pequenino, foi criado pelo pai, um relojoeiro tão modesto quanto pobre. Ainda rapazola, começou a ganhar a vida como gravador de metais. Frequentou uma escola calvinista, mas depois, não aguentando mais os seus mestres, saiu e arrumou um emprego na casa de uma nobre dama, uma certa Madame de Vercellis. Três meses mais tarde, a dama morreu e uma joia que lhe pertencia foi encontrada entre as roupas de Rousseau. Apesar de estar apaixonado por uma das criadas, ele a acusou de ter escondido de propósito o objeto precioso nos seus bolsos e fez com que a condenassem por roubo. A partir daí começou a perambular pela Europa à cata de um emprego. Dedicou-se a muitos ofícios, talvez até demais: foi aprendiz de escrivão, trabalhador braçal, professor de música, burocrata e até garçom num restaurante em Turim. Em certa altura teve um encontro que o marcou pelo resto da sua vida: conheceu uma certa Madame Éléonore de Warens, uma dama trinta anos mais velha que ele, que bancou o seu agente literário como amiga e como amante. Ele a

chamava de “mamãe” e ela respondia “meu menino”.

Madame de Warens apresentou-o aos mais importantes filósofos da época e ele brigou com todos. Ela o forçou a frequentar as casas mais *à la page* e ele fez o possível para tornar-se antipático. O próprio Rousseau nos conta, nas *Confissões*: “Infelizmente, eu era um indivíduo intragável.”

Com 32 anos, arrumou finalmente um emprego estável: foi nomeado secretário de embaixada em Veneza. Mal teve tempo de dar uma espiada no canal Grande, no entanto, e foi logo brigando com o seu chefe, o embaixador Montaigu, e, como se já não bastasse, também chegou às vias de fato com uma prostituta de Mestre. Não tendo conseguido levar a bom termo a relação sexual, sentiu-se escarnecido. Coisa que o levou à decisão de nunca mais frequentar as mulheres pelo resto da vida. Depois, como sempre, mudou de ideia e se juntou com uma certa Thérèse Levasseur, uma mulher do povo, parisiense, mais ignorante que sexy. Acolheu-a em casa como empregada *part-time*, isto é, em parte como criada e em parte como amante. Graças a ela, botou no mundo cinco filhos, que acabaram todos no orfanato. “Eram barulhentos demais”, disse certo dia a um amigo, “e não me deixavam estudar.”

Já idoso, aceitou o convite do marquês de Girardin e foi morar num castelo em Erménonville. Então, certo dia, enquanto escrevia um ensaio sobre os perigos dos *passeios solitários*, morreu justamente durante um passeio solitário. Estava atravessando um campo de milho quando pegou uma insolação e caiu inerte no chão. Era o ano de 1778.

As obras

Uma vez que vivia praticamente trancado em casa e passava o tempo todo escrevendo, teve uma produção literária muito farta. Começou com um *Discurso sobre as ciências e as artes*, para então prosseguir com dois trabalhos teatrais, *L’indovino del villaggio* e *Narciso*. Decidiu então entrar na arena, quer dizer, dedicar-se à política, publicando o *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* (1775), um ensaio que antecipava as ideias de Karl Marx em um século. Nem é preciso dizer que o trabalho ganhou-lhe a antipatia de todas as autoridades políticas das redondezas. Na Suíça deixaram até de cumprimentá-lo. Sofreu as críticas mais ferrenhas, no entanto, quando apareceu a *Enciclopédia* de Diderot e de D’Alembert. Ele comentou-a dizendo cobras e lagartos e Voltaire, como resposta, acusou-o

de ter abandonado os filhos num orfanato como se fossem cachorros. Entre 1758 e 1762, finalmente, hóspede do marechal de Luxemburgo no castelo de Montmorency, publicou as suas obras mais importantes: o romance epistolar *A nova Heloísa* (1761), a célebre obra pedagógica *Emílio* (1762) e *O contrato social* (1762).

O pensamento

Que Rousseau acreditava em Deus, disso ninguém duvida: apesar de tudo, porém, lá no fundo, ele tampouco podia deixar de duvidar. Certo dia, numa carta a uma amiga, escreveu textualmente:

Madame, às vezes na escuridão da noite chego a pensar que Deus não existe. Então, um segundo mais tarde, e basta de fato um segundo, vejo o sol surgir por trás das colinas e me ajoelho fazendo o sinal da cruz.

Para ele o homem nasce bom por natureza, tornando-se eventualmente um imprestável, mais tarde, por culpa da sociedade. Seguindo a sua maneira de pensar, poderíamos chamá-lo de comunista religioso. Toda comunidade, afirma, tem os seus próprios interesses gerais que nem sempre correspondem aos individuais.

Sobre a origem da desigualdade entre os homens teve uma inspiração realmente notável: afirmou que todo o mal surgiu quando o primeiro homem pré-histórico decidiu cercar um pedaço de terra e se apossar dele, afastando os demais dos frutos daquela propriedade. Pode ser que tenha sido assim mesmo, mas nunca iremos descobrir o culpado, depois de tantos milhares de anos...

Rousseau vê Deus "em toda a parte". Há trechos, no *Emílio*, nos quais a fé aparece sem qualquer sombra de dúvida. Aqui estão algumas frases significativas:

Recuso-me a acreditar que uma fatalidade cega possa ter gerado seres humanos que pensam.

Uma máquina não pode pensar e não existe espaço, por maior que o possamos imaginar, capaz de conter os desejos, os sentimentos e as inquietações de um homem.

Não são certamente os filósofos que nos conhecem. Um selvagem julga-

nos mais sabiamente do que qualquer filósofo.

Nenhum homem, depois de conhecer o verdadeiro e o falso, deixa de preferir o verdadeiro ao falso defendido por outrem.

O homem é naturalmente bom e, uma vez alimentado, torna-se amigo de todos os demais homens.

Pelo que o próprio Rousseau nos conta, as melhores ideias vieram à sua cabeça durante uma viagem, quando foi visitar Diderot no cárcere, em Vincennes. Aqui está o relato:

Estava com um exemplar do Mercure de France *no bolso e a minha atenção foi chamada por aquilo que havia sido dito sobre as Ciências e as Artes na Academia de Dijon. Pois bem, fiquei extremamente agitado. Mil luzes ofuscaram o meu cérebro e outras tantas ideias amontoaram-se na minha mente. Fui tomado por uma vertigem parecida com a embriaguez.*

Diderot comentou esta última frase dizendo: "Ele era um barril de pólvora pronto a explodir. Falar com ele era quase como conversar com o Diabo." E Voltaire, para não ficar atrás, acrescenta: "Só de ler os seus escritos, fico com vontade de andar de quatro."

Para concluir, o pensamento de Rousseau que mais me impressionou é aquele com que descreve como, a seu ver, deviam ser os espartanos. Eis como ele nos conta, num livro:

Certo dia Pedarete, um espartano, pede para ser admitido no Conselho dos Trezentos e é recusado. Ele não fica nem um pouco zangado, aliás mostra-se até feliz. "Quer dizer que em Esparta há trezentos homens melhores do que eu."

Numa outra ocasião uma mulher, sempre espartana, mãe de cinco filhos, pergunta a um soldado como foi a batalha e, ao saber que todos os seus cinco filhos haviam morrido, exclama: "Estúpido, não perguntei sobre meus filhos, mas sim sobre o resultado da batalha. Quero saber se os espartanos ganharam ou perderam."

O livro em questão acabou na fogueira e ele foi preso.

A propósito de Rousseau,

lembrei mais um colega de escola. Chamava-se Ursomano, mas todos o chamavam de Urso, devido ao caráter. Era extremamente inteligente, mas nunca abria a boca. O primeiro dia que apareceu na sala, achamos que era mudo. Podia resolver um sistema de equações de segundo grau escrito no quadro-negro só olhando de longe e sem usar a caneta. Falar, no entanto, não era com ele. Se perguntássemos alguma coisa, só respondia "sim", "não" ou "não sei". Nas provas escritas era um gênio, nas orais parecia um débil mental. Quando a professora o interrogava assistíamos a uma cena muda. Nunca lhe passava pela cabeça juntar-se a nós num jogo de bola no parque municipal. Certo dia o convidamos para uma festa: era o aniversário de Lauretta, a menina mais bonita da escola. Ele bem que gostava da Lauretta, eu tinha certeza disso. Mesmo porque, ao topar com ela na saída do colégio, gelava, parecia ficar sem ação. Pois é, naquela noite o nosso Urso apareceu na festa, deu os parabéns a Lauretta e foi embora. Sabe-se lá que fim levou!



Marquês de Sade (1740-1814)

XXVI
MARQUÊS DE SADE

"O que precisamos fazer para sermos considerados filósofos?" Para uns bastaria pensar, para outros bastaria ser diferente. Mas até que ponto "diferente"? O marquês de Sade, por exemplo, quanto a ser diferente não perdia de ninguém; no que diz respeito à filosofia, no entanto, pode-se discutir. Eu, dos 24 compêndios de filosofia que tenho em casa, só encontrei um que o citava, o de Armando Plebe pela editora Ubaldini. O nosso bom marquês (estou usando este "bom" só como força de expressão) jamais se considerou um filósofo. Quem passou a defini-lo desta forma fomos nós.

A vida

Donatien-Alphonse-François, conde, dito marquês de Sade, senhor de Lacoste, de Saumane, de Mazan, de Bresse, de Bugey, de Valromey e de Gex, nasceu em Paris, em 2 de junho de 1740, no palácio do príncipe de Condé, seu parente longínquo. Entre os seus antepassados também haveria a famosa Laura de Petrarca. Para torná-lo sádico, contribuiu bastante um tio paterno, o abade D'Ebrueil, um prelado muito estudioso e um tanto libertino (bem mais libertino que estudioso).

Sade passou a infância brincando com o jovem príncipe Louis-Joseph de Bourbon, e contam que ambos achavam extremamente divertido (mas também poderia não ser verdade) torturar cachorrinhos. Seja como for, ao chegar à maioridade, Sade tornou-se oficial da cavalaria e participou da Guerra dos Sete Anos. Ficou noivo, primeiro de Laura Vitoria de Lauris (seu único grande amor) e depois da rica herdeira Renée Pélagie de Montreuil, com a qual casou. Depois que ficou abastado, a sua vida tornou-se um contínuo passar de uma cama para outra sem um só momento de descanso. Para começar, violentou uma pobre moça de dezoito anos, depois deu andamento a toda uma série de relações heterossexuais, bissexuais e homossexuais com criados, atrizes, dançarinas, homens e mulheres que se

prostituíam. O pai de uma das vítimas tentou até matá-lo, mas infelizmente não conseguiu.

Em 1768, na praça des Victoires, convenceu uma jovem mendiga, Rose Keller, a acompanhá-lo até em casa. Então, com a desculpa de ser uma brincadeira, primeiro atou-a à mesa de jantar, em seguida fustigou-a e finalmente estuprou-a. Depois disso trancou-a na adega e toda noite, logo após o jantar, só para manter-se em forma, fustigava-a de novo. Rose Keller, no entanto, conseguiu libertar-se e o denunciou. Sade acabou preso, mas depois de alguns dias saiu do cárcere mais furioso do que nunca e cometeu toda uma série de outros crimes: sodomizou uma cunhada freira, acorrentou quatro moças num estábulo com a ajuda de um criado conhecido como *La Jeunesse*, torturou uma vizinha débil mental, pediu que lhe enviassem cinco garotas menores de Lyon, dando desta forma início ao *Affaire des petites filles*, melhor conhecido como *Os cento e vinte dias de Sodoma* (1782-1785). Em 1775 visitou a Itália: passou por Florença, Roma e Nápoles, e durante a viagem conseguiu acabar na prisão três vezes. Entre cárceres e manicômios passou metade da sua vida "no cativeiro". Tudo isso até que, em 2 de dezembro de 1814, desceu ao Inferno de uma vez por todas.

No seu testamento lemos: "Desejo ser cremado. Façam com que o meu corpo desapareça por completo e para sempre da face da Terra, assim como também espero que desapareça o meu nome."

O pensamento

O sadismo faz logo surgir uma pergunta: como pode um ser humano encontrar prazer no sofrimento de outra pessoa? Pois bem, aqui vai uma explicação: conforme afirmam os psicanalistas, o homem sente a necessidade de provar a si mesmo a própria existência. Quem nos diz isso são Hegel e Fukuyama.

Hegel afirma: o homem não deseja somente o próprio bem-estar, também quer ser reconhecido. E Fukuyama acrescenta: a consideração que o homem tem por si mesmo é diretamente proporcional à atenção que recebe dos seus similares. Os outros, com efeito, devem atestar que ele existe e, se não fizerem isso, ele será capaz de fazer qualquer coisa para que isto aconteça.

Eu sei, eu sei: é difícil de acreditar, mas duvidar da própria existência

também é um problema difícil de se aguentar. E além do mais, que ele, Sade, tenha de fato cometido todas estas maldades é uma coisa na qual só acredito até um certo ponto. Só sei que as descreveu muito bem, e com tamanha fartura de detalhes que em alguns casos nem se consegue chegar ao fim da história.

Aqui está um trecho do romance *Justine*. Quem está falando é o criado.

– Está pronta? – perguntou o conde.

– Estou. Para qualquer coisa – ela respondeu. – O senhor sabe muito bem que sou a sua vítima.

O senhor de Gernande pediu-me então que a despisse, e eu, apesar da repulsa que sentia, fui forçado a colaborar. Tirei a sua roupa e, toda nua, levei-a para junto do homem. Ela estava de pé e lhe mostrou aquela parte do corpo que sabia ser, para ele, a mais aprazível, e que o próprio conde já tinha homenageado na minha pessoa.

Para entendermos melhor, talvez fosse necessário ler o livro *Madame de Sade*, de Yukiu Mishima. Quatro mulheres interagem na história, entre as quais a mulher e a sogra de Sade. A única a defendê-lo é a mulher.

Quando acontece alguma coisa perturbadora, as pessoas só reparam nas aparências, como um enxame de moscas em cima de um cadáver. A minha, no entanto, é uma realidade difícil de se entender. Seria muito fácil, agora, sentenciar que o meu marido é um monstro, quando na verdade é uma mescla de ternuras e crueldades, de sorrisos e de iras. Tanto as costas das putas quanto suas nádegas inflamadas pelos golpes de chibata fundem-se com os nobres lábios dele, com suas doces palavras, com o puro ouro dos seus cabelos.

Existe na nossa língua a palavra "compaixão", um conceito que nos ajuda a compreender o marquês. *Cum pati*, em latim, quer dizer "sofrer junto". Sade, por sua vez, sentia exatamente o contrário: ele gostava do *cum gaudere*, isto é, de gozar, de folgar junto, coisa à qual em muitos casos se acompanha o *masoquismo*, uma mania ainda mais incompreensível.

Devemos esta última especialidade a um escritor teuto-ucraniano, um certo Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895), que escreveu a respeito toda uma série de histórias baseadas no prazer de ser torturado. O encontro entre o *sádico* e o *masoquista* é um lance de sorte para ambos. E como se

isso já não bastasse, também existe o sadomasoquismo, isto é, a mistura das duas perversões.

A propósito de Sade,

a coisa que não posso lhe perdoar é a maneira com que descreveu o Carnaval de Nápoles. Pelo que ele conta, naquele dia os napolitanos construíam diante do Palácio Real uma espécie de grande armação de madeira na qual pregavam, ainda vivos, animais de todos os tipos: ovelhas, galinhas, marrecos, coelhos, aves, patos e lebres. Então, ao meio-dia em ponto, um tiro de canhão dava o sinal e cinco mil napolitanos, conhecidos como lazzaroni, *saíam como loucos, de faca na mão, subindo furiosamente pela armação de madeira e arrancando os bichos com os dentes, entre a sinistra gritaria dos espectadores e as alegres risadas da família real. Resultado da "festa": uma média de oito mortos entre os* lazzaroni *em cada Carnaval.*

Pode ser que fosse verdade, não vou negar, mas conhecendo os napolitanos, francamente não posso imaginá-los arrancando os animais a mordidas, para então esfaquearem uns aos outros. Acho muito mais provável que tirassem de lá o que podiam, com o maior cuidado, para então levar tudo para casa e preparar um bom jantar.



Adam Smith (1723-1790)

XXVII
ADAM SMITH

Até agora falamos de razão (Descartes), de maldade (Hobbes), de substância (Spinoza), de fluxos e refluxos históricos (Vico), de sensismo (Berkeley) e de tolerância (Voltaire). Agora é a vez da economia e, portanto, de Adam Smith.

A vida

Adam Smith nasceu em Kirkaldy, na Escócia, em 1723. Foi discípulo do moralista Francis Hutcheson e ensinou na Universidade de Glasgow, onde ocupou durante doze anos a cadeira de professor de lógica. Em 1759 publicou a *Teoria dos sentimentos morais,* a sua obra filosófica, e continuaria provavelmente a falar de sentimentos e atos nobres não fosse pelo duque de Buccleuch, que, certo dia, o levou consigo para Londres, Paris, Toulouse e Genebra. No continente, Adam tornou-se amigo de David Hume e dos fisiocratas Turgot e Quesnay, e escreveu o trabalho no qual expôs as teorias econômicas que o tornaram famoso: *A riqueza das nações* (1776). Morreu em Edimburgo, em 1790.

O pensamento

Com o seu *homo homini lupus*, Hobbes afirmara que todo homem nasce inimigo do seu vizinho. Adam Smith, por sua vez, pensava exatamente o contrário: o homem nasce bom por natureza e, enquanto se desenvolve, aprende a sentir cada vez mais simpatia pelos seus similares. Para Smith, a palavra "simpatia" significa paixão pela outra pessoa e, portanto, vontade de agradar.

Não há como negar que, na vida, ou somos simpáticos ou antipáticos, quanto a isso ninguém tem a menor dúvida. É mais ou menos como nascer bonito ou feio, só que enquanto sempre é possível dar um jeitinho na feiura, com a antipatia não há nada que se possa fazer. Hoje em dia, num

mundo dominado pela televisão e, portanto, pela imagem, ser antipático é o mesmo que ter um defeito físico. À parte o mundo do espetáculo, com efeito, nem mesmo uma carreira política é atualmente imaginável para alguém que seja só um pouco antipático.

Mas não creiam, por isso, que Adam Smith era um mero esteta. A sua presença na história da filosofia está ligada ao estudo da economia, e particularmente da economia industrial, por ele estudada como disciplina científica. Na verdade, aliás, muitos consideram Smith o pai da economia clássica.

Como e por que, então, uma nação se torna rica? Naquela época havia duas doutrinas dominantes: a *escola mercantil*, surgida no século XVII, que se baseava no comércio e nas diferenças entre os custos de produção nos vários países, e a *escola francesa*, que se baseava quase exclusivamente nos produtos agrícolas. Ambas defendiam as proteções alfandegárias. Então, um belo dia, chegou o progresso, e agora, graças à especialização da mão de obra, à introdução das máquinas e à divisão do trabalho, a produtividade aumentou a tal ponto que um trabalhador pode viver muito melhor do que qualquer antepassado seu, mesmo que fosse um príncipe, mas reinando numa zona da terra povoada por homens primitivos.

Smith, na prática, identifica a riqueza com a divisão do trabalho. Descobre que para se fazer um alfinete são necessárias dezoito fases de manipulação (quem diria!) e que, uma vez que tais fases forem entregues a vários trabalhadores, o custo final se torna muito menor.

É o mesmo princípio usado por Mestre André, um fabricante de brinquedos da rua Sergente Maggiore, que ao entregar cada fase de trabalho a um dos seus filhos (tinha onze) conseguia produzir bonecas por um custo muito baixo. Um cuidava dos cabelos, outro das roupas, mais outro dos olhos, mais outro ainda dos sapatos, e havia até um que só cuidava de colar a etiqueta com o preço.

A propósito de Smith,

tenho de confessar: sou egoísta e faço o possível para ganhar mais do que o meu amigo Mário. Fico correndo de um lado para outro, trabalho

mais e ganho mais. Mas Mário também é egoísta e, ao ver que estou me tornando mais rico que ele, procura revidar. De olho em nós, no entanto, há Antônio, que é ainda mais egoísta que Mário e eu juntos. Ele começa a produzir como um doido, de forma que, sem que nós nem mesmo nos demos conta, aumentamos o PIB, o Produto Interno Bruto da nação. De egoístas que éramos, passamos a ser benfeitores.

Tudo isso, porém, só aconteceria enquanto não aparecesse o grupo da Solidariedade. Ele acusaria a nós três, dizendo que ganhamos demais, e inventaria toda uma série de leis no intuito de reduzir os nossos salários.

Nasce então o Welfare State, *isto é, um conjunto de leis (seguro-desemprego, aposentadoria, assistência médica etc.) que procuram amparar os mais fracos.*

No fim acabamos descobrindo que o princípio da riqueza de uma nação nasce de dois sentimentos opostos: o Egoísmo, que é a direita, e a Solidariedade, que é a esquerda. Poderíamos alcançar a perfeição se estes dois sentimentos conseguissem encontrar o equilíbrio certo, sem nunca um levar a melhor sobre o outro. O comunismo, só para dar um exemplo, foi um fracasso justamente porque ignorou o egoísmo. Todo trabalhador de um regime comunista, com efeito, ao reparar que de qualquer maneira iria ganhar o mesmo, parou de trabalhar.

A cabine eleitoral deveria ser como o box do chuveiro. Na torneira da direita deveria aparecer a palavra Egoísmo, *na da esquerda a palavra* Solidariedade. *Então dependeria da gente, conforme a situação política do momento, regular a abertura da água até chegar à temperatura certa.*



Immanuel Kant (1724-1804)

XXVIII
IMMANUEL KANT

Escrever uma história da filosofia moderna sem mencionar Kant não é possível, como aliás também é difícil escrevê-la falando nele. Corre-se o risco de interpretá-lo incorretamente ou, pelo menos, de omitir alguma parte fundamental do seu pensamento. Eu, como sempre, procurarei retratá-lo, mas ele deveria pelo menos tentar ficar algum tempo parado.

A vida e as obras

Immanuel Kant nasceu em 1724, em Königsberg (atualmente chamada Kaliningrado), na Prússia oriental. O nome, Immanuel, significa "Deus está conosco". O quarto de nove filhos, durante a infância viu cinco dos seus irmãozinhos morrerem, um depois do outro, e talvez tenha sido por isso que passou a ter um certo pendor para aceitar o destino assim como ele é, sem ver nele motivo de muita queixa. O pai tinha o ofício de seleiro e era analfabeto. A mãe, por sua vez, era uma mulher culta e extremamente religiosa, frequentava os pietistas,[6] uma seita protestante formada por pessoas que, apesar do nome, sabiam fazer tudo na vida, exceto sentir piedade. Instigou no filho o amor pela natureza e, principalmente, uma inesgotável vontade de saber.

Ainda menino, Immanuel estudou no Collegium Fridericianum, onde quem ditava as regras era um certo Franz Albert Schieltz, o mais alto representante do pietismo internacional. Então, graças a Deus, matriculou-se ainda muito jovem na Universidade de Königsberg e teve como mestre Martin Knutzen, que lhe ensinou matemática, filosofia e física newtoniana. Foi primeiro preceptor particular na casa de uma família nobre dos arredores, para depois, ao completar trinta anos, receber uma cadeira universitária e o cargo de vice-bibliotecário da Casa Real. Em seguida foi agraciado com outra cadeira universitária, desta vez de lógica e metafísica.

Parece que tinha um caráter bastante alegre. Um aluno seu, o filósofo

Johann Gottfried von Herder, conta:

Apesar da idade, ainda mantinha a vivacidade de um garoto. Estava sempre disposto a brincar. Até mesmo as suas aulas mais eruditas eram entremeadas de chistes. Não ficava indiferente diante de coisa alguma e sentia-se particularmente atraído pela história dos povos. Encorajava todos à leitura e à troca de ideias.

Durante os anos da juventude teve de enfrentar sérios problemas econômicos. Quando os seus pais morreram, o enterro ficou por conta da municipalidade. Ele, de qualquer maneira, jamais se deixou vencer pelo desânimo: continuou a ensinar, apesar do salário de fome. Era pago conforme o número de estudantes presentes na sala. Contam que no fim da aula passava com um pratinho, como na igreja. E não podemos esquecer que naquela época, depois de aprender a ler e escrever, um garoto já não precisava continuar a frequentar a escola.

Do ponto de vista político, podemos dizer que era partidário dos republicanos: não escondeu as suas simpatias pelos americanos durante a guerra de independência e pelos franceses durante a Revolução. O seu ideal era "LIBERDADE DE PENSAMENTO, INDEPENDÊNCIA POLÍTICA, IGUALDADE ENTRE OS HOMENS" e foi justamente devido a esta igualdade que teve alguns problemas com o governo prussiano. Tudo por culpa de um ensaio intitulado *A religião dentro dos princípios da simples razão* (1793). Foi como mexer num ninho de marimbondos!

Testa alta, olhar sereno, rosto luminoso: com esta aparência pacata mantinha, no trabalho, uma precisão absoluta, particularmente em relação aos horários. Acordava quando faltavam cinco minutos para as cinco, às cinco em ponto tomava o seu chá e às sete saía de casa para ir à universidade. Só uma vez chegou atrasado, e foi quando permaneceu na cama, para ler o *Emílio* de Rousseau. Contam que os habitantes de Königsberg acertavam os relógios segundo as suas saídas do portão de casa. Também gostava de convidar os amigos para jantar. Nunca mais de nove e jamais menos de três. "O número deles", dizia, "não deve superar o das Musas nem ser inferior ao das Graças."

Os seus anos mais felizes foram os compreendidos entre 1780 e 1790. Pouco dinheiro, mas um verdadeiro florilégio de intuições filosóficas. Uma depois da outra, publicou as suas obras-primas, os alicerces que lhe

garantiriam para sempre o seu lugar na história: a *Crítica da razão pura* (1781), a *Crítica da razão prática* (1788) e a *Crítica da faculdade do juízo* (1790). Depois do terremoto de Lisboa também escreveu um tratado sobre os terremotos e outro sobre os planetas, que no seu entender eram todos habitados. Amava a poesia e certo dia escreveu:

A noite é sublime e o dia é lindo.
O mar é sublime e os campos são lindos.
O homem é sublime e a mulher é linda.

No que diz respeito às mulheres, não creio que tenha conhecido mais de três. Certo dia disse: "Quando precisava delas, não tinha dinheiro, agora que tenho dinheiro, já não preciso mais."

Nos últimos anos da sua vida sofreu duas desgraças: morreu Frederico II, o soberano que até então o protegera, e foi acometido por uma doença que, além de torná-lo praticamente cego, fez com que perdesse parte da memória. Lembrava tudo do passado, mas não conseguia lembrar nada do presente. Ficava repetindo o tempo todo as mesmas frases, esquecendo que acabara de dizê-las poucos minutos antes. Mas ainda se dava conta disso e pedia desculpas dizendo: "Precisam ter paciência comigo, rapazes, estou ficando velho. Mas vocês podem continuar a tratar-me como se eu ainda fosse uma criança."

Morreu em 1804.

O criticismo

Se eu tivesse de escolher uma só palavra para definir Kant, escolheria "criticismo", isto é, o exato contrário de "dogmatismo". O criticismo funciona mais ou menos assim: você diz uma coisa e eu a critico. Você insiste e eu continuo criticando. Depois de falarmos desse jeito por algum tempo, no entanto, um de nós começa a perceber que o outro até que poderia não estar completamente errado, e então muda levemente de opinião. Muito pouco, é claro, mas o suficiente para que possamos levar adiante a conversa.

Com o criticismo isto é possível, com o dogmatismo, jamais. Criticar, portanto, para Kant não queria dizer "falar mal de alguma coisa", como lemos em muitos dicionários, mas sim examinar, julgar, avaliar e, principalmente, perceber os próprios limites. Este conceito de "defrontar-se

com os limites" é muito kantiano. O "criticismo", com efeito, poderia ser definido como a capacidade de superarmos a nós mesmos. Quando converso com alguém, a primeira coisa que me pergunto é se a pessoa com a qual falo é capaz de superar os seus limites, aqueles que Nicola Abbagnano chamou de "colunas de Hércules do nosso eu". Alguém, a este propósito, achou por bem recorrer à expressão "hermenêutica da finitude", definição douta que, porém, no meu entender, corre o risco de espantar o leitor.

Embora continuando a ser um iluminista convicto, Kant supera a si mesmo no momento em que afirma que os limites da razão só podem ser estabelecidos pela própria razão, tanto que não reconhece a ninguém, nem mesmo à fé, o direito de intrometer-se. Pertencer ao mundo da razão, para Kant, quer dizer ser contrário a qualquer dogmatismo, fideísmo ou fanatismo. E uma vez que isso obviamente se aplica a qualquer forma de fundamentalismo, quisera o céu que hoje em dia houvesse, no Oriente Médio, alguns kantianos a mais e alguns talibãs a menos: não demoraria nada para o terrorismo desaparecer.

A Crítica da razão pura (ou teórica)

Kant começa a *Crítica da razão pura* deixando bem claro o seguinte: o nosso conhecimento tem seu início na experiência, mas não se deve inteiramente a ela. Claro, este conhecimento começou a partir das sensações, que pouco a pouco ele memorizou para depois integrá-las, com o passar do tempo, num conjunto de outros conhecimentos que vieram de fora.

As sensações, em resumo, são os tijolos com os quais começamos a construir os alicerces. Agora, no entanto, é inútil procurar por elas sob o assoalho dos pensamentos. "As sensações nada mais são que as *formas a priori* (universais e necessárias) que nos permitem ter um conhecimento sensível."

Em outras palavras, primeiro sofremos o bombardeio das *sensações*, que, graças ao cérebro, transformamos em seguida em *intuições*. Depois, sempre graças a este processo, acabamos construindo lentamente, dentro da alma, um mundo sensível (o mundo *fenomênico*) para melhor conhecermos aquilo que nos cerca. O objeto do conhecimento racional puro, e portanto oposto ao *fenômeno* que é fruto do conhecimento sensível, é o *noumeno*. E

se então, para nos entendermos melhor, formos remontar ao étimo grego dos dois termos, descobrimos que o primeiro significa "alguma coisa que se manifesta" (*pháinomai*, aparecer), enquanto o segundo deriva de mente (*nôus*).

A mente humana não pode ser comparada com uma *tabula rasa* ou com um espelho inerte que apenas reflete tudo aquilo que vê. É algo, ao contrário, que intervém e modifica a realidade com a qual entra em contato. Assim como já acontecera antes com Copérnico, Kant revolucionou a relação existente entre a mente e as sensações. Para Kant a mente é o Sol que está no meio e ilumina as sensações que ficam em volta. Agora, chamem-na como quiserem, mas a revolução kantiana, a *Crítica da razão pura*, consiste apenas no fato de colocar a mente do homem no centro de todas as nossas intuições.

O problema se complica quando a metafísica entra em cena. A Razão, com efeito, distingue-se do Entendimento na medida em que examina conceitos que nada têm a ver com a experiência e que, por isso mesmo, são chamados transcendentes. Há, no entanto, três ideias ditas transcendentais que ligam o domínio da Razão com o do Entendimento. Estas três ideias são: a Alma (objeto da psicologia), o Universo (objeto da cosmologia) e Deus (objeto da teologia). Agora, meus caros amigos, vamos encarar a situação: da Alma, do Universo e de Deus nós nada sabemos. No máximo, podemos nos arriscar a fazer algumas hipóteses.

Kant também refutou todas as provas da existência de Deus. É, por exemplo, famosa a ironia com que desmontou a prova "ontológica", decorrente da ideia que temos de Deus e que, por ser a própria ideia Dele, bastaria por si para provar a Sua existência. Kant a "destruiu" com este exemplo: eu sei o que são dez táleres, e quanto eles valem, mas isso não quer dizer que os tenha no bolso.

Kant dá início à *Crítica da razão pura* com uma dúvida fundamental. "Mesmo considerando a experiência como base de qualquer pensamento", ele diz, "isto não quer dizer que depois tudo decorra da experiência." No que consiste, então, o que nos leva a pensar? E aí a primeira coisa em que pensamos é Deus. Nada disso, ele faz questão de salientar, existem os "*juízos sintéticos a priori*", que são os que nos fazem raciocinar e que se chamam *juízos* porque julgam, *sintéticos* porque tendem ao essencial e *a priori* porque, sendo universais, não podem decorrer da experiência. Dito isto, o conhecimento nada mais é do que a soma da nossa experiência e dos

juízos sintéticos a priori. E então ele conclui com esta frase: "Há duas coisas que preenchem a minha alma de admiração: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim."

E esta frase, que também ficou como epígrafe no seu túmulo, talvez seja a melhor para servir de emblema do seu pensamento.

A Crítica da razão prática

Kant separa a razão teórica da razão prática, mas mesmo nesta última prefere distinguir entre *razão prática empírica* e *razão prática pura*. Destas últimas, a primeira opera exclusivamente em função da experiência, enquanto a segunda considera a moralidade comum, e ele escreve um ensaio a respeito para nos ensinar, a nós pobres mortais, como distinguir a pura-pura da pura e moral.

A *Crítica da razão prática* trata dos comportamentos morais do homem. Mas cuidado para não confundir: ao dizer *"empírica"*, Kant não alude à existência de uma razão diferente da *"pura"*. Para ele a razão prática é uma só. No máximo, podem ser diferentes os usos que se fazem dela: a prática empírica está ligada à experiência, enquanto a prática pura não dá a mínima para ela.

Para entendermos alguma coisa a mais talvez fosse aconselhável comparar Hobbes com Kant. Ambos desejavam a paz universal, só que se tratava de pazes diferentes. A de Hobbes era a paz absoluta (aquela imposta pelo monstro, pelo Leviatã, e, portanto, pela ditadura), a de Kant, ao contrário, era a paz que vinha junto com a liberdade. Em outras palavras, no caso do Iraque o primeiro iria torcer pelos Estados Unidos, o segundo pelas Nações Unidas.

A Crítica da faculdade do juízo

Na *Crítica da razão pura*, Kant elaborou uma visão da realidade bastante mecanicista, uma visão que não permite qualquer liberdade, a não ser a de pensar. Na *Crítica da razão prática*, ofereceu-nos uma visão de mundo na qual haveria até a possibilidade de vislumbrar a existência de Deus. Na *Crítica da faculdade do juízo* finalmente evidenciou a importância da estética levando-nos a descobrir que o belo, enquanto sentimento de puro prazer, poderia tornar ainda mais bela a vida.

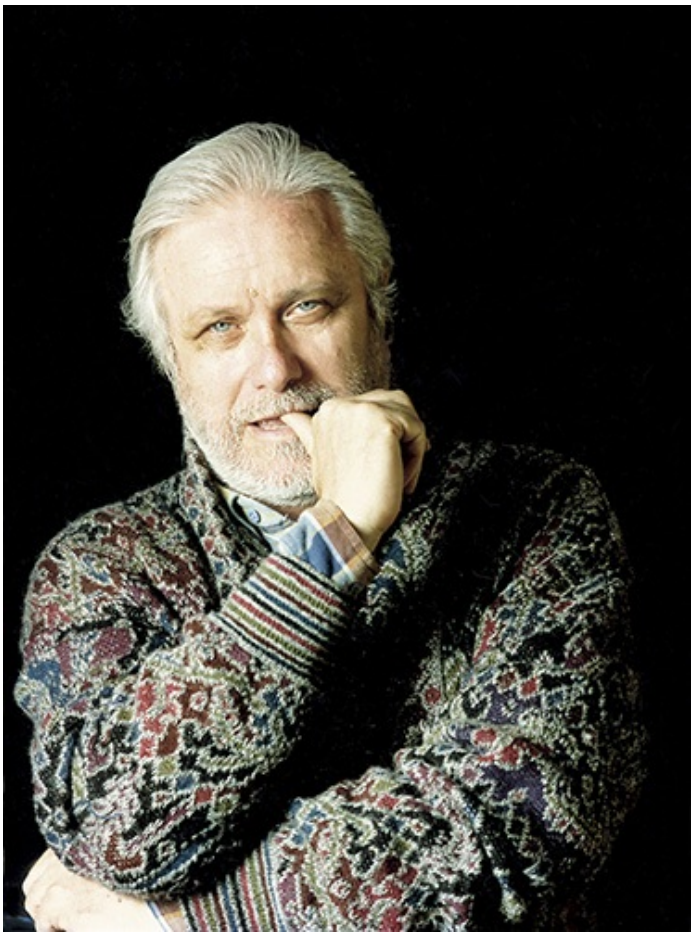
O problema que Kant teve de enfrentar, neste caso, foi saber se existia ou não alguma coisa, um movimento da alma, capaz de julgar (ou melhor, de "conhecer ao sentir"). Esta faculdade, para ele, existe e é a sensibilidade. A multiplicidade da natureza, por exemplo, as suas formas, o universo, a arte não podem ser avaliados pelo mero intelecto, mas sim pela sensibilidade.

A propósito de Kant,

> *o verdadeiro problema com que ele teve de conviver foi a sua paixão pela metafísica. Ele mesmo confessa, nos* Sonhos de um visionário. *"Infelizmente", diz, "sou um apaixonado que não alcançou o objeto do seu amor. Mais eu corro atrás dela, mais ela foge de mim. É a minha sina."*
>
> *Aos olhos dele, a ciência era uma atividade menor que nada tinha a ver com a metafísica. Era uma coisinha que podia ter algum interesse para pessoas como Galileu ou, no máximo, para um bom e esforçado indivíduo como Newton, mas não para um verdadeiro pensador como ele. A metafísica, por sua vez, lá estava noite e dia, escondida atrás de uma cortina, e toda vez que ele ia para a cama, ficava olhando e rindo, forçando-o a fazer a si mesmo perguntas cada vez mais difíceis.*

---

6 Já disse alguma coisa a respeito dos pietistas no capítulo sobre Wolff.



LUCIANO DE CRESCENZO é engenheiro, escritor e diretor de cinema. Autor, entre outros livros, de *Ordem e desordem* e *A dúvida*, ambos publicados pela editora Rocco.